

REVISTA
DA SEMANA

1969 Cr\$ 7,00 em todo o Brasil

A PARADA MILITAR DE SETE DE SETEMBRO

SOFIA LOREN FALA DA ESPANHA





- Por que preciso fazer um Seguro de Vida?

O Sr. Celso Barbosa de Almeida aplica todos os recursos no desenvolvimento de seus negócios. Ao lhe falarem, certa vez, sobre a conveniência de um seguro de vida, que colocasse sua família a salvo dos reveses da fortuna, respondeu: "O pouco dinheiro de que disponho precisa render muito, e na minha mão rende mais do que em qualquer outra. Ademais, eu preciso ter sempre uma reserva disponível, para os casos de emergência. Dinheiro de seguro é dinheiro morto".

Será
 este
 o seu
 raciocínio?

- Se este é também o seu raciocínio o Sr. deve fazer um seguro de vida.

- 1 **PORQUE** o Sr. condiciona a felicidade de sua família a dois fatores instáveis: à eternidade de sua vida e à perenidade do êxito de seus negócios;
- 2 **PORQUE** o Seguro de Vida não representa capital morto - mas capital líquido, realizável na pior fase da existência, ou seja, quando o Sr. não puder mais dar apoio à sua família;
- 3 **PORQUE** o Seguro de Vida não constitui "emprego de capital", mas a cobertura de um risco a que tantas famílias, hoje abastadas, se acham expostas.

O Seguro de Vida é a Solução Ideal e Imediata do seu problema

A' SUL AMERICA - Caixa Postal 971 - Rio de Janeiro

Desejando conhecer outros detalhes da organização "SUL AMERICA", peço enviar-me publicações sobre o assunto.

Nome

Data do Nasç.: dia mês ano

Profissão..... Casado?..... Filhos?.....

Rua..... N.º..... Bairro.....

Cidade..... Estado.....



Sul America

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS DE VIDA
 FUNDADA EM 1895

REVISTA DA SEMANA

Ano 57 — N° 38 — Rio de Janeiro — 22-9-1956

DIRETOR..... Gratuliano Brito
ASSISTENTE..... José Roberto Teixeira Leite

COLABORADORES: E. Tourinho, Fortuna, Sérgio Silveira, Ramon, L. Junqueira, Mendez, W. Guarnieri, J. Ribeiro, M. Tereza e Eneida.

SUMÁRIO

◆ REPORTAGENS

A Ópera de Pequim	4/7
Imprensa Censurada, Ditadura Distorcida	8/9
Cada Um Diz o Que Quer	23/25
Valerie French em Sete Tempos	31/34
Zar, os Demônios e um Certo Senhor Nasser	40/43
Sofia Loren Fala da Espanha	48/50
A Parada de Sete de Setembro	56/61

◆ SEÇÕES

Puxe Pelo Cérebro	10
Literatura e Arte	16/17
Semana em Revista	18/19
Pelas Esquinas da Noite	21
Astrológica	22
Palavras Cruzadas	26
TV Na Revista	27
Por Esse Mundo de Deus	28/29
Itinerário do Brasil	30
A Poeira do Tempo	38/39
Música	44
Revista Há 50 Anos	45
Grand Monde	46/47
Conversa de Mulher	54/55
Último Flash	62
Figura em Foco	63

◆ HUMORISMO

Fortuna	52/53
---------------	-------

◆ LITERATURA

O Homem e... (Eneida)	3
O Homem e o Trapézio (A. Peres)	12/13
Beijos Amargos	51

◆ VARIEDADES

O Enigmático Kapitza	14/15
Que Sabemos das Grandes Religiões?	35
O Homem do Terno Cinzento	36/37

◆ CAPA

SOFIA LOREN (Foto ART FILMS)

Este número consta de 64 páginas.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano	Cr\$ 350,00
Seis meses	Cr\$ 175,00
Registrada — Um ano	Cr\$ 600,00
Seis meses	Cr\$ 300,00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano	Cr\$ 700,00
Seis meses	Cr\$ 350,00

O número avulso custa Cr\$ 7,00 em todo o Brasil, atrasado, Cr\$ 8,00.

Toda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores.

Propriedade da

Companhia Editora Americana

Diretor-Presidente.....	Gratuliano Brito
Diretor-Comercial.....	Ivan Guimarães
Diretor-Gerente.....	Wenceslau Quintais
Chefe de Publicidade.....	J. M. Costa Júnior
Paginação.....	Victor Tapajós
Fotografia.....	A. Vieira e A. Ferreira
Desenho.....	Alberto Lima
Laboratório.....	V. M. Vasconcelos
Redatores e corretores.....	S. L. Guimarães, A. Mendes e S. Sant'Anna

ENDEREÇO E TELEFONES

Rua Visconde de Maranguape, 15

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-9647 — Contabilidade: 22-2550

REPRESENTANTES:

Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Av. 9509, Buenos Aires. Tem agentes em todas as localidades do território nacional.

EM SAO PAULO — DISTRIBUIÇÃO

A. Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69

Fone: 34-1569



O HOMEM É...

◆ Uma gentilíssima senhora francesa, leitora desta revista, mandou-me — por uma crônica aqui publicada sobre gatos — um número da «Lectures pour tous» onde aparece um delicioso artigo intitulado: «O homem é a mais bela conquista do gato». Não terei a pretensão de traduzi-lo aqui, nem poderia fazê-lo pois é um trabalho longo e minucioso. Quero apenas não só agradecer a gentileza da lembrança, como comentar, rapidamente, o artigo. Diz seu autor que os tiranos do mundo inteiro sempre odiaram os gatos o que, naturalmente, para estes últimos é um grande elogio e uma boa credencial. Um parêntese: Hitler e Mussolini odiavam gatos. E mais: todos os apóstolos da Liberdade amaram esses prezados bichos: George Washington, Lincoln e muitos outros, pois a lista é grande, incluindo nela Wallenstein que — segundo conta o artigo — tendo seu gato favorito caído em poder dos suecos numa batalha, comprou sua liberdade em troca de três generais inimigos.

◆ Como sabem os leitores há também psicólogos no mundo empenhados em desvendar os mistérios das almas — chamemos assim — dos bichanos, tendo concluído que eles são dominados pelo instinto; que nascem com a consciência da higiene, coisa que as mães do mundo inteiro têm muito trabalho em ensinar aos seus rebentos; que sua capacidade de ver é tão grande que são capazes de descobrir, numa escuridão, um pequenino grão de poeira. Outro feito notável, pois bem sabemos o quanto há neste mundo de gente adulta que jamais conseguiu ver nem mesmo o chamado palmo adiante do nariz... Aprendemos ainda mais: o gato da África penetrou nos lares egípcios mil e seiscentos anos antes de Cristo e foi então considerado animal sagrado; outros depois acompanharam os exércitos que conquistaram Roma e a Itália, outros foram companheiros dos exércitos romanos nos campos de batalha da Gália e da Alemanha. Até cadáveres de gatos célebres foram descobertos em históricas escavações. Mas só na Idade Média os gatos se estabeleceram como seres comuns em lares comuns e se tornaram os primorosos amigos que todos conhecemos. Nos países da Europa, segundo um recenseamento atual, o número de gatos em casas de famílias é três vezes maior do que o de cães.

◆ O artigo é tão belo que me considerei no dever de trazer aos leitores estas notícias, num momento em que setembro não se define, que continuam o frio e a umidade, a palavra primavera nem sequer é pronunciada e os homens estão ficando cada vez piores, principalmente os homens do governo. Numa época assim com a maldade humana pontificando livremente e tantas ruínas ameaças, não me parece mal falar de gatos; eles são, afinal, fiéis, dedicados, asseados e muito dignos.

x x x

Nota: — Outro leitor desta revista manda me pedir um retrato. Declara que está colecionando fotografias de escritores e que é jovem, afirmativa desnecessária pois só um jovem pode colecionar essa espécie de fotos. Prometo que mandarei brevemente um para a coleção pois nisso a honra é minha. Mas não será melhor imaginar-se alguém do que pessoal ou fotograficamente conhecê-lo?

ENEIDA



MÁSCARAS IMPRESSIONANTES, maquilagens perfeitas, rostos jovens e belos como o dessas



duas chinesinhas, tudo se reuniu na série de espetáculos que a Ópera de Pequim ofereceu.





O GUARDA-ROUPA DO ELENCO CHINÊS QUE ORA NOS VISITA DESLUMBROU A TODOS.

UMA NOITE NA ÓPERA CHINESA

Reportagem de W. GUARNIERI

Fotos de ALBERTO FERREIRA

CONFORTAVELMENTE instalados num dos hotéis próximos ao centro, os 88 componentes do Teatro de Ópera de Pequim (que teve a sua vinda ao Brasil tão ameaçada) atropelam-se, agora, a todo instante pelos corredores atapetados, numa pressa que parece contrariar os princípios da milenar serenidade oriental.

Baixos de estatura em sua grande maioria, e demonstrando irresistível curiosidade por tudo quanto os cerca, postam-se nas janelas fronteiras à Baía de Guanabara, e na ponta dos pés, contemplam, com indistigável prazer, o tráfego veloz dos veículos. Comentários breves, acompanhados de risos um tanto ruidosos, fazem-nos lembrar um grupo de colegas em férias. De quando em vez o elevador social despeja no 3º andar onde se hospedam uma nova leva de imberbes criaturas, palradoras, sorridentes, vestidas à moda ocidental, que, sobraçando embrulhos, despertam a atenção. As portas de alguns apartamentos vizinhos se entreabrem, com o barulho. Risos e vozes femininas, precedem os rostinhos curiosos que assomam à porta para contemplar os recém-chegados que voltam das compras. Diálogos curtos, em chinês quase sempre, terminam por sorrisos galhofeiros.

Foi assim o primeiro dia de permanência da **troupe** no Rio.

O repórter aguarda que o secretário-geral da Companhia, um jovem simpático, e não menos sorridente, professor de línguas de uma universidade em Pequim, desincumba-se da aparentemente fácil tarefa de reproduzir, mimicamente, para o camareiro do hotel, as dimensões exatas da pequena sacola que estava falando subir com a bagagem.

Yu Lin, estranhamente, não se curva reverente como fazem os japoneses seus vizinhos. Cumprimenta, num gesto enérgico, com o busto erguido e dentes à mostra. Convida-nos a sentar no «hall» do luxuoso apar-

tamento. Anotando, cuidadosamente, em seu «carnet» o nome de nossa Revista, e a data de publicação da futura entrevista, dispõe-se a ouvir-nos.

A uma nossa observação com relação a aparência por demais jovem da quase totalidade dos atores que acabávamos de ver, informa-se num inglês razoavelmente bom:

— É um erro julgar a idade dos chineses pelo que aparentam. Muito embora a maioria dos componentes do Teatro de Ópera de Pequim seja, realmente, de elementos jovens, muitos deles, que parecem meninos, já ultrapassaram a casa dos 30 anos...

5 COMPANHIAS PERCORRENDO O MUNDO

Discorrendo sobre os primórdios da organização a que serve como secretário-geral, conta-nos Yu Lin que, somente após a criação do Ministério da Cultura, foi possível o aproveitamento «planificado» dos excelentes dotes artísticos da juventude chinesa, anteriormente, sem chance de se projetar na ribalta. Assim, também, tornou-se possível a formação, inicialmente, de umas poucas companhias de óperas, destinadas em sua maioria a percorrer o exterior em missões culturais de divulgação.

— Nos mesmos moldes do nosso Teatro da Ópera de Pequim, mais 4 outras empresas percorrem, atualmente, o Oriente Médio, o Norte da África, e o Sul da Ásia, acabando, há poucos dias, uma delas de regressar à pátria, para o repouso habitual. E também a ocasião de se renovar o repertório e reestruturar os quadros artísticos, dando oportunidades aos novos.

A mais importante das companhias, é, todavia, a que atualmente nos visita e que se exhibirá também em S. Paulo, numa curta temporada, depois de voltar do Chile e do Uruguai.



ALGUMAS CENAS DO ESPETÁCULO INÉDITO PRESENCIADO NO MUNICIPAL: «OS TRÊS ENCONTROS», PEÇA CLASSICA, QUE MOSTRA A LUTA

— Pretendemos, agora, seguir para o México, onde aguardaremos as negociações com os diversos empresários para completar a tournée pela América Latina.

UMA ÓPERA DIFERENTE

A conceituação de «ópera» no Teatro Chinês difere, fundamentalmente, daquilo que conhecemos como tal, e se aproxima — segundo nos revela — do que entre nós realiza a «Brasileira» o grupo de Solano Trindade, e o Teatro Popular Brasileiro, no gênero folclórico, onde entram bailados e pantominas.

— O teatro chinês — prossegue — tem conteúdo realista. Suas peças são contos históricos, lendas, contos de fada ou descrições de amor, ou ainda histórias de heróis nacionais. Sendo uma arte diferente do teatro ocidental, funde em uma só coisa o teatro, a poesia, a música, a dança, a pantomima, a acrobacia e o colorido das máscaras e das vestimentas. Muito embora não desprezemos o símbolo, o teatro chinês não é propriamente, como julgamos, muitos uma arte simbolista. O uso da máscara, por exemplo, é típico: simbolizamos um rosto vermelho para significar a lealdade; o negro, integridade; o branco, a traição e a maldade.

COMO NASCEU O TEATRO CHINÊS

Refere-se Yu Lin a seguir ao teatro do seu país como um dos mais antigos do mundo, e acrescenta: — O drama no teatro de minha pátria nasceu no século VI, mas esculturas antigas, que datam de épocas anteriores ao nascimento de Cristo, revelam a existência da arte teatral naqueles tempos remotos. No princípio do século VIII começaram a aparecer os enredos mais completos das peças escritas, mas a idade do ouro da literatura dramática chinesa cor-

responde aos séculos XII e XIII. Mais de 4 mil dessas obras sobrevivem e ainda são representadas por todo o país. O século de maior desenvolvimento técnico no setor das artes cênicas foi, no entanto, o XVIII. Aí a «mise en scène» chegou ao apogeu, e o teatro chinês atingiu o mais elevado nível artístico.

Afirma ainda o sr. Yu Lin que o teatro ocidental encontra regular aceitação nas terras da China, citando exemplo de vários autores cujas peças despertam entusiasmo:

— Shakespeare, Molière e Ibsen, entre os clássicos, e O'Neil entre os modernos, têm tido suas peças encenadas com bastante sucesso. Quanto ao Teatro folclórico, como o de Pequim, não apenas se apresenta em casas de espetáculo, como também, e sobretudo, em plena praça pública e nos estádios destinados às competições esportivas, atraindo sempre considerável interesse por parte do público.

Tenta o sorridente Yu Lin explicar-nos como se entrosarão os diversos temas do espetáculo, que vai estrear no dia seguinte no Teatro Municipal.

— A primeira parte constará do que nós chamamos de «teatro tradicional» e tem como palco a China milenar, com suas lendas populares que começam na Dinastia dos Hans (300 A.C.) e terminam nos Sung, no século VIII. Segue-se a apresentação de números musicados, com solistas e instrumentistas típicos com suas canções folclóricas, vindo depois os artistas acrobáticos e finalizando pela apresentação do corpo coreográfico na interpretação de bailados tradicionais, em que figuram, em primeiro plano a Dança das Fitas Vermelhas e da Flor de Lotus.

A PRIMEIRA ATRIZ

Discretas batidas na porta anunciam a chegada de uma jovem oriental de fisionomia harmoniosa e sobranceiras arqueadas. Yu Lin levanta-se e faz entrar

a nova personagem. Após um curto diálogo em chinês apresenta-nos a primeira atriz da companhia — a chin-Fang que nos cumprimenta com uma cortesia exagerada. Tuchi-Fang senta-se junto a nós e dá um magnífico sorriso de simpatia. Informa-nos o senhor Yu Lin que Miss Tuchin talvez seja uma das melhores atrizes de sua pátria e que sua carreira artística custou-lhe anos de trabalhosos estudos.

— Descendendo de uma tradicional família de profissionais da arte cênica, Miss Tuchin ainda não completou 22 anos, mas já desfruta de grande prestígio nos meios artísticos da Nova China. — Informa-nos Yu Lin, com indistigável satisfação. Juntamente com Yam Yum-Ming, desempenha os dois principais papéis femininos na Ópera — fazendo a «esposa favorita».

NEGOCIADA PELOS PAIS QUANDO MENINA

Interrogada pelo intérprete, a voz de Miss Tuchin vem sonora:

— O início, da sua carreira narrada para vocês, é de tal modo estranho — comenta — mas, trata-se de um acontecimento muito comum no meu país, nos tempos anteriores à Revolução. Miss Tuchin, aos 6 anos de idade, foi vendida pelos pais a um rico negociante e empresário teatral para que suas possibilidades artísticas, reveladas precocemente, pudessem ser melhor aproveitadas. Aprimorando-se na arte de representar com os melhores professores, aos 15 anos incompletos tomou parte, pela primeira vez, num espetáculo de adultos, tendo-se distinguido, não só pela sua extraordinária interpretação, como também pela suavidade da voz nas canções folclóricas que tão bem sabia cantar.

Tuchin-Fang baixa discretamente a cabeça ao responder a pergunta seguinte:

EM P

— C
proseq
person
do reg
o Mini
aprovei
Conto
assim,
moldes
carreir
que a
dos pr
de con

Novo
ficativo
um pr
lestra.
sorride
Fala
panhia
Fang,
perceb
(cada
US\$ de
des el
como
chines

Emb
ao pa
ralidad
estado



EM PLENA ESCURIDÃO: A «DANÇA DAS FITAS RUBRAS», PONTO ALTO DA REPRESENTAÇÃO; E UM DETALHE DE «O ADEUS DA FAVORITA».

— Como os «superiores interesses» do **padrasto** — prossegue Yu Lin colidirem com a sua impulsiva personalidade, Miss Tuchin (já agora vivendo dentro do regime instituído por Mao-Tse-Tung) apelou para o Ministério da Cultura, submetendo-se aos testes de aproveitamento para ingressar no Teatro da Ópera.

Conta-nos o intérprete que Tuchin libertando-se, assim, de um possível casamento orientalizado, nos moldes chineses, prosseguiu sôzinha na sua triunfal carreira artística, conseguindo, afinal, reunir economias que a possibilitaram indenizar o **padrasto** ressarcindo-o dos prejuízos advindos com a interrupção do contrato de **compra e venda** efetuado na sua infância.

SALARIOS DE ARTISTAS

Novo diálogo em idioma pátrio e um sorriso significativo de Miss Tuchin fazem-nos compreender que um próximo compromisso vai interromper a nossa palestra. Retira-se a primeira atriz e Yu Lin, volta mais sorridente que nunca.

Falando sôbre o nível salarial dos artistas da companhia, informa-nos que os astros principais (Tuchin-Fang, Yam Yum-Ming e os dois elementos masculinos) percebem, mensalmente, cerca de 800 dólares-chineses (cada dólar-chinês vale 50 cents US\$) — ou seja 400 US\$ dólares, quando em missão no exterior. O restante dos elementos, incluindo o pessoal da administração como éle Yu Lin, ganha, em média, uns 300 dólares-chineses por mês.

AINDA HA CAPITALISTAS NA CHINA

Embora com certa relutância, refere-se agora Yu Lin ao panorama geral do seu país. Discorre com naturalidade sôbre os progressos alcançados com o novo estado de coisas, com absoluta naturalidade e apa-

renta indiferença pelas reações que pudésemos demonstrar.

— Sem dúvida, a China atual encontra-se no liminar de um grande progresso pela oportunidade da exploração de suas inesgotáveis fontes de riquezas. Novas oportunidades desapontam pelo país afora, com a introdução da técnica moderna e do aproveitamento planificado dos valores humanos, antes relegados ao abandono.

Como a sua função absorve grandemente o tempo de que dispõe para os estudos de outros assuntos que não seja teatro, não pode Yu Lin nos fornecer dados precisos sôbre os resultados alcançados pela atual administração. Mas, revela-nos um curioso detalhe, no que tange ao ritmo de trabalho para atingir ao objetivo político a que se propõem os novos dirigentes, ao responder a uma pergunta relacionada com a economia do país:

— Ainda existem muitos capitalistas privados por tôda a China. Calculo que cerca de 40% dos empreendimentos privados ainda permaneçam em poder de seus respectivos donos. Mesmo porque — acrescenta impraticável e quase impossível, seria a nacionalização em massa das pequenas empresas. A nacionalização atingiu até agora apenas ao setor das indústrias pesadas, e assim mesmo porque são iniciativas governamentais recentes.

Diz-nos mais que o novo governo, concorrendo no campo da oferta com os capitalistas particulares, torna quase improdutiva a iniciativa privada, contribuindo por outro lado para que proliferem as denominadas **companhias mixtas**, de que participam capitais particulares e estatais. A constituição de empresas desse gênero, permite ao capitalista participar das ampliações que o Governo promove em suas indústrias, conservando-os como acionistas, auferidores de lucros, embora com suas naturais limitações.

NADA COM OS ESTADOS UNIDOS...

Explica Yu Lin que as considerações que acaba de empreender servem apenas como ilustração à palestra, porque não se encontra autorizado, nem tão pouco, capacitado a discorrer sôbre tão **transcendental** assunto.

O ruído alacre de um novo grupo de jovens que penetra nos aposentos, vem interromper a narrativa. Um dos rapazes traz nas mãos uma folha vespertina que noticia, com ilustrações, a chegada da companhia. Todos riem satisfeitos, rodeando o recém-chegado e apontando, significativamente, para a foto. Comentários galhofeiros podem ser adivinhados pelas expressões brejeiras de suas fisionomias. Um dos componentes, vestindo um terno de **palm-beach**, embora o frio seja particularmente intenso, tira do bolso um original brinquedo que os camelôs cariocas vivem apregoando pelas ruas. Um boneco de matéria plástica (equipado ocultamente com um pequeno imã) que repele instantaneamente, rodopiando nos pés, a aproximação de um pequeno copo que se lhe oferece de pronto.

A brincadeira diverte infinitamente os jovens atores. Murmúrios, num repicar de sílabas ásperas e sincopadas mostram a alegria da novidade.

A um gesto discreto do Secretário-Geral destaz-se a aglomeração, que passa ao apartamento contíguo, redobrando de risos e de entusiasmo.

Finaliza Yu Lin a entrevista, fazendo votos para que a curta temporada (apenas 12 dias no Rio e 6 em S. Paulo) agrade às platéias carioca e paulista. Sôbre o itinerário futuro, a partir do México, mostra-se cepticomear:

— Não creio que seja possível exibir-nos nos Estados Unidos. Muito embora a nossa missão seja estritamente de objetivos culturais não vejo possibilidades de sermos bem recebidos para uma atuação na Norte-América, em face de objeções que fogem à minha alçada apreciar.



INVASORES
FORA COM O
DITATORIALISMO

1935 CENSURA
À IMPRENSA

1937
DITADURA

Imprensa Censurada:

UNIV
FILAN

◆ AL
riocas,
uma v
sob a
centrai
ça que
momen
mentai
tinada

Princ
manife
rios al
do foi
Tirade
qual fo
Aguian
Antôni
deputa
reira,
dos D
dades
fia, e
realiza
nicipa
lidário

Os
passeo
do ve
cartaz
dos p
ção d
a Dita
dura»,
e fina
portag
dora e
Ditadu



D

UNIVERSITÁRIOS CARIOCAS DES- FILAM, SOB A CHUVA, CONTRA A LEI DO ARRÔCHO

◆ ALGUMAS CENTENAS de universitários cariocas, envergando cartazes e levando à bôca uma venda bastante significativa, desfilaram, sob a chuva e os aplausos do povo, pelas ruas centrais da cidade, protestando contra a ameaça que paira sôbre a Imprensa Brasileira, no momento em que inúmeros «juristas» governamentais prepararam, de encomenda, uma lei destinada a suprimir-lhe a liberdade.

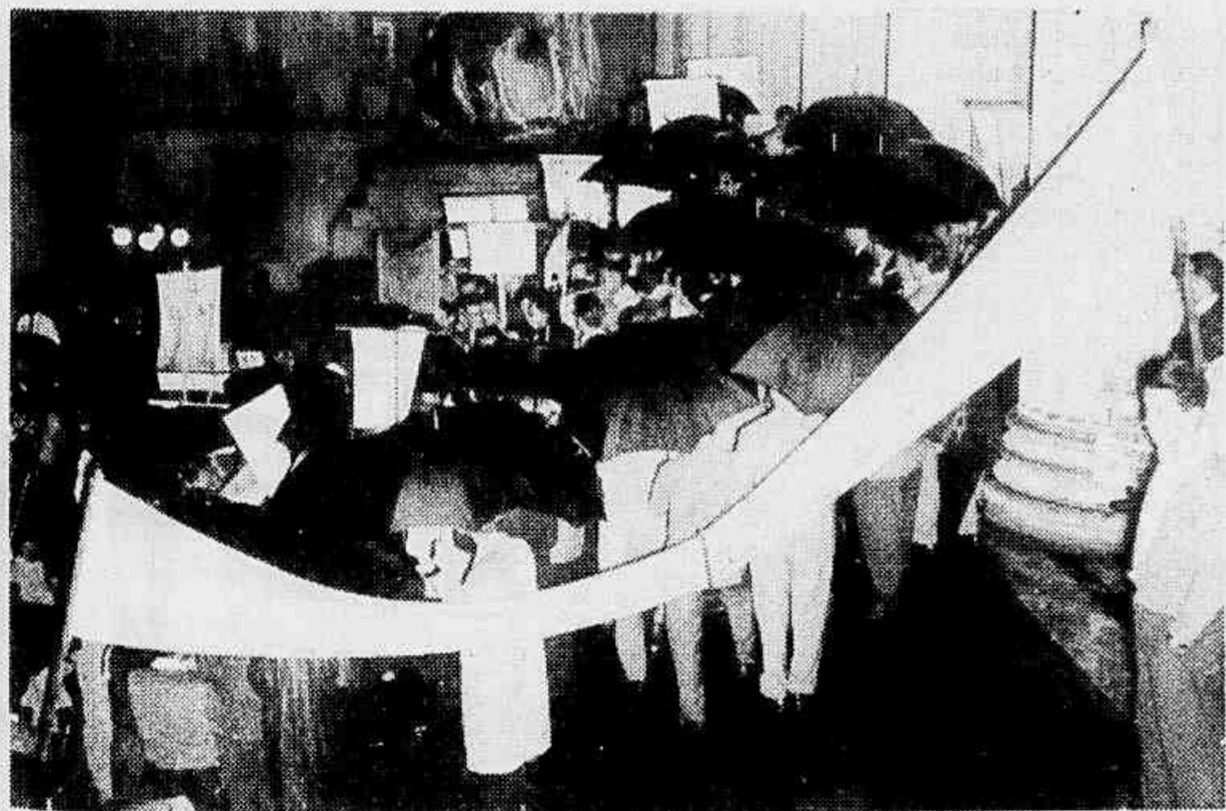
Principiada por volta das dezessete horas, a manifestação dos rapazes e moças universitários alcançou seu auge uma hora depois, quando foi improvisado, nas escadarias do Palácio Tiradentes, um comício-relâmpago, durante o qual falaram, entre outros, o acadêmico Leôncio Aguiar, da Faculdade Nacional de Direito, e Antônio Faria, da Nacional de Medicina, e os deputados Ernani Sátiro, udenista, e Neiva Moreira, do PSP. Antes de chegarem à Câmara dos Deputados, já os acadêmicos (das Faculdades Nacionais de Direito, Medicina e Filosofia, e Escola Nacional de Engenharia) tinham realizado demonstrações diante do Teatro Municipal, ante um público entusiasticamente solidário.

Os policiais destacados para acompanhar a passeata fizeram-no discretamente, não se tendo verificado nenhum incidente. Quanto aos cartazes, eis aqui alguns dos «slogans» exibidos pelos estudantes, e que atraíram a atenção dos populares: «Censura é Caminho para a Ditadura», «1935 — Censura; 1937 — Ditadura», «O CACO é contra a Lei de Imprensa», e finalmente, aquela que dá título à nossa reportagem, e que nos pareceu a mais esclarecedora e feliz dentre tôdas: «Imprensa Censurada, Ditadura Disfarçada».



TIRAM O PÃO, ARROZ
FEIJÃO E MANTEIGA
AGORA A LIBERDADE
NÃO CHEGA?

1935º CENSURA
À IMPRENSA
1937º
DITADURA!



Ditadura Disfarçada

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS,
INFLAMAÇÕES, COCEIRAS,
FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.
NUNCA EXISTIU IGUAL

PARA SUA CÚTIS!

Stonyl

NAS FARMÁCIAS E PERFUMARIAS



COMO APRENDER A DANÇAR

7ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com os últimos passos de Mambo, Bolero, Rumba, Guaracha, Swing, Fox, Tango, Valsa, Samba, Baião, Chôro e Marcha.

Contendo 120 gráficos e 320 passos. Facilitando as damas e cavalheiros a aprenderem, em suas próprias casas, em 10 dias apenas, no início sem cavalheiro ou sem dama.

Método moderno pelo Prof. Gino Fornaciari, diretor do «Curso de Danças Ritz». Aulas particulares: Avenida da Liberdade nº 120 — São Paulo.

Pedidos pelo reembolso postal: Cr\$ 70,00 — Caixa Postal 549 — São Paulo. A venda nas livrarias do Rio e São Paulo.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

- 1—Empregar «mui» por «muito» é:
 - síncope?
 - apócope?
 - sinalefa?
- 2—Que é «casa de Orates»?
 - casa de penhor?
 - habitação coletiva?
 - lugar onde ninguém se entende?
- 3—Morreu em 1935:
 - Vicente de Carvalho?
 - Ronald de Carvalho?
 - Delgado de Carvalho?
- 4—Filho de Jocasta e Laio:
 - Agamenon?
 - Édipo?
 - Heracles?
- 5—O nome completo de Anthony Eden é:
 - Louis Anthony Eden?
 - Robert Anthony Eden?
 - Clement Anthony Eden?
- 6—O gráfico de Gantt é utilizado:
 - em medicina?
 - na organização do trabalho?
 - no cálculo infinitesimal?
- 7—Nasceu do sangue da Medusa:
 - Vênus?
 - Plutão?
 - Pégaso?
- 8—Provou que a histeria também ataca o homem:
 - Freud?
 - Charcot?
 - Havellock-Ellis?
- 9—Que significa «hispido»:
 - ríspido?
 - hirsuto?
 - lívido?
- 10—O lago Caverá fica em:
 - Paraná?
 - Santa Catarina?
 - Estado do Rio?
- 11—Dirigia o «Revêrbero Constitucional», com Gonçalves Ledo:
 - Líbero Badaró?
 - Euclides da Cunha?
 - Januário da Cunha Barbosa?
- 12—A ópera Kukuska é de autoria de:
 - Franz Schubert?
 - Franz Liszt?
 - Franz Lehar?
- 13—Os gladiadores que levavam espada chamavam-se:
 - reciários?
 - mirmilhões?
 - bigais?
- 14—Que é um «mocho»:
 - animal sem chifres?
 - raça bovina?
 - ave noturna?
- 15—O Timor pertence por uma parte a Portugal; por outra, à:
 - França?
 - Holanda?
 - Austrália?

CLASSIFICAÇÃO: — Resposta 0: estado primitivo — homem-macaco; de 1 a 3: cultura inferior — selvagem; de 4 a 6: cultura média — estudante ginásial; de 7 a 11: cultura superior — universitário; de 12 a 14: um sábio; todas as 15: um gênio em pessoa.

RESPOSTAS: 1 — apócope; 2 — lugar onde ninguém se entende; 3 — Ronald de Carvalho; 4 — Édipo; 5 — Robert Anthony Eden; 6 — na organização do trabalho; 7 — Pégaso; 8 — Charcot; 9 — hirsuto; 10 — Em Santa Catarina; 11 — Januário da Cunha Barbosa; 12 — Franz Lehar; 13 — mirmilhões; 14 — todas essas três definições podem servir; 15 — Holanda.

O RISO dos outros

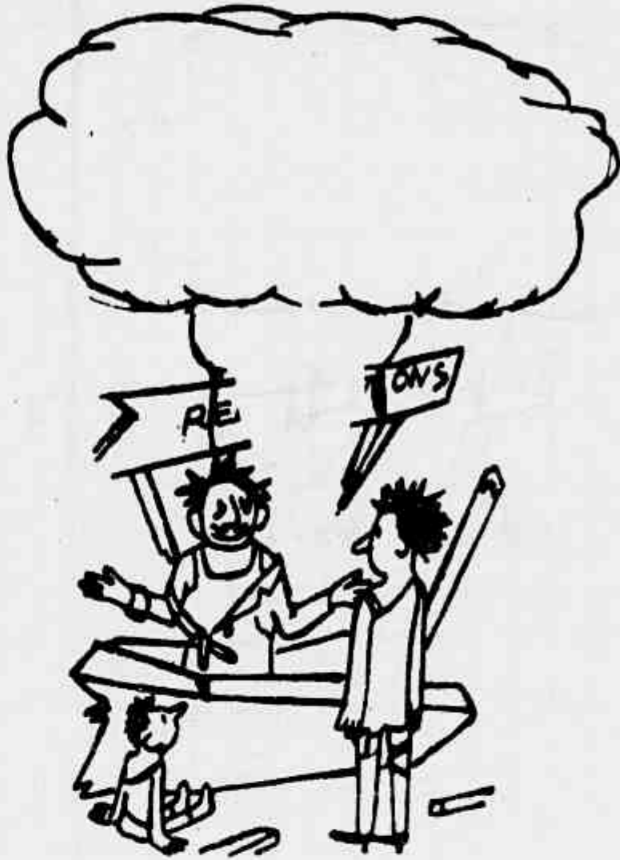
RECLAMAÇÕES



RECLAMAÇÕES



RECLAMAÇÕES



CAÇA AO ACERVO



Myr

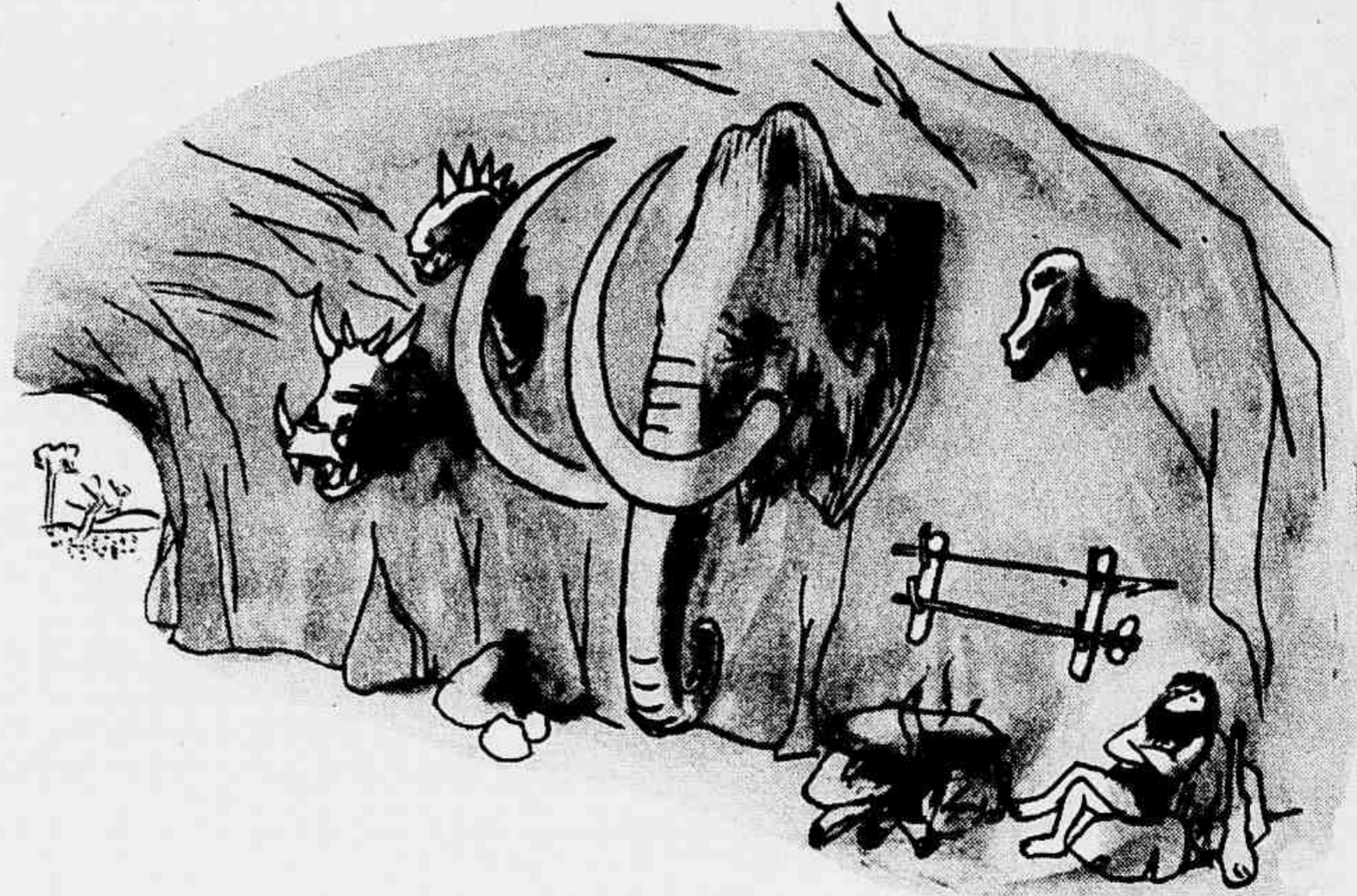
— Ele está escrevendo as primeiras páginas de sua auto-biografia...



— Reclame com êle!



SEM PALAVRAS



TROFÉUS DE CAÇA

ROSA BRANCA — A Rosa branca esfolhava-se naquela enfermaria. Bonita, morena clara, os cabelos curtos em permanente fugindo da touca cuidadosamente arranjada. Os dois pontos de convergência em Rosa eram os olhos debilmente azuis e as mãos macias de contatos analgésicos. Namorada permanente dos hóspedes daquele quarto. Era Valter que mais sentia sua presença, inventando pretextos para tê-la por perto; na ida-de em que estava o odor do feminino despertava-o à distância. Os ver-sos de Marcos nasciam para os olhos de Rosa. Alberto, perna podre e água de colônia, aspirava deliciado o perfume diverso que se aproxima-va de suas narinas. Mesmo Cícero não escapava à atração da Rosa branca, despertando, quando zigzagueava entre as camas, a lembrança sensual da esposa, fazendo-o maldizer a abstenção prolongada.

Conversas baixas possuíam Rosa, sonhos sussurrados poluíam Rosa, havia olhares despindo-a a cada momento, e, quando a dor se eclipsava, mãos crispadas sufocavam Rosa. Nos hospitais as necessidades come-zinhas forçam a aproximação entre enfermeiros e enfermos, desapare-cendo, quase sempre, aquela timidez social substituída pela intimidade promíscua, às vezes torpe. Rosa mantivera-se irredutível à regra geral; conservara-se distante às insinuações brejeiras, não deixando aos seus doentes o direito a qualquer ato menos moral.

Detinha-se Rosa mais vezes junto a Otávio. Guardava muita tristeza aquêle rapaz simpático injustamente segmentado; ainda mais, não pos-sua família, seus colegas de escritório escasseavam as visitas, havendo domingos em que não recebia ninguém. Algo doloroso mantinha os olhos de Otávio semi-cerrados, televisionando além das paredes azuis do quarto.

Rosa interrogara-o algumas vezes; quase nada sabia: um automóvel atropelara-o quando saía da firma a caminho de casa, duas pernas sem corpo foram enterradas. Ela sabia haver uma mulher em sua vida — Teresa — colega de escritório, a única pessoa constante nas visitas; Otávio outro dia, porém, à noite, chamara-a Madalena. Estaria sonhan-do? Tão simpático... braços fortes, corpo rijo... tão bom ser amada por um homem assim.

— O senhor está com febre um pouco alta hoje, senhor Otávio; pre-parei uma injeção.

— Obrigado, Rosa, você tem sido muito paciente comigo. Quando sair daqui talvez a leve para minha enfermeira.

— O senhor sairá curado. Nunca doente algum lembrou-se do hospital após a alta; preferem esquecer completamente esse período, e fazem bem.

Rosa hesitou... Estaria mexericando, mas estava curiosa por saber. Havia pouca gente na enfermaria: o paralítico e o cavaleiro da rosa, mesmo assim na parede contrária, e ambos mergulhados no sono da sesta.

— O senhor lembra-se da noite em que entrei aqui e me chamou de Madalena? Era sua namorada?

Otávio concentrou-se, estranhou a pergunta, visualizou o corpo dis-



O HOMEM E O TRAPÉZIO

Romance de ARINO PERES

Desenho de ZARCO

tante contido no vestido trabalhado, despertou uma lembrança doce e quente em potencial, fixou as pernas ausentes...

Bem que Madalena poderia tê-lo visitado. O próprio Sérgio, aos sábados, indagaria por ele; procurou-o, com certeza, em seu apartamento, soube-a também do desastre. Que diabo! eram amigos, devia tê-lo visitado. Por que não viera? Acaso Madalena contara tudo? Bem possível, mas fôra tolice, não encontrava razão em recompor-se todo o drama após o trágico desfecho.

Os olhos de Rosa descansavam no rosto intransponível de Otávio. Sentara-se sobre a cama, no lugar onde estariam suas pernas, e a Otávio pareceu-lhe sentir o macio contato nos membros inexistentes.

— Madalena, Rosa, foi minhas duas pernas. Perdi-as; nem sei onde estarão agora. Somente isso, Rosa, minhas duas pernas, mas talvez possa caminhar sem elas.

— Vou preparar-lhe a injeção.

Otávio voltou ao restaurante discreto. Descansou os talheres sobre a refeição terminada, pousou os olhos nos negros olhos de Madalena, degustou um beijo informalizado, e deixou-se envolver pelo som doloroso do violino cortado. Insensivelmente encheu a concavidade de suas mãos com as convexas mãos de Madalena... O sinal fechara logo agora; teria tempo de atravessar...

— Dé-me o braço, «seu» Otávio.

Ele estendeu moroso o braço à perfuração da agulha. Algumas gra-

mas de sulca foram adicionadas a seu corpo. Pareciam acariciá-lo as mãos de Rosa, enquanto apertava o algodão de encontro à picada.

— Agora, descanse.

Os olhos debilmente azuis ensombraram-se, aproximaram-se depois confundindo-se numa mancha única, e a boca de Otávio percebeu um gosto antigo quase esquecido.

CAPÍTULO X

ESPERANTO — Otávio espantou-se com a conversa. Que língua era aquela que o velho Leopoldo trocava com o visitante? Sabia alguma coisa de alemão, inglês, francês e espanhol, mas não era em nenhuma dessas que falavam. Não sabia que o velho era pessoa culta, nem que conhecesse outras línguas além do português.

A palestra alongou-se em hieroglifos, exceto algumas poucas pala-vras portuguesas ou semelhantes, entremeadas no diálogo: bela, amika, bona... Que diabo de língua era aquela?

A saída do visitante interrogou o velho:

— Em que língua falavam vocês? Não entendi nada.

— Infelizmente o Esperanto ainda não conseguiu a divulgação mere-



ZARCO

cida. Poucos sabem de sua existência, muito poucos reconhecem sua utilidade.

— Já ouvi algo a esse respeito, não tive a curiosidade de indagar.

— O Esperanto é uma língua artificial. Foi criada por um polonês, Ludovico Lázaro Zamenhoff, que pretendia um entendimento mútuo entre os povos. O Domingos é grande esperantista.

— Por que essa preocupação em criar uma só língua para todos?

— Isso é bíblico, meu caro. Você não desconhece o episódio da torre de Babel, e a incompreensão entre os homens deriva dessa dificuldade de expressão comum. Outro dia mesmo li que o assalto a Pearl Harbor foi motivado pela tradução errônea de alguns caracteres japoneses.

— Invenções de jornalistas, uma única palavra não poderia levar a um caos dessa amplitude.

— Você se engana, Otávio. A importância da palavra construiu o mundo.

— Que pretende o senhor com isso?

— Vejamos o que nos diz S. João. «No princípio era o Verbo...»

Chegava à comichão a preocupação do velho Leopoldo com os textos bíblicos. Era o fenômeno do isolamento. Vivemos de ressonância, sentimos a imperiosa necessidade do eco — o de nossa própria voz, quando estamos sôzinhos; Crusoé buscava o Vale dos Ecos, queria ouvir uma voz, embora a sua própria, porque os ouvidos aprisionam o homem. O velho Leopoldo dialogava com as escrituras, ele já monologara várias vezes com o Cristo do norte.

— Você devia conhecer a gramática do Esperanto; é de admirar a precisão matemática de suas declinações.

— Há coisas intraduzíveis, que mesmo o Esperanto não conseguiria dizer.

— Concordo plenamente, mas nenhuma outra língua o diria também. Sentimentos pessoais não são traduzidos nem pela língua materna. Se a sua saudade for muito grande, você só conseguirá transmitir essas expressões: «tenho uma saudade enorme», «tenho uma grande saudade», «tenho uma saudade muito grande», «tenho uma saudade grandíssima». Veja você, a medida de seu sentimento estará dependendo da escala afetiva de seu ouvinte, sua saudade será bitolada pela escala sentimen-

tal do outro, a extensão própria de sua dor somente você sentirá. Ninguém, além de você, poderá metrificar sua moção.

— O senhor pretende com isso que as palavras jamais traduzem uma sensibilidade?

— De fato, Otávio. Há sempre um lapso de tempo entre o sentir da emotividade e sua transmissão, para vencer esse espaço perde-se energia, e jamais conseguiremos vibrar com a mesma intensidade. Além do mais as palavras são meros símbolos. Quando falamos em cadeira todos sabem o que significa, falando em trezentos milhões de cruzeiros poucos saberão o sentido preciso, se falo em amor muito poucos compreenderão a extensão de meu pensamento.

— O senhor está-me saindo muito filósofo.

— Não, estou apenas calcinando. Nada me adiantará amalhar materialmente, porque já não tenho tempo para dispendê-lo.

Otávio acendeu o cigarro e, num gesto reflexo, tentou afastar as pernas para dar lugar ao velho. Um sorriso velhaco e doloroso assomou-lhe aos lábios.

— Como eu diria, em Esperanto, homem sem pernas?

— Senkrura viro.

— Sonoro, quase dístico tumular. Não acha que foi inútil o trabalho desse homem?

— Não. Mais inútil foi a bomba atômica.

— Inútil? Pode destruir cidades inteiras. O homem conseguiu dividir o indivisível, transformar matéria em energia. Estamos a um passo do início.

— Perfeitamente; evoluímos no processo de retroagir. No princípio nada existia, e chegaremos lá.

— Até com o Esperanto teríamos a bomba atômica.

— Nesse ponto discordo um pouco. A palavra «amo» significaria amor para todos.

— Como é mesmo homem sem pernas, em Esperanto?

— Senkrura viro.

— Viu. Não modifiquei meu estado. Continuo fração.

(Continua no próximo número)

O ENIGMÁTICO KAPITZA

Por M. A. BIEV

Desenho de RAMÓN



buiç
viag
quer
deve
éste
ples

Ar
cede
enén
que
Mas
pess
men

KAP

G
Mar
cres
min
é cl

M
pórt
da
N
me

ções
vero
tudo
que
outr
to c

M
pra
russ

A
tara
disp

O
E' u
que
men

D
pod
tról
long
pen
lhe
sim

C
doz
F
só
tos,
env
o c
van

E
por
to c
Nov

T
DU

A
mu
esp
mir
gos
sell
hav

C
vis

C

O

NEGÓCIO está indo bem — disse-me êle. — Você deve ficar pronto para qualquer momento. Procure evitar qualquer contato com o mundo exterior, da maneira mais discreta possível e sobretudo sem dar prova de importância. E se chegar a ser fotografado faça com que nem mesmo sua mãe possa reconhecê-lo na fotografia. Estas instruções valem para todos, e cada qual deverá aplicá-las a seu modo.

Hesitou um momento, e depois prosseguiu:

— A manutenção diária da missão está em suas atribuições. Receberá tudo o que for preciso para êste fim. A duração da viagem é indeterminada. Nenhum de vocês será esperado por quem quer que seja, nem manterá contato com suas famílias. Carta alguma deve ser escrita, nem que seja de uma só palavra! Não negligenciem êste aspecto. Nada de perguntas! Vestirão trajes civis, e os mais simples possíveis.

André JDANOV, que ocupa dez postos-chaves do poder soviético, concedeu-me onze minutos do seu precioso tempo. Despediu-se com um enérgico apêrto de mão. Não me tratou por «tu» uma única vez. Dizia-se que a única pessoa que Jdanov não tratava por «tu» era Josef Stalin. Mas eu duvido que esta deferência tenha sido feita apenas à minha pessoa. A caminho, cruzamos por um automóvel muito veloz que certamente levava até êle um outro visitante.

KAPITZA CONSERVA SUA BARBA PARA FERSMANN CORTAR

Garanto fazer, sem que seja notado, a transformação do meu aspecto. Mando raspar inteiramente os cabelos, enquanto, por outro lado, deixo crescer a barba. Minhas roupas civis se acham lá, e no momento da minha detenção estarei com o meu dolman de uniforme, sem insígnias, é claro.

Minha barba já estava bastante crescida quando me chamaram ao pôrto de Kronstadt. Estamos a 13 de agosto de 1940. São quatro horas da madrugada.

No «bureau» do general, encontro um civil. Desta vez é Jdanov, que me dirige uma breve saudação.

— Você vai partir dentro de uma hora — disse-me êle. — As indicações sobre a rota... a seguir estão contidas num envelope, que só deverá ser aberto quando houver ganhado boa altitude. Encontrará também tudo o que diz respeito a aterrissagem, tempo, e as responsabilidades que lhe cabem. Receberá, além disso, um passaporte coletivo. Todas as outras instruções lhe serão fornecidas em tempo e lugar oportunos. Quanto aos fundos necessários, ser-lhe-ão entregues, no correr da viagem.

Meu aparelho é um Bw-8n, tipo hidroavião, Douglas-Lockheed, comprado aos Estados Unidos e transformado em anfíbio pelo construtor russo Bolchovitinov.

A um sinal do general Grehn, dois homens avançaram e se apresentaram: «Comandante Drexler, à sua disposição. Capitão Oussov, à sua disposição».

O comandante Drexler eu já o conhecia, mas com o nome de Brigitov. E' um dos mais hábeis pilotos em vôos de longo percurso. Tinha certeza que com êle eu me daria muito bem. Já Oussov me era estranho. Certamente provinha de alguma tropa especial.

De repente, percebo que Kapitza não está presente. Sem êle nada se podia começar. Em seguida, dirigimo-nos, agachados, à sala de controle, onde vemos Jdanov despedindo-se de um civil. Êste usa barbas longas, mas não consegue enganar: é Kapitza. Seus cabelos, geralmente penteados para os lados, estão postos para trás. Esta postura descobre-lhe a fronte, deixando ver um princípio de calvície. Está vestido com simplicidade, mas corretamente.

Conduziram-nos para o aparelho. Cada qual ocupa o seu lugar. Conto doze passageiros e Iermak, o cão de Kapitza.

Finalmente, partimos. Conheço muito mal as manhas do Douglas, e só consigo decolar nos últimos metros da pista. Mas subimos: quatrocentos, setecentos, novecentos metros. Depois, procuro Kapitza e peço-lhe o envelope que deve me dar instruções sobre o destino da viagem. Abro o documento e leio algumas palavras escritas por Kapitza: «Lago Sevang passando por Tiffis».

Eu desconhecia esta rota, entre Leningrado e Kronstadt. Decido passar por Kiev, Odessa e Batoum e, em seguida, voar diretamente para o ponto assinalado. Mas quem vai para Kiev tem forçosamente de sobrevoar Novgorod, rota, aliás, bastante seguida. Drexler controla a manivela.

Todos os passageiros permanecem em silêncio. Kapitza lê QUENTIN DURWARD no original. A seus pés, estendido, dorme Iermak.

Ao lado do professor está sentado um homem de certa idade. Parece muito calmo. Onde mais eu poderia ter visto êste personagem de nariz espesso e de testa ampla? Está muito bem barbeado. Então, penso na minha barba e logo sei: E' Alexander Fersmann, um dos maiores geólogos russos, antigo membro da Academia que também fêz parte do Conselho dos Sete. Acha-se mergulhado em sua cadeira. Disseram que êle havia sido vítima da vaga de terror, mas logo liberado.

O terceiro não me era totalmente estranho; devia ser o general de divisão Iliá Tsykine, especialista em transportes estratégicos. Iden-

tífico ainda um outro que usava uns óculos exclusivamente para modificar a aparência: Ivan Kravall, antigo chefe do Serviço Pan-Soviético de Estatística, demitido e condenado a vinte e cinco anos de prisão por ter falhado numa operação recenseadora. Êle não faz parte do grupo dos poderosos. Que teria vindo fazer aqui?

E aquêle lá, que não conta mais de trinta anos, e que também usa óculos pretos? As proeminentes maçãs do rosto traem sua origem tártara. Não me recordo de havê-lo encontrado em qualquer outro lugar. Mas posteriormente, ao ver uma fotografia do vice-presidente e membro do Politburo. Máximo Zackarovitch Sabourov, soube de quem se tratava.

PASSAPORTE COLETIVO E CADERNETA DE CHEQUES

Julgo ainda necessário tratar de um outro personagem: Vassili Bogdanov. Cinco anos antes era mecânico de locomotiva e um dos primeiros discípulos de Stackhanov. Por isso, conquistou postos os mais elevados. E foi, durante algum tempo, um dos dirigentes do sistema de transportes ferroviários da Rússia. Desapareceu depois da guerra com a Finlândia, mas reapareceu logo em seguida.

Mais um passageiro atrai a minha atenção: um homem sólidamente estruturado, olhar franco e expressão firme. Só consegui saber o seu nome muito tempo depois. E' Vassili Skatchkov, um dos especialistas em energia elétrica, e diretor durante vários anos da usina hidrelétrica de Vilchov, perto de Leningrado.

Mas não conheço os dois últimos. Um deles tem uma gesticulação viva, olhar inquisitivo e esfrega constantemente as mãos. Parece querer demonstrar a todo custo que é um partidário ferrenho de Malenkov.

O segundo inspira confiança. E' bastante reservado e polido. Sua atitude permite suspeitar de que êle faz parte da velha escola. Não seria êle o general Grendhal, que segundo se cochichava mantinha estreitas relações com a operação maior?

Grendhal, além de ser um dos maiores artilheiros do exército vermelho, possui grande dose de conhecimentos no que toca a outros campos das atividades bélicas. Sabe-se, porém, que permaneceu durante muito tempo na obscuridade antes do seu avanço meteórico sobre postos os mais elevados. Ademais, é sobejamente conhecido como técnico em munições. E sua presença indica que Stalin tinha em mente a aplicação prática da energia atômica no exército, a bomba.

Remeteram-me um passaporte coletivo válido para todas as pessoas que lá se achavam. Uma observação no mesmo inscrita diz que o portador tem sob a sua proteção certo número de pessoas. E que estas não devem, sob nenhum pretexto de verificação ou de controle, ser perturbadas no desempenho de suas funções, por mais suspeitas que possam parecer aos olhos das autoridades. E' preciso conhecer o complicado sistema dos passaportes na Rússia para poder compreender a importância do documento que tenho em mãos. O simples mortal, em território soviético, é interpelado vinte vezes por dia e deve, sempre que se exigir, submeter-se a um controle rigoroso, especialmente na Rússia européia, pois quem quer que por ali passe será tomado como um invasor desses campos de trabalho que contam com milhões de forçados.

Os homens do Politburo gostam muito de viajar sob a garantia de um passaporte coletivo. E além desse passaporte, tinha também em meu poder uma caderneta de cheques que me permitia retirar de qualquer agência do Banco do Estado a quantia que bem entendesse. Nos casos de dúvida, o diretor local podia interpellar Moscou antes de entregar a soma. E esta operação não demora mais do que um quarto de hora.

O IMBECIL E' SEMPRE FELIZ

Quando desço sobre as águas calmas e oleosas da baía de Batoum, sinto que venho de realizar o meu último exame de aviador atômico. O vôo não foi mais fácil sobre o mar Negro. E já sobrevoando a Ucrânia encontramos um mal tempo; nesta ocasião, teríamos voado baixo, se a ordem não tivesse sido formal: devemos passar despercebidos e o meu aparelho anfíbio corre o risco de chamar a atenção. Neste caso, é preciso a todo custo, atravessar a zona nublada.

Meus passageiros não se aventuraram a fazer qualquer observação. Durante a viagem haviam falado, comido e bebido à vontade. Agora, em terra, se sentiam fatigados.

Kapitza se entretém com o seu vizinho — o geólogo. De repente, volta-se para mim e diz em bom russo: «DURAKAM VESSIOT» — «o imbecil é sempre feliz» — referindo-se a mim.

Compreendi, então, que êle sabia que eu devia ter seguido a costa e não ter-me arriscado a enfrentar o alto mar! Entretanto, sua crítica não me perturbou. Isto, para êle, deveria ser uma maneira de cumprimentar. Decide-se, então, fazer uma ligeira escala, para estirar as pernas. Neste ponto aparece o «ANT-14». E' um aparelho terrestre. O nosso fiel Bw-8 não convinha muito aos céus caucásios. Mas, na ignorância de nossas futuras necessidades, envio na frente o Bw-8, costeando o mar Cáspio, sob o comando de Drexler.

Em seguida, subimos no ANT-14. Êste aparelho é menor, porém mais confortável. (Continua no próximo número)

"VOCE VAI PARTIR DENTRO DE UMA HORA. AS INDICAÇÕES SOBRE A ROTA A SEGUIR ESTÃO..."

Literatura e arte

JOSE' ROBERTO TEIXEIRA LEITE

POESIA



Poema do amor eterno

Quando eu já não existir,
Busca uma praia solitária.
Estarei no vento que vem do mar.
Quando eu já não existir,
Ouve na solidão das tuas noites
Melodias tristes e profundas.
Eu virei na música.
Serei o rubro do dia a morrer,
A chuva, molhando teus cabelos.
A brisa que te beija a boca.
Estarei no perfume das flores
Que tuas mãos toquem,
Nas estrélas que teus olhos busquem
Serei o fio de luar que te afaga.
Quando eu já não existir,
Descerei nas lágrimas dos fogos artificiais
Deslumbrando a noite.
Perder-me-ei em ti.
No gôsto de champagne estarei
E nos beijos que te derem.
Quando eu já não existir,
Existirá ainda o meu amor
Ardendo nas estrélas
Suspirando na aragem da madrugada,
Tremendo nas canções melancólicas.
Quando eu já não existir,
Fluirei, etérea e enamorada,
Das coisas belas — para ti.

JUCY MARIA



Adalgisa Nery



Marques Rebello

NOTAS E INFORMAÇÕES

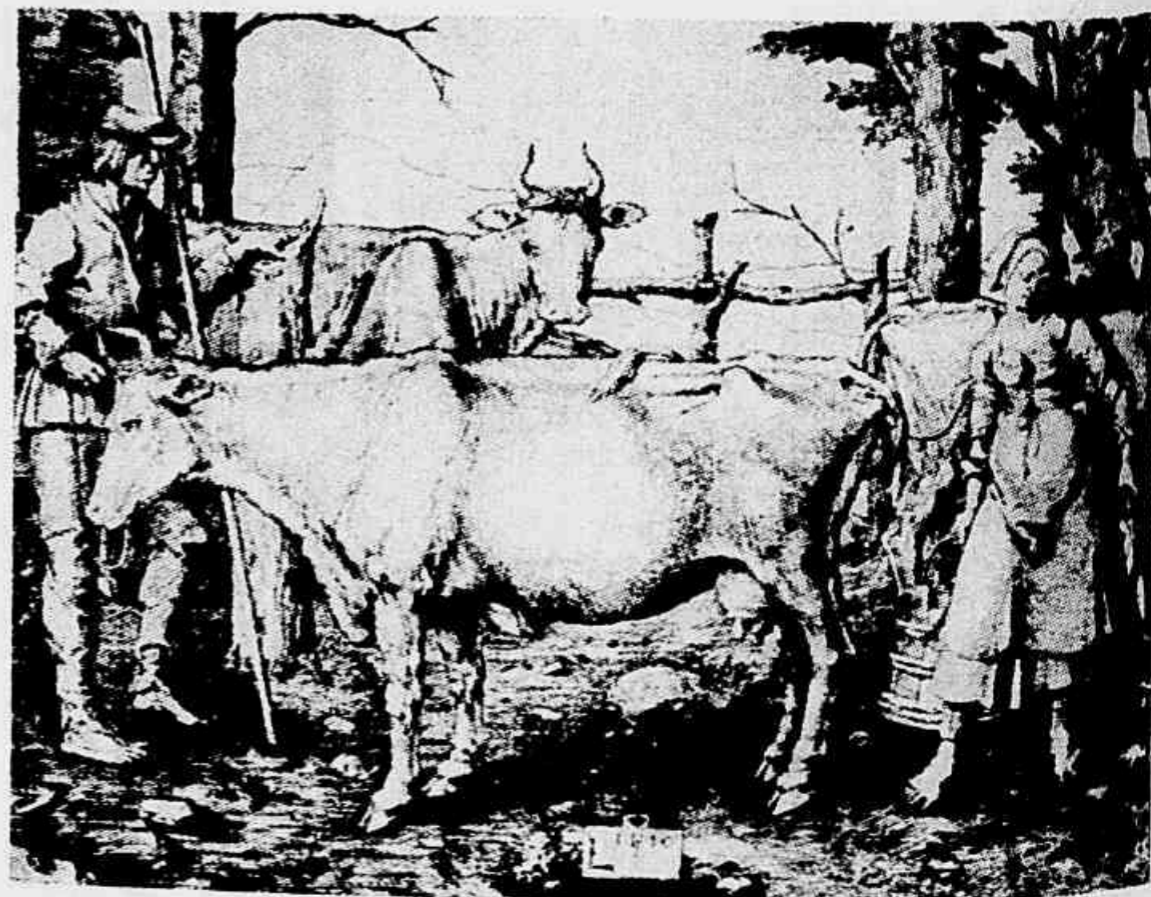
LIMA BARRETO mereceu a honra de uma Edição Completa de suas obras, em dezessete volumes. No dia em que a coleção foi apresentada ao público, enquanto sorvia o uísque de Carlos Ribeiro, um escritor se queixava a outro: «Isso não está cem por cento: Lima Barreto voltar-se-ia, se nos visse tomando outra bebida que não a sua cachacinha, numa festa em sua homenagem...»

POR FALAR em Lima Barreto: Francisco de Assis Barbosa, seu melhor biógrafo até ao presente, apresentar-se-á ao programa «O Céu é o Limite», da televisão, a fim de responder a perguntas sobre a vida e a obra do autor de «Numa e a Ninfa».

CARLOS RIBEIRO estuda a possibilidade de editar uma edição das «Poesias Escolhidas» de Raimundo Correia, poeta cujos livros estão há muito esgotados. Caso cheguem a bom termo as negociações com os descendentes de Raimundo, Waldir Ribeiro do Val será o encarregado da organização do volume.

ADALGISA NERY, que retirou um livro de poesia das mãos de José Olympio, apresentará pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura um volume de versos, «Poemas».

MARQUES REBELLO, definindo a chamada «Geração de 45»: «É uma piada. E de Bocage...»



Lucas Van Leyden — A ORDENHADORA (gravura de 1510)

SÔBRE "O SILÊNCIO E A ROSA"

«Se o quotidiano lhe parecer pobre, não o acuse: acuse-se a si próprio de não ser bastante poeta para conseguir apropriar-se de suas riquezas».

Rilke, *Cartas a um Poeta* — tradução de Fernanda de Castro, Portugália Editora, Lisboa, s/d, página 19).

◆ A POESIA de Wilson Alvarenga Borges, tal como a surpreendemos nas páginas de seu livro de estréia, que é também o livro de estréia da Coleção Clube dos Doze, é uma choraminga inconseqüente, ultrapassada, de diminuto valor humano, e, conseqüentemente, sem grande importância literária (1). Talvez estejamos parecendo, a certos olhos, demasiadamente severos para com um livro de estréia, de autor que deve rondar certamente a casa dos vinte anos. Acontece que os autores de vinte anos crescem, tornam-se maus autores de trinta, quarenta ou cinquenta anos, se não têm quem os oriente em seus primeiros passos. Ora, a nosso ver Wilson Alvarenga Borges — e com êle, infelizmente, muitos jovens — segue orientação totalmente errônea, a entregar-se a um pessimismo desenfreado, cultivando ainda o mal entendido, entre nós tão comum, de que poesia é sofrimento, infelicidade, lágrima derramada. E' certo que existiram grandes poetas infelizes, mas não foi por sua infelicidade que se tornaram poetas. E' necessário que os moços de hoje cultivem uma poesia mais cheia de esperança, isenta do ceticismo arrasador que corrói os versos de tantos dêles. Não se admite um jovem a escrever semelhante terceto:

depois,
os mesmos dias, a mesma monotonia,
e à tarde o sol brilhará sôbre eventuais palmeiras...

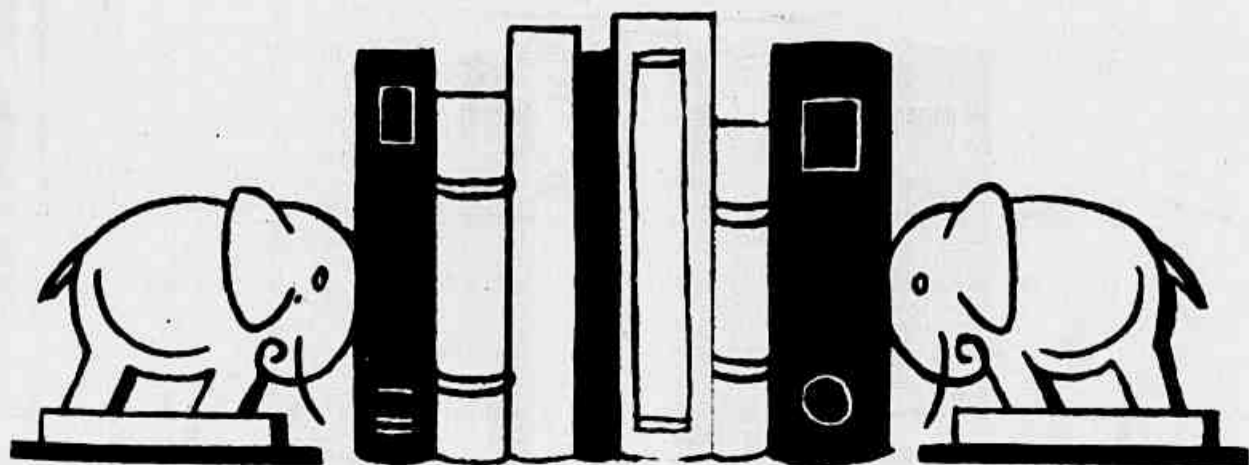
E o que dizer dos seguintes versos:

Ficar olhando a vida
Como quem olha a uma rosa
Prestes a ser desfolhada

senão que são ruins, trazem em si uma carga totalmente absurda de negativismo? Não é o próprio Wilson quem afirma, em seus versos, que **à tarde o sol brilhará**, mesmo que seja **sôbre eventuais palmeiras**? A só certeza de que o sol há de brilhar deve efetivamente bastar-lhe para que aguarde por dias melhores. Não terá acaso lido senão pessimismo, olhando em tórno a vida, tão bela em certos momentos, e que se pode tornar ainda mais bela, pelo nosso próprio esforço? Se existe miséria e infelicidade — e não é preciso procurá-las muito longe para dar de cara com elas — não é com lenços ensopados e com um caderno de maus versos que se conseguirá dissipá-las. Todos têm a obrigação de lutar por melhores dias, por uma vida mais digna. Essa luta principia dentro de cada um. E' terrível, mas também é a única digna de ser tentada.

A palavra de ordem é: esperança. O sol há de brilhar.

(1) — Wilson Alvarenga Borges — «O Silêncio e a Rosa». Coleção Clube dos Doze. Ilustrações de Edson Guedes de Moraes. Prefácio de Geir Campos. Rio de Janeiro, 1956.



NOTINHAS

VERA BOCAYUVA está expondo na Petite Galerie seus mais recentes trabalhos no campo da gravura. Essa conhecida artista e colunista de artes plásticas (*Última Hora*) é sem dúvida dotada de sensibilidade e personalidade, e procura aperfeiçoar-se na difícil arte que escolheu como porta-voz de seus sentimentos.



VERA BOCAYUVA

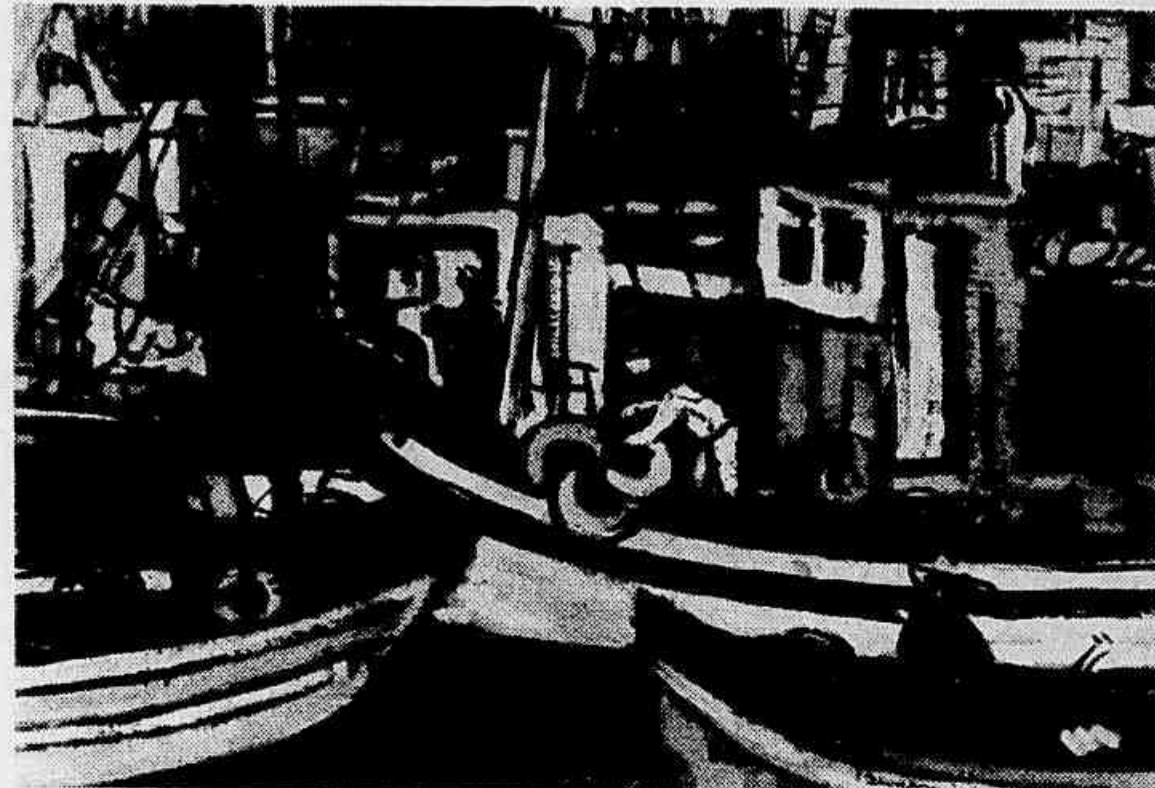
SANSÃO, o fabuloso Sansão Castelo Branco, falecido não faz muito tempo, mereceu da Associação de Cultura Franco-Brasileira de Belo Horizonte as honras de uma exposição.

O PRÊMIO Guggenheim, de mil dólares, destinado a um pintor nacional de excepcional interesse no campo da Arte internacional, acaba de ser concedido a Cândido Portinari, por um júri composto de Santa Rosa, Edson Mota e Antônio Bento. «Guerra e Paz» e «Mulheres Chorando», as duas mais recentes obras de Portinari, muito influíram para essa decisão. Agora, a segunda daquelas peças seguirá para a capital da França, onde concorrerá, com outras de grandes pintores do mundo inteiro, também premiados com os mil dólares da Fundação Guggenheim, a outra lãurea maior, essa de dez mil dólares.

à escolha de um projeto de Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, de acôrdo com a decisão do Júri, presidido pelo Marechal Mascarenhas de Moraes.

REUNIRAM-SE A cinco de setembro os «Amigos da Petite Galerie», tendo sido sorteados livros, entradas de teatro e um quadro, entre êles. O quadro escolhido pela Diretoria, êste mês, foi de autoria de Benjamin Silva, muito moço e já excelente pintor cearense. Benjamin veio para o Rio como funcionário público, e nem de leve imaginava que haveria de se transformar em um artista. Artista que, já hoje, está isento de júri, no Salão Moderno. Sua pintura passou de bidimensional, no principio da carreira, a um estudo mais apurado dos volumes, das obras de agora. Esse trabalho «Barcos», que acaba de ser sorteado entre os Amigos da Petite Galerie, é bastante representativo de suas atuais tendências.

A EQUIPE de arquitetos, esculptores e desenhistas formada por Hêlio Marinho e Marcos Konder Neto, Ceschiatti e Anísio Medeiros e Júlio Catelli venceu o concurso destinado



«BARCOS», de Benjamin Silva



◆ **NINON SEVILLA** compareceu ao cocktail de aniversário do programa Atualidades 13, apresentado por uma de nossas emissoras de televisão. Ela, ao lado de Ernesto Enriquez, produtor mexicano, e de Pedro Torre, organizador do noticioso programa.

◆ **ADEMAR DE BARROS**, após ter sido inocentado do crime que lhe imputaram, crime que envolvia uma urna marajoara milenar, resolveu oferecê-la ao Museu Paulista. Mas Jânio Quadros deu-lhe mais uma lambada, ao negar-se a receber a dádiva, nos seguintes termos: «O Museu pode passar sem essa urna, portanto não aceita o oferecimento. Aceitaríamos, porém, automóveis — Chevrolets, por exemplo —, para sofrer a onda de criminalidade que está invadindo São Paulo».



◆ **NA FACULDADE** Nacional de Direito, os estudantes organizaram um debate tendo por tema a Liberdade de Imprensa, que estaria por um fio, devido à Lei de Imprensa ora em elaboração pelos «juristas» do Governo. Falaram diversos oradores, entre eles o deputado Adauto Lúcio Cardoso. O estudante Alcione Vianna Pinto Barreto, em rápidas e eloquentes palavras, eletrizou os presentes, ao defender a posição dos estudantes a respeito da incrível lei: «Os estudantes estarão sempre contra qualquer medida que, de alguma maneira, venha encerrar a liberdade da imprensa!»

◆ **MAX ADENAUER**, filho do chanceler alemão Konrad Adenauer, chegou ao Rio, em viagem de turismo. Ei-lo ao desembarcar da aeronave que o trouxe, ainda no Galeão, recebido os votos de boas-vindas de um funcionário da companhia de aviação que o transporta.

NACIONAIS

A **COMPANHIA** de Ópera de Pequim, que estreou no Municipal a semana passada, é o grande acontecimento artístico com que conta a cidade. Pena é que os extraordinários cantores, bailarinos e declamadores chineses tenham de partir breve para outros países da América do Sul.

O **MÁGICO** Kalanag, precedido de grande fama, acaba de instalar-se no Teatro João Caetano. Dizem que ele é capaz de fazer desaparecer do palco um automóvel inteirinho, porém isso não é vantagem: no calçadão do porto não se faz outra coisa, há alguns anos.

TITO GUIZAR, que está de novo entre nós, é uma boa atração do rádio e da televisão cariocas, no momento. Ele está velho, porém a voz é sempre a mesma. O mesmo não se pode dizer do tenor Tagliavini, cujo único concerto, no Municipal, foi um caso muito sério. Era uma vez um ex-grande cantor.

FÚLVIA DE CUNTO FADIGAS é a nova atração do programa de perguntas e respostas que tem por limite o céu. A moça responde, com facilidade espantosa, a perguntas sobre o Novo Testamento. É de deixar água na boca a pastor protestante, a coisa. Ela agora ocupa, no espetáculo, a parte de destaque que pertenceu, até a pouco, ao professor Otávio de Medeiros, hoje bibliotecário do Clube de Regatas Flamengo.

A **SENHORA** Nelson Mendes Caldeira está respondendo em São Paulo, na televisão, a perguntas sobre Marcel Proust, o fabuloso autor de «A La Recherche du Temps Perdu». A senhora em apreço, que é francesa, já abischoitou uma boa quantia, que pretende encaminhar a uma instituição de caridade.

AGNES FONTOURA parece não gostar muito de Marilyn Monroe. Ao se referir à arte de sua célebre colega norte-americana, assim se exprimiu: «Cada um faz cinema como pode».

EXISTE EM Campo Grande um bairro chamado Ilha. É a única ilha no mundo que não é cercada de água por todos os lados. Explica-se a denominação local: antigamente ali morava um cidadão, de nome William. A turma logo simplificou o nome estrangeiro para «Ilha». Daí, para chamarem as terras de seu William de «Ilha», foi só um passo.

MARTE CHEGOU, viu e não venceu nem convenceu. Propiciou uma boa charge a Hilde Weber, deu susto em alguns cariocas mais espantadiços, espiou por alguns instantes nosso infeliz planeta, e voltou, prudentemente, para as suas distâncias...

O **ÚLTIMO** furacão que se abateu sobre a cidade, entre outras coisas, levou o teto da casa de nosso fotógrafo Geinz Prellwitz. Foi a primeira «cobertura» de Heinz que não ficou perfeita.

EM REVISTA

◆ A IRMÃ DE Adolf Hitler, que mora em uma montanha, em Berchtesgarden, está sendo processada por sua camareira, porque há alguns meses não lhe paga os ordenados. A irmã do «Fuehrer» assina-se Paula Wolf, a fim de evitar a curiosidade alheia.



◆ ELIZABETH TAYLOR separou-se de vez do marido, Michael Wilding. O ator britânico, antes de se despedir da esposa, disse: «Ainda tenho esperanças de que tudo acabe como nos filmes americanos: com happy-end e etc.».

◆ JERRY LEWIS e Dean Martin (à direita), vão separar-se definitivamente, pois cada um deles quer ser o mais importante componente da famigerada dupla «Biruta e Folgado». Quanto a nós, não sabemos é qual seja o mais cretino.



◆ DEVIDO a retirada temporária da Embaixadora Clare Booth Luce, de Roma, correu ali o boato de que Douglas Fairbanks Júnior seria o novo embaixador norte-americano junto ao governo italiano.



INTERNACIONAIS

SOFIA LOREN foi convidada por uma grande revista americana para assinar uma coluna de «gossips» sobre a vida das artistas de cinema européias. Recusou-se, pois não lhe sobra tempo para coisa alguma, além das filmagens.

WINSTON CHURCHILL saiu-se com essa gracinha, quando lhe perguntaram como suportava o clima inglês: «É muito fácil, contanto que se passe o verão na Itália, o inverno na Suíça e o resto do ano na cama.»

ELSA MAXWELL acha que seu pêso — que muita gente acha excessivo — está certo: o que lhe falta são mais vinte centímetros de estatura...

NASSER NÃO aceitou as sugestões de Menzies, relativas a um acordo entre a Grã-Bretanha e o Egito, concernentes ao canal de Suez. Vamos a ver no que dá agora a questão.

A PRINCESA Ira Hohenhole, cujo casamento, há quase um ano, com o príncipe Alfonso, em Veneza, foi o maior acontecimento social da temporada, após o de Grace Kelly, a princesa está para dar a luz seu primeiro filho, em novembro vindouro. Ela tem somente 16 anos.

TAMARA TOUMANOVA tomará parte em um filme, ao lado de Gene Kelly — que não é parente de Grace, e muito menos do senhor Prado Kelly. Título do filme: «Convite à Valsa».

GINA LOLLOBRIGIDA desmentiu as notícias formuladas por uma revista francesa, de que iria em breve ser mãe. «Se estivesse esperando uma criança, seria a primeira a proclamá-la aos quatro ventos».

ANA MAGNANI, Tennessee Williams e Danny Kaye estavam sentados calmamente na via Veneto, em Roma, quando se aperceberam de que o trânsito estava interrompido pela massa popular que se reunira a seu redor. Pagaram a despesa e, visivelmente mal humorados, juraram nunca mais tomar lanche em público, na Itália...

BING CROSBY, no esplendor de seus cinquenta anos, casar-se-á breve com Kethy Grant, se é que não já casou. Kethy já foi atriz cinematográfica, mas hoje é uma espécie de cronista social em Filadélfia.

INGRID BERGMAN, após sete anos de ausência da América, apresentar-se-á em um programa de televisão, durante duas semanas, em New York.

JOAN FONTAINE, de todas as artistas de cinema que estiveram na Itália nos últimos tempos, foi a que deu maior importância à Bienal de Veneza.

PIERRE POUJADE, o incrível fenômeno político francês, fundador do Partido Francês contra os impostos, foi recebido pelo Papa Pio XII, em audiência privada, não faz duas semanas.

Loira ou MORENA...



Não importa a cor...
Tôdas podem ser **belas e atraentes**
submetendo-se ao método de
beleza do crême ANTISARDINA.
Existem três fórmulas distintas,
cada qual oferecendo os
melhores resultados. Procure
saber qual delas se adapta
melhor à sua pele.

Antisardina



O HOMEM DO TERNO...

(Continuação da página 37)

— Tom, você gostaria de ser meu assistente pessoal?

Tom ficou um tanto confuso, mas Hopkins prosseguiu:

— Não se trata do Comitê de Saúde Mental. É no tocante a todas as minhas atividades. Na verdade, eu não tenho um assistente pessoal. Walker é um «public-relations», e Ogden dentro de algum tempo será o vice-presidente. Antes, nunca pensei em arranjar um assistente pessoal; mas dada a sua honestidade, tenho certeza de que poderá me auxiliar de muitas ma-

neiras. O lugar lhe proporcionará uma série de oportunidades.

A proposta foi tão abrupta que Tom não teve tempo de pensar no que deveria dizer.

— Realmente, poderei aprender muitas coisas — disse êle. — Além do mais será uma grande oportunidade.

Quando chegou a casa, contou a Betsy, que ficou verdadeiramente maravilhada. Porém, Tom não estava muito confiante. O filho de Hopkins estava doente e a filha havia fugido com um homem muito mais velho que ela. Era possível que Hopkins quisesse adotá-lo como filho.

— De qualquer maneira, aceitei o emprego — disse Tom. — Quero ser seu assistente pessoal por três motivos: poderei aprender muita coisa, será uma excelente recomendação para qualquer coisa que eu queira fazer futuramente, e depois, gosto dêle como amigo.

A partir de então Tom mudou-se para o outro escritório de Hopkins.

Na noite de 8 de outubro, Tom e Betsy foram à Prefeitura de South Bay assistir a uma audiência sobre a fundação da nova escola. Isto era importante para êles. O juiz Bernstein era o presidente do Departamento de Demarcação. E mostrou a inutilidade do projeto de

Tom sem que antes a câmara votasse a criação de uma nova escola. Um conjunto residencial sem escola não despertaria interesse.

Tom e Betsy discutiram e chegaram à conclusão de que a fundação de uma escola era realmente uma coisa importante. O problema da construção das casas podia ser resolvido mais tarde. Então, o juiz Bernstein deu por encerrada a reunião anunciando que a votação seria realizada na semana seguinte.

Pela manhã, Hopkins e Tom foram para Hollywood a fim de tratar de negócios. No jantar, Tom teve um encontro com a maioria dos diretores da filial das «Empresas Unidas» em Hollywood. Eles fizeram ver a Tom que as coisas caminhavam a contento e que dentro de dez anos a televisão seria um ótimo negócio em Hollywood. Disseram que Hopkins estava pensando em mudar o centro dos negócios, mas que ainda não estava inteiramente convencido.

Quando Hopkins e Tom voltaram para o hotel, Hopkins disse:

— Você gostaria de trabalhar aqui durante algum tempo. Poderia ficar com Potkin. De uma coisa fique certo: os negócios estão num ritmo sempre crescente.

Uma série de pensamentos afluraram ao cérebro de Tom. Imaginou que o seu chefe queria se ver livre do incômodo assistente pessoal que êle devia ser. Mas, quando nada estava tentando fazer alguma coisa para êle.

Disse a Hopkins que estava tentando aprender o sentido dos negócios, mas que queria chegar a ser diretor. Seu problema era ganhar dinheiro, mas que não estava disposto a trabalhar noite e dia, durante semanas a fio, de maneira cansativa. Acrescentou que isto podia parecer brutal mas era o que sentia.

Hopkins balançou a cabeça e disse:

— Gosto do tom honesto com que você fala. Aliás, sempre apreciei esta sua qualidade. Gostaria então de voltar para o Comitê de Saúde Mental? Esta organização está se desenvolvendo e penso em dar a minha casa, em South Bay para sua sede permanente. Que tal você assumir o cargo de diretor? Rende muito. Você ficará na direção e eu tomarei as decisões mais importantes.

— Eu ficaria muito grato — disse Tom em voz baixa.

— Todos têm que tomar atitudes decisivas — disse Hopkins. — Este mundo foi construído por homens como eu! — acrescentou, apaixonadamente. — Quem quiser realizar qualquer coisa que a ela, entregue de corpo e alma. Do contrário, sobreviverá o fracasso.

— Eu sei — disse Tom.
(Cont. no próximo número)

GARÔTO BOM ESTÁ ALI...

Fernando LOBO

★ A frase é de Silvio Caldas, este seresteiro que sabe tanto da noite como temperar uma boa feijoada. É preciso que se diga o sentido que ela encerra. "Garôto" pode ter até mais de 50 anos, mas o "que é bom" quer dizer mesmo que o vaso é ruim. É o chamado "cabeça de bagre" este tipo que a gente encontra tanto, dirigindo tantos, não mandando nada e se dizendo o tal. Conheço um "garotão" assim. Mal sabe ler ou muito menos escrever. Mas tem uma pose que chega a impressionar turista americano. Só faz na vida uma coisa: pensar nele, no físico que ganhou casualmente na impáfia que carrega nos ombros caídos, por trás da fumaça de um cigarro que sempre fuma. Nunca viu o sol, nem se interessa por isso, pois usa uma espécie de maquiagem feita com lâmpada de infra-vermelho. Um bobão o garôto é esse a quem não dou a chance de escrever o nome, mas que todo

mundo sabe bem. Está pelas noites, decidindo sobre elas, burlando a lei e explorando moços incautos e moças desprevenidas. Vive disso e, essa profissão que adotou não precisa carteira profissional. Lembra o velho samba:

"É só dizer que é Vascaíno
E que é amigo do Lelé.

Ele se diz amigo dos homens altos da política. E vai andando sem ser incomodado, mandando resolver seus problemas mais duros, com "argumentos irrefutáveis" (perna bonita de mulher bonita). Agora se dá ao esporte de despedir jornalista e de adotar os que se dizem jornalistas. Deve ser também uma espécie de co-autor da reforma de imprensa que tanto o vai beneficiar nas

suas falcatruas. Sim, porque para caminhar assim como esse "garôto" tem caminhado, o "drible" é sua maior arma, além dos seus "leões de chácara". Mas há de vir um dia de sol, há um dia a chegar em que a polícia vigiará os uisques falsificados e as bebidas sem sêlo serão controladas, e o contrabando não será uma instituição. Muitas vezes já me pus a disposição dos que são da lei para mostrar onde estão servidos os "venenos" engarrafados. Mas a polícia há sempre de pensar que são nos botequins da Lapa — os ingênuos botequins sem olhar com bons olhos as chamadas "casas bem" onde mora mesmo e também o líquido feito a mão, e sem nenhum selinho que vá para a caixa do nosso cofre brasileiro. Continuo às ordens e seria feliz se um dia me chamassem para provar o que escrevo nestas linhas. Ai é que caberia a frase de Silvio Caldas: "garôto bom está ali... mas ali em cana!".



Sílvia Fernandes e Carminha Verônica, duas belezas noturnas.

Sílvia Fernandes — a da voz mais grossa que o nosso Lúcio Alves.

ROTEIRINHO

Elisete voltou a base do Clube 36. ♦ Jorge Veiga foi também negociado por aquele clube. ♦ Aliás sobre este bar tão simpático, depois da saída de Lúcio Alves ele caiu todo. ♦ Sérgio Pôrto foi até o limite no programa do céu de São Paulo e meteu 200 mil cruzeiros no bôlso. Vê lá, rapaz, se você vai

ficar desprezado e entrar no «Sacha's» e tomar duas coca-colas. A conta vai ser exatamente isso.

ESTREOU ROSE D'AVRIL

«La Cremaillère» há muito anunciava Rose D'Avril, a famosa cantora francesa, campeã de muitos sucessos. A apresentação foi feita em grande gala no Teatro da Maison de France e desfilaram os nacionais Dick Farney e Inesita Barroso e a muito linda Verônica Beck.

OUVI DIZER

Que o chamado Rei da Noite estaria montando o seu próximo «show» para o «Night-And-Day» a «boite» que foi incendiada e ninguém tomou conhecimento. Pois é. Soube também que o título vai ser «Rei Momo Dormiu Lá Em Casa». Pois bem. Se esse título subir ao cartaz eu vou provar ao tal rei cer-

tas coisas que vão dar certinhas com o título que não é dele e sim MEU!

FIESTA

Inaugurou finalmente o «Fiesta», «boite» que estava sendo uma torcida para que desse certo. E' tudo bom. Na inauguração, evidentemente cheio de «smoking» Pires do Rio ficava bonito ao lado da «vedette»



Uma vez Eloína sempre Eloína e nada com sobrenome.



Com as Irmãs Marinho, tudo azul marinho.

SEMANA ASTROLÓGICA

INDICAÇÕES DO SEU HORÓSCOPO ENTRE OS DIAS 22 E 28 DE SETEMBRO DE 1944
(HEMISFÉRIO SUL)

Se o leitor nasceu sob o signo de:

- ★ CARNEIRO (21/9 — 20/10) — Sua posição não se modificará durante a semana. Tenha presente as recomendações feitas para o período anterior. O ambiente favorável continuará, portanto, possibilitando-lhe algumas realizações.
- ★ TOURO (21/10 — 20/11) — A semana entrante possibilitará a realização dos seus projetos e tornará possível o apoio de quem esteja habilitado a tanto. Não perca as oportunidades que Vênus lhe vai oferecer.
- ★ GÊMEOS (21/11 — 22/12) — O astro que lhe domina o espírito e o destino ocupará, na vigência da semana, uma posição desfavorável, não podendo, em tais condições, propiciar-lhe um clima astral benéfico. Previna-se, pois.
- ★ CANCER (23/12 — 20/1) — Sua posição em face do Céu vai ser melhorada nos próximos sete dias. O leitor terá algumas surpresas agradáveis e um melhor concurso de circunstâncias militarão ao seu lado.
- ★ LEAO (21/1 — 20/2) — A semana não lhe será favorável somente no que diz respeito à vida sentimental. Os negócios correrão bem, havendo boa margem de lucro. Os piores dias serão 23 e 26. Omita-se em tais dias.
- ★ VIRGEM (21/2 — 22/3) — Tem alguma resolução importante a tomar? Não se decida nos dias pares da semana, pois além de duvidosos, nenhum deles estimulará uma ação positiva. Aguarde uma oportunidade melhor.
- ★ LIBRA (23/3 — 20/4) — A situação se anuncia harmônica, no seu caso. Haverá possibilidades para bons entendimentos e soluções conciliatórias. Todos os litígios poderão ser derimidos de acordo com seus interesses.
- ★ ESCORPIÃO (21/4 — 20/5) — O ambiente da semana não aconselha negócios vantajosos nem iniciativas de certo vulto. Os pequenos empreendimentos estarão melhor astralizados e terão andamento rápido. Não alimente ilusões nas grandes ambições.
- ★ SAGITARIO (21/5 — 23/6) — O momento não é oportuno à propositura de ações no foro. Não se presta igualmente, para reclamações ou reivindicações. Há uma certa irritabilidade no ambiente, prejudicando a boa visão das coisas.
- ★ CAPRICÓRNIO (24/6 — 22/7) — Seus feitos e suas atitudes não serão devidamente apreciados, durante a semana em pauta. O leitor estará sujeito a sofrer desilusões e ingratidões. Uma grande decepção na vida sentimental se anuncia.
- ★ AQUARIO (23/7 — 21/8) — As influências dominantes durante a semana serão benignas, no caso do leitor e lhe propiciarão bons resultados no que emprender. Não se alteie muito, pois os influxos serão modestos.
- ★ PEIXES (22/8 — 20/9) — O leitor terá oportunidade, durante a semana, para fazer ótimos negócios de ocasião. O ambiente lhe dará imprevistos os melhores, notadamente nos dias 23, 24, 25 e 27, os melhores da semana.

★ OS NOMES DA SEMANA

Setembro, 22	—	Estevão	—	Luiza.
" 23	—	Hélio	—	Laura.
" 24	—	Rodolfo	—	Lélia.
" 25	—	Paulo	—	Neusa.
" 26	—	Mário	—	Dulcina.
" 27	—	Jacob	—	Sandra.
" 28	—	Eudoro	—	Virginia.

★ EFEMÉRIDE DA SEMANA

Marcha e posição do Sol ao meio dia de Greenwich

Setembro, 22	29° 26' 44"	(Signo dos Peixes)
" 23	0° 25' 28"	(Signo do Carneiro)
" 24	1° 24' 14"	" " "
" 25	2° 23' 2"	" " "
" 26	3° 21' 52"	" " "
" 27	4° 20' 43"	" " "
" 28	5° 19' 40"	" " "

NOTA — As efemérides e as tábuas astrológicas de que nos servimos são preparadas para o hemisfério norte. Nas previsões para o hemisfério sul, temos de invertê-las para que os prognósticos correspondam à realidade, como acontece em relação aos fenômenos cósmicos. Observamos, neste particular, a doutrina e a técnica do Colégio Astrológico de França, único centro, em todo o mundo, de astrologia verdadeiramente RACIONAL E CIENTÍFICA.

A qualquer hora
do dia
ou da noite

a
RÁDIO RECORD

de São Paulo
tem um PROGRAMA
que VOCÊ ouvirá
perfeitamente
em qualquer
ponto do país
EXPERIMENTE!

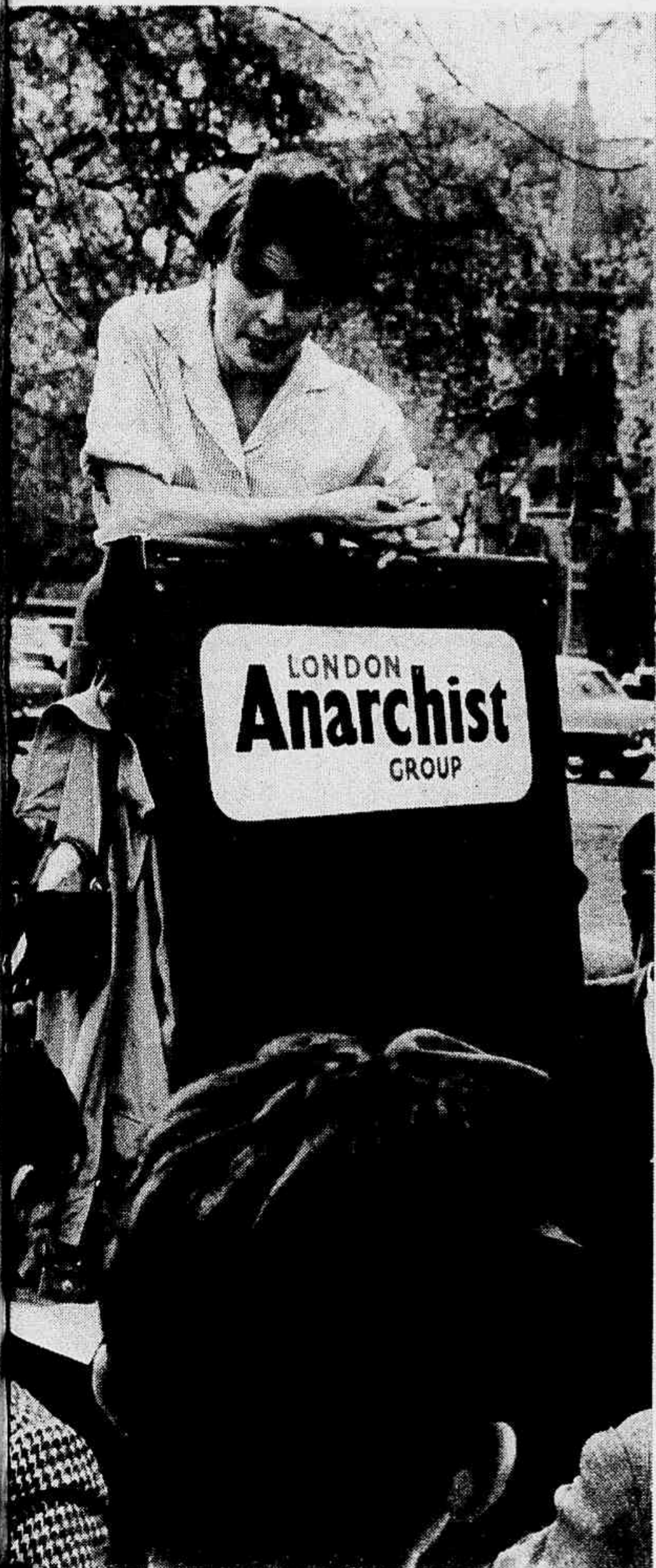
ondas médias: 1.000 kcs. 50.000 watts

ondas curtas: 19, 25, 31 e 49 metros

Record

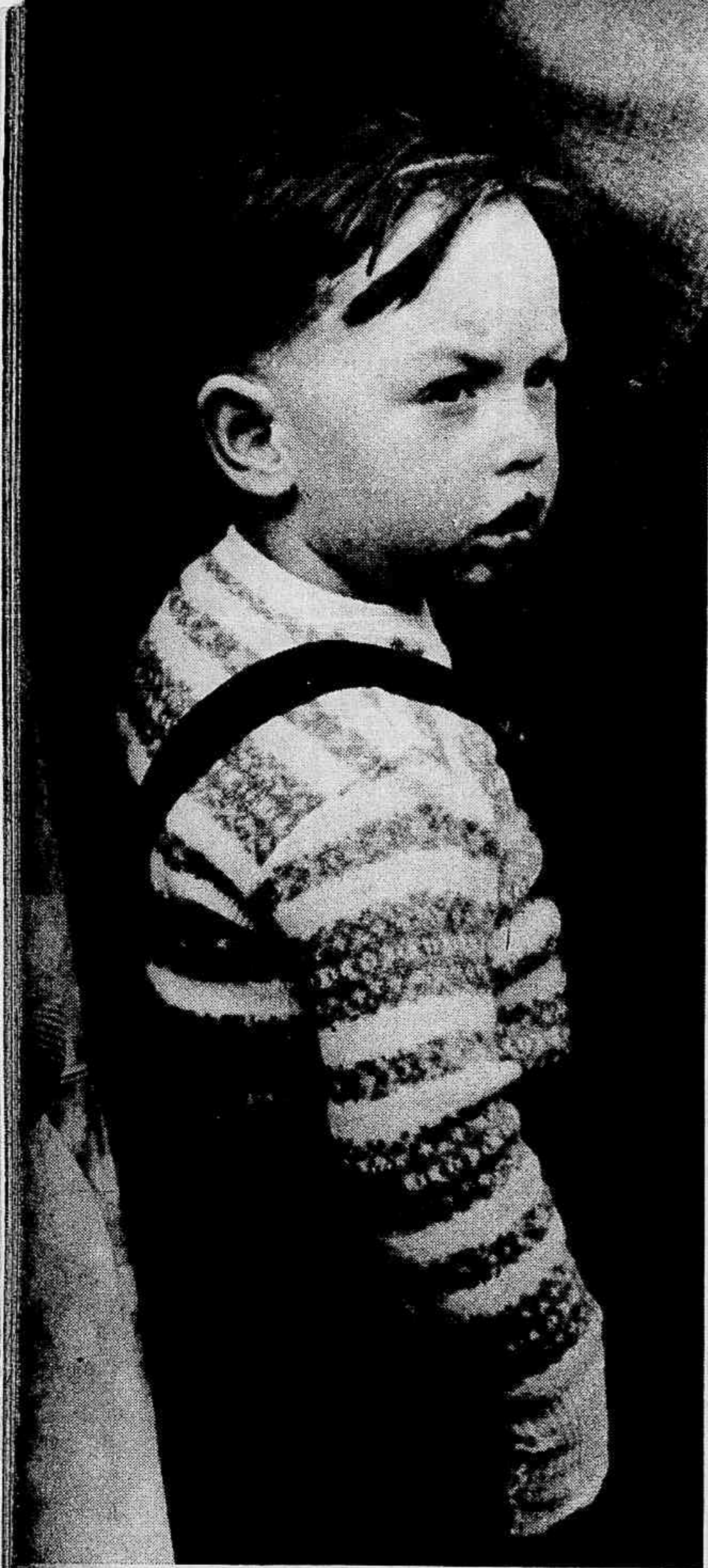
ESSE HOMEM tem liberdade para falar a favor ou contra a Rainha, de manifestar-se em prol de Nasser, de pregar o comunismo ou o que bem desejar. Onde? Na Inglaterra, ora.

DO ALTO dessa tribuna, situada em Hyde Park, essa jovem defende seus pontos de vista, pregando a Anarquia e o Divórcio como solução ideal para as infelicidades humanas.



CADA UM DIZ O QUE QUER (na Inglaterra...)

O Que São Os Oradores de Hyde Park, Na Capital Britânica



ESSA CRIANÇA foi levada a ouvir os debates em Hyde Park. Crescerá respeitando o sagrado direito de liberdade de pensamento.



HÁ TAMBÉM os que refutam em termos veementemente discursos que acabaram de ser pronunciados. Esse cidadão, por exemplo, de papelada em punho, após ter ouvido em silêncio, as palavras do orador que o precedeu na tribuna, rebate suas idéias uma



PARA INÚMEROS estrangeiros que visitam a capital inglesa, é um espetáculo maravilhoso o oferecido pelos oradores de Hyde Park, todos os domingos, no trecho conhecido como "Orator's Corner", isto é, "Cantinho do Orador". Ali, qualquer pessoa, sem discriminação de sexo, cor ou idade, nacionalidade ou partido político, religião ou seja o que for, pode expor livremente suas idéias, das mais conservadoras às mais radicais, sem sofrerem qualquer restrição de parte das autoridades. Existem policiais, nas cercanias, é verdade: mas para garantir sua liberdade de ex-

AS INSCRIÇÕES para discursar são feitas antes. Essas velhinhas, por exemplo, terão a palavra assegurada em futura reunião.

a uma. zangado. boca. A

pressão, nistas, a mo partic tão de S alto daq no outro morra. I Mosley, ali defen de seu p do! A sabem o pensame mente n

ESSE QUE busca ang

CADA UM DIZ O QUE QUER (NA INGLATERRA...)



JOHN DAVIS é personagem familiar em Hyde Park. Todos os domingos, ele se encaminha com passos graves para o centro do parque, e começa a desfilas suas idéias. Sua idéia: «A Inglaterra menospreza os negros». Por vèzes, os expectadores quase se atacam. Mas há o «quase».



a uma. Pela sua fisionomia, o homem está zangado. A zanga jamais ultrapassará do bate-bôca. A violência foi banida de Hyde Park.

pressão, jamais para cerceá-la. Comunistas, anarquistas, católicos ou até mesmo partidários de Gamal Nasser na questão de Suez, sabem que podem falar do alto daquela tribuna sem o perigo de, no outro dia, apodrecerem em uma masmorra. Durante a guerra, Sir Oswald Mosley, chefe do Partido Nazista inglês, ali defendeu a causa hitlerista, contra a de seu próprio povo, e não foi molestado! A liberdade é completa, porque sabem os ingleses que é inútil soffrear o pensamento e policiar a mente. Infelizmente nem todo o mundo pensa assim.

(Fotos KEYSTONE)

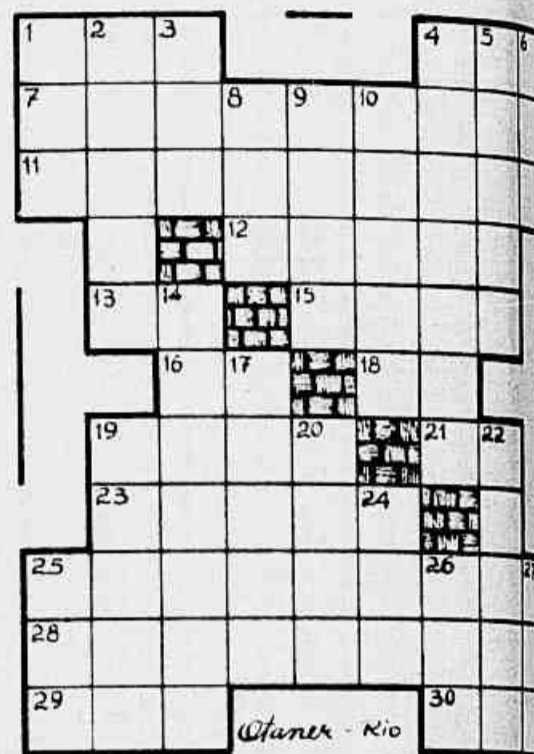
ESSE QUER partir para a Terra Prometida, e busca angariar companheiros de viagem. Provavelmente, arranjá-los-á.

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMAS Nº 137

PARA VETERANOS

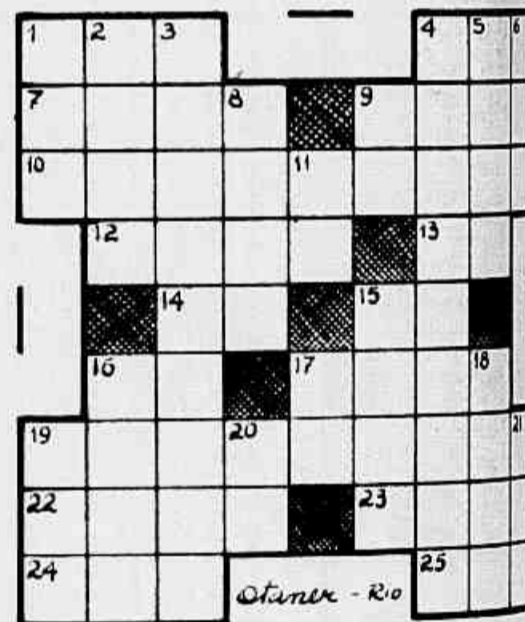
HORIZONTAIS: — 1. Espaço de tempo gasto pela Terra numa translação completa em volta do Sol — 4. Dois — 7. Parte da coxa do boi — 11. Advir — 12. Bestial — 13. Antes do meio dia — 15. Indígena da tribo que habitava a Guiana Brasileira — 16. Desinência peculiar de alguns substantivos que no masculino terminam em ão — 18. Medida japonesa de pêsc — 19. Seduz — 21. Língua falada ao Sul do Laire (França), na Idade Média — 23. Saboeiro — 25. Árvore brasileira — 28. Censos — 29. Anel — 30. Prática.



VERTICAIS: — 1. Haste de madeira a que se prendem as principais peças do arado — 2. Árvore rosácea de Angola — 3. Ave de rapina, espécie de falcão — 4. Vermelho — 5. Novilho de dois anos, o mesmo que aralha — 6. Abundância — 8. Nave — 9. Gênero de orquídeas, de flores vermelhas — 10. Nome que se deu à alteração sofrida pela albumina da clara do ovo, quando separada é exposta por um mês à temperatura inferior a zero — 14. Enervante — 17. Sardinha prateada do Amazonas — 19. Refrescar-se — 20. Clima — 22. Brancos — 24. Antiga moeda da Holanda — 25. Bebida nas Índias Orientais — 27. Sapo do Amazonas — 27. Pega.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Concedes — 4. Genitor — 7. Ligam — 9. Rosto — 10. Puseram rótulo — 12. Pouco espessa — 13. Brisa — 14. Em a — 15. Símbolo químico do níquel — 16. Terceira nota musical — 17. Promotório — 19. Golpe com machado — 22. Reboca — 23. Jóia que se usa no dedo — 24. Pedido de socorro — 25. Reza.



VERTICAIS: — 1. Entregar — 2. Homem que representa em teatro — 3. Relativos a Satanás — 4. Natural da Paraíba — 5. Lavrar — 6. Seguiam — 8. Fêmea do mulo — 9. Aqui — 11. Ali — 15. Coisa nenhuma — 16. A roça — 17. Símbolo químico do cálcio — 18. Rio da Alemanha que desemboca no mar Báltico — 19. Contudo, porém — 20. Do verbo haver — 21. Fileira.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 136

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: afatiar — ácer — mias — gazetista — Ar — Saglio — Ra — araf — Calb — adir — dial — oc — soadas — Ae — bizarraço — Aram — arão — Orenoco.

VERTICAIS: acarradoiro — fêz — ares — imigra — aislado — ratição — agá — sao — taa — aliazar — badame — lar — Sba — arde — soo — Arc.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: Ari — mar — amargar — mó — andape — ua — si — era — suo — A.C. — rã — ida — pedala — it — aromático — are — aro.

VERTICAIS: amolecera — Ra — ira — mudas — ara — rapédico — amo — gnu — rei — ar — arame — ui — Apa — ala — ato — dar — ata — ir.



ANTOS

200

das 4,30

às 24,00 hrs.

cada 8 minutos

VIAGENS POR DIA

Onibus diretos para SÃO VICENTE e PONTA DA PRAIA

AGÊNCIAS

SÃO PAULO

Av. Ipiranga, 885 - Fone: 34-1395

Parque D. Pedro II, 1.092 - Fones: 32-8733 e 34-5393

Rua Senador Queirós, 85 - Fones: 34-2399 e 36-6402

Rua Tabatinguera, 37 - Fone 33-3326

SANTOS

Pça. Barão de Rio Branco, 62 - Fone 1314 (S. Vicente)

Av. Presidente Wilson, 186 - Fone 4-4090 (José Menino)

Pça. Independência, 11 - Fone 4-3426 (Gonzaga)

Pça. Mauá, 11 - Fones 2-2299 e 2-8777 (Cidade)

Av. Conselheiro Nebias, 841 - Fone 4-5788 (Boqueirão)



VÁ PELO MELHOR!



EXPRESSO BRASILEIRO

VIACAO Ltda.

AZASO - EB-2



◆ Anualmente, os maiores nomes da televisão e do cinema norte-americanos reúnem-se em Hollywood, a fim de tomarem parte num festival de caridade em benefício dos «velhinhos» da Casa dos Judeus, em Los Angeles. Este ano, um dos pontos altos da festa foi a presença do conhecido cômico Jerry Lewis, que a todos divertiu com as suas conhecidas «gags», dessa vez «liberto» totalmente do seu indefectível companheiro Dean Martin. Na foto, uma caracterização do conhecido cômico.

ENTREVISTAS NA TELEVISÃO

Por mais de uma vez temos consignado nesta seção que entrevistar é, em qualquer situação, um trabalho árduo, e que requer uma pessoa bem treinada e altamente capaz de realizar tal mister, porque u'a má entrevista, sôbre ser prejudicial, pode trazer mais frustração ou confusão ao entrevistado, levando, não prôpriamente a resultados indesejáveis, porém, a mais sérias dificuldades. Em televisão, mais do que na imprensa escrita, necessário se torna que o entrevistador observe, dirija, escute, julgue e interprete as respostas, as reações, a expressão facial e tôdas as outras formas de comportamento do entrevistado, delas tirando o máximo proveito para os telespectadores.

O senhor Stanley Kruszina, técnico da Comissão Brasileira-Americana de Educação Industrial, em artigo publicado no Boletim da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro oferece algumas sugestões nesse particular, com o in-

A TELEVISÃO DESCOBRE UM NOVO MUNDO

SPECTATOR

◆ Além de proporcionar excelente entretenimento àqueles que, por vários motivos, não podem ou não querem sair de casa à noite, a televisão vem prestando valiosa contribuição noutros setores da atividade humana, penetrando até num mundo novo e desconhecido, como auxiliar direto e efetivo do homem: o fundo do mar!

Conhece-se, agora, o papel desempenhado pela televisão na busca procedida no Canal da Mancha em tôrno do desaparecimento do submarino britânico «Affray», em 1951. Sabe-se que após deslizar 87 metros rumo ao leito do mar, ninguém viu seu mergulho fatal, ninguém soube exatamente onde êle encontrou seu destino. Aviões pesquisaram perigosamente o local e navios o procuraram com aparelhos «Asdic» e sondas. Finalmente uma câmara de televisão identificou seu casco despedaçado. Essa câmara, rapidamente reunida numa caixa de aço pela Marinha Real da Grã-Bretanha, foi a primeira a ser usada para exploração submarina, embora dois engenheiros houvessem sugerido suas possibilidade em outubro de 1939. Seu sucesso abriu um novo mundo para os técnicos de salvamento e a vida marítima. Poucos meses depois o navio «Reclaim», da «Royal Navy», demonstrava novo equipamento de televisão trabalhando sôbre os destroços a 85 metros de profundidade.

A câmara submarina de televisão pode ser usada em profundidades de 305 metros, e as lentes, que suportam a pressão de 105 quilos por centímetro quadrado, tiveram seu diâmetro aumentado para 14 centímetros — e com lentes focais especializadas proporciona um ângulo de 40 graus. Esse ângulo permite que observadores munidos de telas receptoras esquadrihem da superfície uma ampla área. Amplificadores adaptados ao cabo de sinalização permitem à câmara tomar fotografias a uma profundidade de 914 metros. Quatro lentes são controladas à distância, e as cenas são tão brilhantes que podem ser fotografadas diretamente da tela — um grande auxílio para os técnicos de salvamento, que talvez precisem prolongar o estudo dos aspectos particulares de um naufrágio.

Como entretenimento, a televão submarina ainda não se tornou uma proposição diária. Fica extremamente dispendiosa e até mesmo a BBC só a empregou em três ou quatro ocasiões. Oportunamente será fabricada uma câmara submarina de televisão mais facilmente portátil: talvez isso aconteça quando forem iniciadas as transmissões em cores.

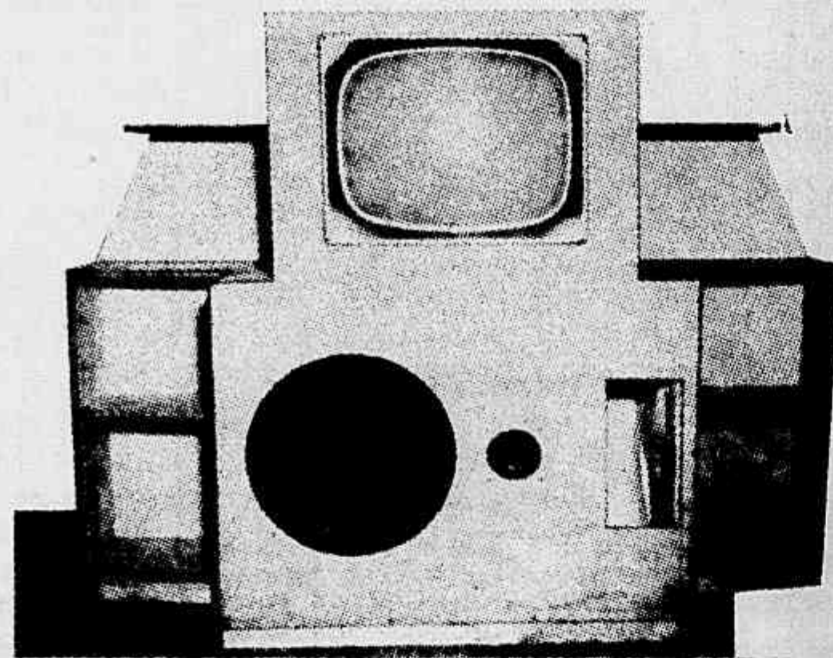
LIGANDO CONTINENTES

A «National Broadcasting Company», uma das grandes cadeias de rádio e televisão norte-americanas, anunciou que ainda êste mês vai tentar de novo captar nos Estados Unidos uma emissão de televisão de Londres. Segundo se recorda, as experiências tentadas em 1953, por ocasião da coroação da Rainha Elizabeth, fracassaram, contudo a NBC possui agora em Riverhead, em Long Island, antenas de recepção de grande sensibilidade, com a ajuda das quais espera poder captar os sinais londrinos num de seus próximos programas regulares intitulados «Vasto, Vasto Mundo».

tuito de fazer da entrevista um método mais eficiente de se tratar os interesses humanos.

Dentre as muitas sugestões — e aqui as recomendamos aos entrevistadores das nossas TVs — diz êle:

«Faça perguntas corretas, pois existem diferentes espécies de perguntas que podem ser feitas em suas entrevistas; **faça perguntas que despertem confiança**, para pôr o entrevistado calmo — não para obter informações — porém para iniciar a conversa; **perguntas diretas**, para obter informações sôbre um determinado tópico, tal como educação; **perguntas que motivem**, para estimular o entrevistado; **perguntas sugestivas**, para sugerir uma resposta. E' bem verdade que êsse tipo de pergunta deve ser usado raramente; **dê cunho particular**: cada entrevista deverá ser revestida de cunho particular, pois são muitos os assuntos que o entrevistado não deseja ver discutidos na presença de outros».



◆ Este conjunto é conhecido pelo nome de «centro de entretenimento», que inclui aparelho de TV e estante de livros. Um amplificador de alta fidelidade reproduz as notas graves com grande reflexo, especialmente quando está sendo televisionado um dos muitos concertos sinfônicos que se realizam nos Estados Unidos.

OGGI

alle pagine 32-33:

LA TRAGEDIA DELL'ANDREA DORIA



LA FIGLIA DEL PASTORE
HA VINTO TRA CONTRASTI
LO SCETTRO DI MISS UNIVERSO

Long Beach (California), Carol Morris, una ragazza bruna di Ottumwa, nello Stato della Iowa, è stata eletta la sera del 24 luglio "Miss Universo". La proclamazione dell'eletta ha avuto luogo al termine di una grandiosa festa, alla quale partecipavano circa cinquemila persone. Al secondo posto è stata designata la tedesca Marina Orschel, mentre le altre piazzate d'onore sono toccate, nell'ordine, alla svedese Ingrid Geijer, all'inglese Iris Waller e all'italiana Rossana Gabli. La manifestazione ha vissuto momenti di alta tensione in seguito alle clamorose proteste delle rappresentanti dell'America Latina, le quali si sono ritenute offese dal fatto che nessuno di loro era entrata nel quintetto delle "bellissime". Particolare notevole (sic) sono state le dimissioni di "Miss Peru" e della brasiliana Maria Jose Cardoso, la nuova "Miss Universo", 22 anni, figlia di un pastore protestante, ora una parte nel film "Crazy Love" (Il folle amore), accanto all'attore Jeff Chan. «La casa produttrice americana "Universal International" intende però sfruttare la straordinaria abilità di Carol nel nuoto per fare di lei la futura "stella acquatica", pronta a togliere lo scettro alla famosissima Esther Williams. Il regista "Universal" Morris, non ha mancato, invece, di fare scattare un contratto per la carriera cinematografica della figlia. Egli ha dichiarato: «Spero che Carol ritorni ai suoi studi l'anno prossimo e sappia bene utilizzare l'occasione che il concorso di Miss Universo le ha procurato». Qui Carol Morris è con "Miss Brasile". (Vedere alla pagina 4 altra fotografia).



**NUM DOS últimos números da revista «Oggi»
chegados até nós, aparecem juntas na capa
Miss Universo de 1956, Carol Morris, a Miss
Brasil, a linda gaúchinha Maria José Cardoso.**

POR ESSE MUNDO DE DEUS

DANNY DILLON, de três anos, residente em Denver, USA, apanhou o carro do pai na garagem e fez essa travessura tremenda. Felizmente, não houve vítimas a lamentar na história.



EARLENE BROWN, uma negra de Los Angeles, treina seriamente para tomar parte nas Olimpíadas, lançando disco. Parece que ela não terá dificuldades em vencer sua especialidade.

A FILHA primogênita do ex-rei Vittorio Emanuele III, a condessa Iolanda Calvi di Legnano, passeia tranquilamente, em Rapallo, na companhia de seu cãozinho de raça «barbone».

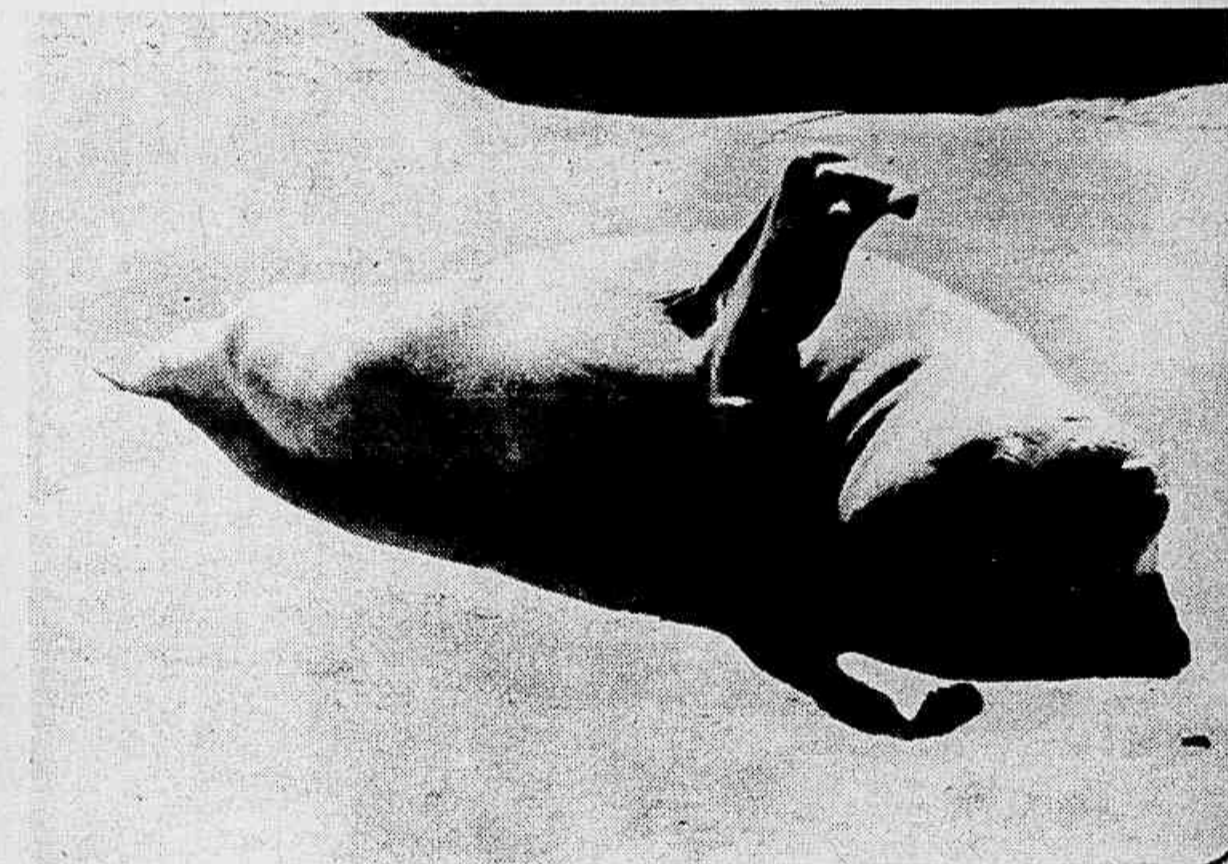




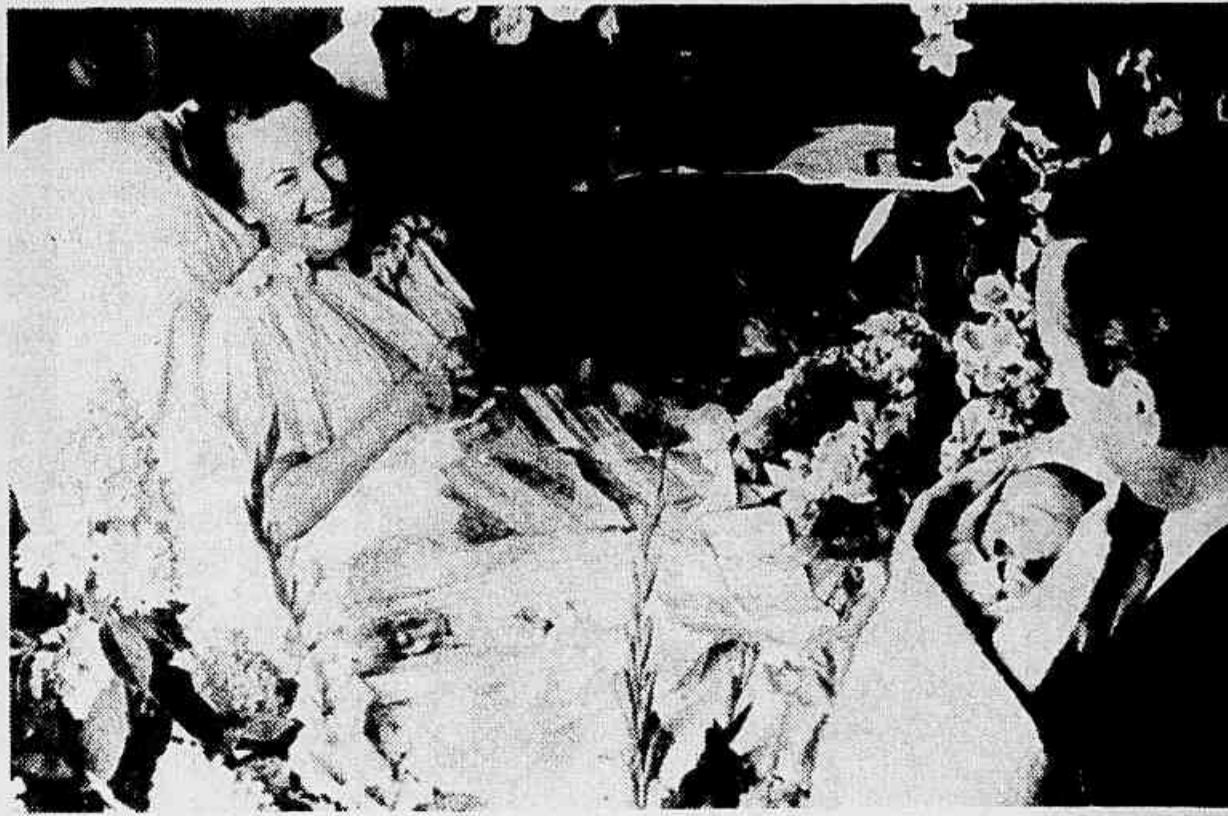
RITA HAYWORTH, Jack Lemmon e Robert Mitchum, reunidos em Londres, no saguão do Hotel Dorchester, sorriem satisfeitos, comemorando a volta de «Gilda» às lides cinematográficas, no filme «Fire down Below».



POUCO ANTES de explodir a atual crise de Suez, Nasser visitou o marechal Tito, em Sarajevo (coincidência?), na Iugoslávia. Como vemos, os calos já lhe doíam desde aqueles dias, para azar dos britânicos...



O SOL CUSTOU, mas afinal chegou, em Paris. E esse jovem elefante marinho aproveitou a ocasião para «bronzear-se» convenientemente, nas bordas de seu fôssco, no zoo local. Está ou não muito elegante?



OLIVIA DE HAVILLAND, casada com o repórter Pierre Galante, de «Paris-Match», deu à luz uma criança — a primeira de seu casamento —, que recebeu o nome de Gisèle. Eis a família completa, ainda no hospital.

AO Brasil em formação prestou o negro excepcionais serviços. Por mais de trezentos anos — sob iníquas condições — suportou o duro trabalho colonial. Viu-o Antônio como «os pés e mãos do senhor de Engenho». Defendeu bravamente a terra contra a cupidéz do estrangeiro e — pelo senhor — participou de sangrentos embates contra outros senhores.

Peça da Índia ou Fôlego Vivo, Boçal, ou Ladino, vinham êles os negros — da Guiné e da Mina, do Congo e de Angola, de Loanda e de Benguela. **Nagôs** eram os Iorubá, os Ige-bu, os Mina, os Egbá, os Efon ou **cara queimada**. E os de outras nações? Os Gambinda, os Gêge, os Angola, os Tapa, os Congo, os Bona, os Galoio, os Aussá. A imensa região da Guiné foi o maior empório.

Em troca do quanto dava, recebia o escravo o mais cruel tratamento. Nos alcores da República uma CIRCULAR de Rui Barbosa — no Ministério da Fazenda — fêz destruir importante documentação oficial sôbre a escravatura. Muita culpa do branco contra o negro depareceu... Mas, ainda assim, não são ignorados os suplicios infligidos aos servos: mutilações, marcas com lacre fumegante no rosto ou com ferro em brasa nas espáduas **Tronco** e algemas. Tortura da fome e da sede. Quando fugiam, o «Capitão do Mato» ia caçá-los como a animais ferozes e — amarrados como réus de múltiplos delitos — eram reconduzidos à casa do senhor.

Em 1668, 1700 e 1719 Cartas Régias vindas de Lisboa condenavam os cruéis castigos a que eram submetidos os escravos. A de 1700 verberava negar-se-lhes o descan-



EM TRONCOS iguais a êsse, existentes em infectos cubículos, eram punidos os escravos que tentavam fugir ao mau trato infligido pelos patrões.

diam os africanos, até altas horas, cantar, dançar, bater ao som do seu instrumental barbaresco. Nas imediações da cidade conglomeravam-se para roubar e assaltar. Foi quando o conde da Ponte — que governava a Bahia — nesse ano de 807 incumbiu o capitão-mor Severino da Silva Lessa de perseguir os quilombolas. Numa batida nos arrabaldes do Cabula e dos Mares, no dia 30 de março, prendeu setenta e oito escravos fugidos. Entregues aos senhores, sofreram bárbaros castigos. Foi quando, com a participação de companheiros do Recôncavo, amotinaram-se os Aussás. Chefes eram Antônio — um preto íorro — e um Baltazar escravo de Francisco das Chagas, morador no Corpo Santo. Pretendiam tomar a Casa da Pólvora, incendiar a Alfândega, envenenar as fontes públicas, apoderar-se dos barcos ancorados na angra, assassinar os senhores nas Casas Grandes de residência. Vitoriosos, escolheriam um rei. A 27 de maio teve o govêrno denúncia de que estalaria o movimento na noite de 28. Assim, foi a rebelião sufocada imediatamente. Treze escravos e muitas armas encontrou a polícia em certa casa da Rua do Corpo Santo. Concluída a devassa, a 20 de março de 1808 Baltazar e Antônio foram enforcados e, os demais, açoitados publicamente no Pelourinho.

No ano seguinte, acumpliciados com Gêges e Nagôs tramaram os Aussás o êxodo para o sertão. A 4 de janeiro, da Cidade do Salvador fugiram para Paripe centenas de escravos. Pelos caminhos, ofenderam, assaltaram, roubaram. Dois dias depois, noventa e cinco eram capturados. Mas a 26 de setembro,

INSURREIÇÕES NEGRAS

EDUARDO TOURINHO

so semanal. E o proceder das senhoras, que ainda faziam «pior com as escravas costureiras, dando-lhes pouco de comer e nada para vestir». Em 1741, entretanto, um Alvará permitiu serem os servos que se evadiam marcados com um F antes de levados, de novo, ao senhor. Em 1755, os oficiais da Câmara de Mariana pediam ao Reino licença para cortar os artelhos dos escravos fugitivos a fim de ficarem impedidos de novas evasões. Informando o requerido, D. Marcos de Noronha — sexto conde dos Arcos e sétimo vice-rei do Brasil — dizia ser «uma barbaridade indigna de homens que têm o nome de cristãos». Acrescentava que as fugas ocorriam porque os senhores negavam-lhes alimento, não os vestiam e nem os tratavam «com o amor e caridade devida». No RELATORIO do marquês do Lavradio, em 1779, está dito que os africanos chegados ao Rio transitavam pelas ruas principais «cheios de infinitas moléstias» e em completa nudez, jogados sôbre tábuas, «faziam tudo que a natureza lhes lembrava»...

Como, pois, vencido o banco de espanto e saudade do negro transmigrao — não pensar êle sômente em fugir floresta a dentro? Desde o início do tráfico de africanos, houve fugas e houve quilombos: acampamentos de negros fugidos. Cita frei Vicente do Salvador a expedição confiada pelo governador: Luís de Brito Almeida — 1572-77 — a Onofre Pinheiro e sua companhia de índios contra o primeiro quilombo conhecido. E, também, a que em 1602 e no govêrno de Diogo Barbalho, empreendeu Zarobabé e seus potiguares contra o dos Palmares de Itapemirim, a quatro léguas do Rio Real. Palmares, finalmente, representa a terrível grande síntese de todos os quilombos que no Brasil existiram.

Do proceder dos senhores, derivaram as insurreições negras. Em 1714, a primeira, talvez — na Bahia — ocorreu nos Engenhos de Iguape. Em 1798, na chamada **Conspiração Republicana** figuraram numerosos escravos.

Quando os holandeses ocuparam Pernambuco e, na África, os lor-

uns portugueses de São Jorge da Mina e de Santo Antônio de Axim, o tráfico de africanos para a Bahia tanto diminuiu que Engenhos e lavouras minguaram pela falta de braços. Foi quando o governador D. Vasco Fernandes César de Menezes, conde de Sabugosa, mandou construir — na Cidade do Salvador — vinte e quatro navios artilhados. Em 1751, através de ricos comerciantes da terra intensificava-se o comércio negreiro.

Na primeira década do século passado, a população da capital baiana era estimada em 50.000 habitantes: 14.000 brancos, 11.000 mestiços e 25.000 negros. Em 1807, na Cidade do Salvador entraram 8.037 escravos. Nesse tempo, os que não trabalhavam em Engenhos e lavouras viviam na rua «ao ganho» para o senhor. Na rua, vendiam as escravas doces e pamonhas, cangica e mingaus. As mucamas costuravam e executavam os serviços domésticos. Os «moleques» andavam a recados.

Nos domingos e Dias Santos po-

outra tentativa, de insurreição ocorria na cidade de Nazaré.

—o—

A 28 de fevereiro de 1814, nova rebelião estala na Cidade do Salvador. As Armações de pesca da baleia, em Itapoã, foram assaltadas. Treze brancos foram mortos e oito feridos. Governava a Bahia o conde dos Arcos, que logo ordenou ao major Manuel da Rocha Lima — da Legião da Torre — guerrear os amotinados. Assim o fêz em Santo Amaro de Ipitanga, onde hoje está o grande aeroporto. O impiedoso ataque degenerou em carnificina: cinquenta escravos foram mortos, três se enforcaram e muitos mergulharam no Rio Joanes, onde desapareceram... Trinta, apenas, voltaram — presos — à cidade.

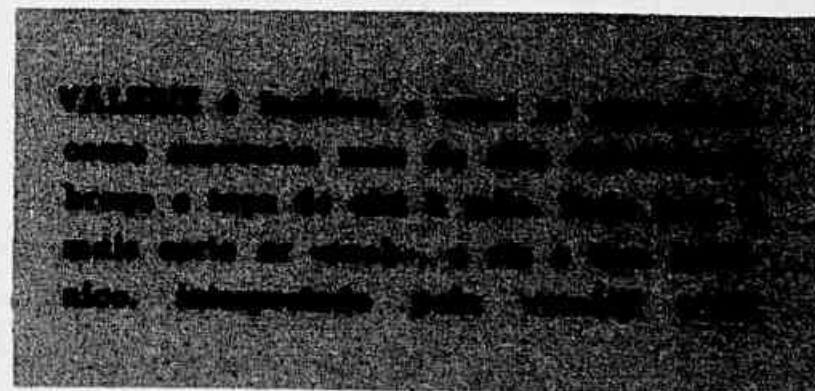
O govêrno geral proibiu ajuntamentos e batuques, mas D. Marcos de Noronha — tendo a medida como prejudicial — permitiu que aos domingos e dias de guarda até o

(Cont. na pág. 50)

VALERIE FRENCH

EM SETE TEMPOS

◆ ATÉ OS camaleões sabem que a versatilidade é algo de muito importante na vida. Mas, em se tratando de Valerie French, jovem atriz britânica de pais franceses, cuja infância decorreu na Espanha, que já filmou na Itália e mora atualmente nos Estados Unidos, a versatilidade foi levada à sua última conseqüência. Ela encarna, com perfeição de pasmarr, os tipos femininos de uma dúzia de países diferentes, e numa fração de tempo ultra-diminuto, em seu espetáculo quotidiano, que se desenrola presentemente num luxuoso cassina de Havana. Da britânica sofisticada à japonesa, da russa de



EM SE TRATANDO de francesas, é bom que as pernas fiquem de fora. E' claro que há francesas mais discretas. E', mas essas pouco interesse infundem a Valerie. Aqui entre nós: a nós também...

oras,
a do
Nos
era-
Foi
que
ano
Se-
eguir
nos
ares,
se-
En-
bár-
m o
do
Aus-
um
es-
gas,
len-
in-
as
dos
sas-
ran-
es-
o le-
es-
de
cada
s e
lício
orpo
a 20
An-
de-
no

rdos
a os
o. A
lvo-
enos
len-
Dois
ram
bro,

HO
cor-

ova
Sal-
da
lta-
s e,
a o
nou
ima
reor
em
nde
O
em
fo-
n e
loca-
nto,
- à

nta-
cos
co-
aos
é c

50)



COM CHIANTI E SEX-APPEAL, VALERIE INVENTOU UMA NOIVA ITALIANA. (Página ao lado).

O ENCANTO ORIENTAL DA MOÇA JAPONÊSA, TAL COMO O VÊ VALERIE, APARECE NA FOTO ABAIXO.

JÁ A NORTE-AMERICANA DA DIREITA FOI INSPIRADA NAS LINHAS SENSUAIS DE MARILYN MONROE.





PEQUENA RUSSA, em atitude de malique desiludido, Valerie, dotada de espantosa versatilidade, exibe-se em temas de variedades e já fez vários filmes na Itália e USA.

VALERIE FRENCH EM SETE TEMPOS

MUITOS ANOS de sua mocidade passou Valerie French na Espanha, quando teve oportunidade de presenciar ao vivo a atividade dos toureiros, que depois reproduziria no palco.

olhos profundos à norte-americana sensual, Valerie French passa com a maior naturalidade. As fotografias aqui estampadas mostram uma Valerie que sabe encarnar até suas últimas conseqüências os tipos ideais dos vários países — com a graça e a feminilidade com que os homens sonham. Mas, além disso, existe nela certo ar teatral que bem se podia esperar de uma jovem dotada de talento artístico como Valerie. «O ideal de beleza», costuma dizer Valerie, «muitas vezes agrada mais pelo modo como é apresentado». Nos Estados Unidos, é Marilyn Monroe, sem dúvida, aquela que atualmente mais desperta as atenções masculinas. Assim, é imitando a maneira de ser de MM que Valerie encarna a moça norte-americana. Já a francesa é caricaturada por ela em trajes sumários de «café-concert», enquanto a italiana é a jovem sensual de lábios úmidos e olhos grandes, tendo ao lado a garrafa de chianti... Há, é claro, certa romantização em tudo isso, mas sem romantização, a vida está cada vez pior... Mas, voltemos a Valerie. Ela acaba de terminar seu primeiro filme para a Columbia, «Jubal», em que faz o papel de uma garôta de cabaré, no longínquo Oeste americano dos tempos da Busca do Ouro. Ela, porém, que possui realmente talento, não deseja mais desperdiçá-lo em semelhantes desempenhos, preferindo aperfeiçoar-se, até que possa tomar parte em um filme que verdadeiramente a satisfaça. Mas, enquanto tal dia não chega, não custa nada que ela vá exibindo suas habilidades, que deixam os espectadores satisfeitos, e lhe proporcionam uma quantidade de dólares que efetivamente não faz mal a ninguém... (Fotos INS)



QUE É UM MORMON?

Por RICHARD L. EVANS

Membro do Conselho dos Doze da Igreja de Jesus Cristo.

Especial para a REVISTA DA SEMANA — Copyright United Press

Brigham Youn disse: «A nossa religião é simplesmente a verdade. Esta frase expressa tudo, pois abrange toda a verdade, quer se encontre nas palavras do homem ou de Deus...» Os «mormons» crêem que a inteligência de cada homem será um eterno atributo; sua busca de conhecimento, da verdade e da luz não é um privilégio apenas permissível, mas uma necessidade inelutável.

Praticam os «mormons» a poligamia?

Não. Qualquer membro da Igreja que praticar a pluralidade matrimonial será punido com a excomunhão.

Até certa época, os «mormons» aceitavam a poligamia e a praticavam. E quando foram aprovadas leis federais que proibiam tal costume, a Igreja alegou sua inconstitucionalidade, acusando-as de infringir a liberdade religiosa. Em 1890, depois que a constitucionalidade dessas leis foi reafirmada por decisão da Corte Suprema dos Estados Unidos, Wilford Woodruff, então presidente da Igreja, tornou público um manifesto em que condenava terminantemente a prática de poligamia.

Entretanto, a poligamia foi praticada em certas épocas dos tempos bíblicos, mas com a sanção divina. E aqueles que se entregavam à poligamia em pleno século XIX, julgavam que também tinham a sanção de Deus. Mas sempre honravam suas esposas e famílias. A prática da poligamia foi revogada pela mesma autoridade que a sancionou.

Qual é a concepção «mormon» do casamento?

O «mormon» acredita que não pode haver paraíso para ele sem sua família; e que se ele está de acordo com os ensinamentos da sua Igreja deve entrar para o matrimônio certo de que este é um pacto que não só sobreviverá até à morte como «por toda a eternidade». «No Senhor, não há homem sem mulher, nem mulher sem homem (I Coríntios 11:11).

Tais casamentos são realizados nos templos «mormons». Os casamentos realizados fora dos templos, pelos juizes de direito, não prevalecem para depois da morte, a menos que mais tarde sejam solenizados «para a eternidade».

Os casamentos com pessoas «não mormons» são contrários à disciplina religiosa, e por isso, realizados fora dos templos.

Os «mormons» aceitam o divórcio?

O divórcio é desencorajado e, até certo ponto, repudiado pelos religiosos. Os «divórcios templários» (nome dado para distingui-lo do divórcio civil) só podem ser concedidos pelo presidente da Igreja e para casos muito graves, como o de infidelidade.

Acreditam no Batismo? Na Confirmação? Na Santa Comunhão?

Aceitam o batismo por imersão, quando feito por quem tenha autoridade investida pelo Salvador, que foi batizado por João no Rio Jordão. Os «mormons» julgam que o simbolismo de ser «sepultado com Ele no batismo» (Colossianos 2:12) não possui outra forma que a da imersão.

Os «mormons» não aceitam o batismo de crianças, mas somente no das pessoas que já são responsáveis por seus atos, o que geralmente ocorre depois dos 8 anos de idade. Os crianças são inocentes e não podem responder aqui ou no paraíso pelas ações ou erros dos outros, pois «que delas é o Reino de Deus» (Marcos 10:14).

Uma simples confirmação segue imediatamente o batismo.

A comunhão, que é o sacramento da Ceia do Senhor, é administrada de maneira simples. Pão e água são abençoados e repartidos entre toda a congregação «como lembrança» do Salvador e como prova de que «eles se submetem aos Seus mandamentos».

Que são os templos «mormons»?

Todos os homens, indistintamente, são bem-vindos às capelas «mormons». Mas esses templos (dos quais existem oito em funcionamento) não são lugares para adoração pública. Os templos são usados para os casamentos solenes e para outras cerimônias sacramentais.

Deus (que é um Deus de ordem e amor) estabeleceu certos requisitos para se adquirir a cidadania em seu supremo «Reinado». Mas é claro que nem todos os homens têm conhecimento das leis, mandamentos e requisitos exigidos por esse Reinado. Por isso, crêem os «mormons» que Deus favorece a todos com uma oportunidade para ouvir e aceitar o Evangelho e os mandamentos a serem cumpridos na terra.

Eis as palavras de Pedro: «Por este motivo o Evangelho foi também pregado para aqueles que estão mortos (I Pedro 4:6). Assim, estes mandamentos essenciais — inclusive o batismo — são rigorosamente ministrados nos templos àqueles que morreram sem uma oportunidade para recebê-los em vida.

O conhecimento deste princípio e sua respectiva prática é sugerido por Paulo: «... Se os mortos não se levantam, porque então são batizados para morte?» (I Coríntios 15:29).

Qual é a atitude dos «mormons» diante do controle da natalidade?

A Igreja sempre advogou a constituição de grandes famílias. O controle da natalidade, como geralmente é entendido, vai de encontro aos seus ensinamentos.

Os «mormons» possuem «ministros»?

Entre os «mormons» não existe um clero «profissional». A Igreja oferece oportunidade a todos. Qualquer pessoa pode ser chamada para ocupar o cargo de bispo ou para ocupar qualquer investidura religiosa por espaço de tempo não determinado e sem qualquer compensação financeira. As cerimônias não impedem que o clérigo eventual se entregue às ocupações leigas.

Um menino ou uma menina de 8 ou 10 anos podem ocupar o púlpito para pequenas palestras. E rapazes até 12 anos são ordenados para os ofícios sacerdotais. A Igreja possui organizações que mantêm os estudos, os serviços recreativos e culturais para homens, mulheres e crianças de qualquer idade. E todos devem fazer alguma coisa.

O «mormon» é orgulhoso de sua religião «prática», que leva em conta o homem na sua «totalidade» e ensina que «os homens são o que demonstra a sua alegria» («Livro dos Mormons», II Nephi 2:25).

Quantos «mormons» existem?

A Igreja de Jesus Cristo dos Mormons (com sede em Salt Lake City, Utah, nos Estados Unidos) possui 1.246.362 membros em cerca de 3.300 congregações espalhadas em todo o mundo. Existem também alguns grupos cismáticos, com certas diferenças históricas e doutrinárias. Há ainda a Igreja de Jesus Cristo dos Mormons de Independence, Montana, com 152.850 membros.

Procuram eles fazer novos prosélitos?

Sim. Muitos missionários andam pelo mundo desde 1830 encarregados da severa tarefa de levar aos povos de todas as «línguas, raças e côres, a mensagem da Restauração» (Revelação 14:6).

Esta tarefa é realizada principalmente por jovens de 20 anos de idade (auxiliados por moças e outras pessoas). Durante o serviço missionário, eles são considerados ministros ordenados. Arcam com as suas próprias despesas (auxiliados por amigos e pessoas da família) e geralmente entregam a este mister dois ou mais anos da sua vida.

Qual é a organização da Igreja?

O 6º Artigo de Fé afirma que os ofícios e a organização da Igreja de Jesus Cristo deve seguir fielmente os planos estabelecidos pelo Salvador: «Adotamos a mesma organização que existiu na Igreja Primitiva, com apóstolos, profetas, bispos, padres, diáconos, etc.», como reza o Novo Testamento.

A Igreja possui uma forte organização central, com uma Primeira Presidência composta de três altos sacerdotes (segundo a ordem de Melchisedec, Hebreus 5:10), seguido em ordem hierárquica pelo Conselho dos Doze Apóstolos; um patriarca; o Primeiro Conselho dos Discípulos; e finalmente, um Bispado que preside todo o Sacerdócio Aarônico.

Geograficamente, a Igreja é dividida em «Postos» (Stakes), «Custódias» (Wards), que correspondem, mais ou menos às dioceses e paróquias católicas, e finalmente, em «Missões».

De que maneira é financiada a Igreja?

Principalmente pelo dízimo — o famoso dízimo evangélico. O trabalho, a parcimônia e a indústria são apontados como os melhores meios para suprir as necessidades. A aceitação de verbas governamentais ou de qualquer ajuda pública «não ganha» não são vistos com bons olhos. Através do trabalho espontâneo de homens de diferentes ocupações e profissões, a Igreja obtém meios para reabilitar os necessitados e velar para que ninguém viva na miséria material.

Que pensa um «mormon» a respeito do uso do fumo e do álcool?

O código de saúde e conduta elaborado em 1833 e conhecido pelo nome de «A Palavra da Sabedoria», desaprova o uso do fumo, das bebidas alcoólicas e das «bebidas quentes» (especificamente o chá e o café). Os preceitos de «A Palavra da Sabedoria» aconselha a abstinência de todas as substâncias nocivas e sugere o gozo de todas as coisas da terra «com prudência» (Doutrina 89).

Quando perguntaram a Joseph Story como se devia governar os povos, ele respondeu: «... ensinando-lhes os princípios corretos e deixando-os que se governem a si mesmos».

O «mormon» ama a liberdade como ama a vida. Acha que não existe princípio mais básico no Evangelho de Jesus Cristo do que a outorga divina da capacidade de livre escolha ao homem. Crê que a guerra deflagrada no paraíso foi uma luta pela liberdade; e que o direito de livre determinação é essencial para a salvação da alma, e que a tentativa de escravização do homem em qualquer sentido é inspiração demoníaca.

Ainda no tocante à liberdade, Joseph Smith cita os seguintes Artigos de Fé: «Temos o privilégio de adorar ao Deus Todopoderoso de acordo com os ditames da nossa consciência; e já que todos os homens gozam do mesmo privilégio, que eles adorem como, quando e onde puderem».

«Acreditamos que todos os homens podem ser honestos, verdadeiros, castos, benevolentes, virtuosos, etc.». Com essas convicções, o «mormon» entrega o destino de todas as coisas e de todos os homens ao Juiz Supremo e Pai Amantíssimo.

A SEGUIR: QUE É UM «QUAKER»?

CINE-ROMANCE



Tom conta seu drama passado na Itália a Betsy, que, reage a princípio, mas depois compreende que será melhor a felicidade estar na tolerância...

O HOMEM DO TERNO CINZENTO

ERAM aproximadamente dez horas da manhã quando Ralph Hopkins recebeu um telefonema de sua esposa. Ela queria vê-lo imediatamente para falar a respeito de sua filha Susana. Hopkins chamou Tom e propôs que os dois fossem lanchar juntos no dia seguinte. Após o que, dirigiu-se para South Bay. Helen Hopkins era uma mulher forte e atracente. Sem qualquer preparação psicológica disse que Susana recusava-se a ir para o colégio. E acrescentou que a filha só queria viver de festa em festa e que passava a maior parte da noite fora de casa.

— Ela já está com dezoito anos — disse Hopkins complacentemente. — Qualquer dia vai casar e constituir família.

— Não com os homens com quem ela sai — disse Helen. — E depois, eu tenho medo que ela se apaixone por um homem do «Café Society» que se chama Byron Holgate. Esse tal já teve duas esposas e é muito mais velho do que eu.

— Depois falaremos com ela — disse Hopkins. — E diga logo que se ela não quiser ir ao colégio, não terá mais permissão para sair.

— Eu já disse, mas não adiantou nada. Ofereceram-lhe um lugar de cantora numa orquestra de «jazz» e ela pensa em fazer um teste para o cinema. Isto é mesmo engraçado! Muita gente está com vontade de contratar sua filha e você deve saber o que isto representa. Você está no tempo de parar com essa liberalidade. E se o não fizer, vou requerer divórcio sob alegação de abandono de família.

No dia seguinte, Tom almoçou com Hopkins no Clube da Universidade. E Tom, numa atitude impassível, disse que não havia gostado do discurso, e porquê. Por um momento Hopkins ficou em silêncio. Mas, em seguida falou:

— Acho que você tem razão. Na verdade, vou a Atlantic, não a fim de convencer um grupo de médicos da importância dos estudos, sobre doenças mentais. Eles sabem isso melhor que eu. O problema é mostrar a eles que eu conheço esta importância e que quero formar um comitê de publicidade para promover um trabalho de difusão científica. Agora temos que atender a este aspecto.

Tom voltou ao seu escritório para escrever

um novo discurso. Naquela mesma noite, quando Tom chegou a casa, disse a Betsy o que se havia passado.

Sòmente no dia seguinte Susana Hopkins concordou em falar com seu pai. Ela veio ao seu apartamento. Hopkins começou dizendo que ela devia ir ao colégio, pois que ia herdar uma fortuna superior a cinco milhões de dólares e que era preciso ter certos conhecimentos para poder movimentar o dinheiro. E acrescentou que entregar uma metralhadora a uma criança.

— Não estou interessado no dinheiro — disse Susana. — Para mim, isto deverá constituir um incômodo.

— Mas é que você vai recebê-lo, Susana. Que fará com ele então?

— Creio que exatamente o oposto do que fazem você e a mamãe — disse ela. — Realizarei longas viagens e aproveitarei bem a vida.

Hopkins tentou explicar que ele e Helen haviam aproveitado muito bem a vida na medida do possível. Susana contestou. Declarou, em seguida, que ele nunca dera muita atenção a

(THE M
E L E
Tom F
Betsy
Hopki
Maria
Juiz B
Mrs. I
Cesar
Hawt
Susan
Janie
Walk
Mrs.

Produ
Diret
Rotei
Nove
Músi
Fotog
Traje
Cons
Prod

ela ne
sõmen
ninguê
saiu b

Qua
Bernst
com é
car a
dúvid
testam
ward,
lei rec
assin
algue
pesso
que n
fava
pagar
assin
Rath,
nha
persis
posto
disso
que E
Neste
acion
lenta
licita
Edwa
acab
com

Nã

CAPÍTULO IV

(THE MAN IN THE GRAY FLANNEL SUIT)

E L E N C O :

Tom Rath GREGORY PECK
 Betsy JENNIFER JONES
 Hopkins FREDRIC MARCH
 Maria MARISA PAVAN
 Juiz Bernstein LEE J. COBB
 Mrs. Hopkins ANN HARDING
 Cesar Gardella KEENAN WYNN
 Hawthorne GENE LOCKHART
 Susan Hopkins GIGI PERREAU
 Janie PORTLAND MASON
 Walker ARTHUR O'CONNELL
 Mrs. Manter CONNIE GILCHRIST

Produtor DARRYL F. ZANUCK
 Diretor NUNNALLY JOHNSON
 Roteiro NUNNALLY JOHNSON
 Novela Original SLOAN WILSON
 Música BERNARD HERRMANN
 Fotografia CHARLES G. CLARKE
 Trajes CHARLES LE MAIRE
 Consultor de Côres LEONARD DOSS
 Produção e distribuição 20TH CENTURY-FOX



A fuga da sua filha, Susana, preocupa profundamente a Hopkins, que parece não encontrar uma solução no momento. Entretanto, as coisas correm como deveriam correr. Ele aceita o fato.

ela nem à mãe. Disse que ele sempre vivera somente para si e que nunca dera seu amor a ninguém. Após dizer essas verdades, Susana saiu batendo a porta.

Quando Edward Schultz foi falar com o juiz Bernstein, o sr. Sims, advogado de Tom, estava com este. Eles tinham alguma coisa a comunicar a Edward. Em primeiro lugar, não havia dúvida de que a sra. Rath havia assinado o testamento deixando toda a fortuna para Edward, mas não havia uma só testemunha. A lei requer a presença de testemunha no ato de assinatura do testamento, a fim de evitar que alguém se aproveite da decrepitude de uma pessoa para fazê-la expressar uma vontade que não era a sua. Edward sempre dactilograva os cheques que a sra. Rath usava para pagar as suas contas, nos quais ela apunha a assinatura. E como Edward devia saber, a sra. Rath, durante os últimos anos de existência, tinha a vista em péssimas condições. E se ele persistisse em sua demanda, Sims estava disposto a ventilar o assunto perante o juiz. Além disso tinha cinco testemunhas capazes de jurar que Edward pedira a eles para fazer depósitos. Neste caso, os advogados de Edward poderiam acioná-lo por entregar-lhe uma causa fraudulenta. E Tom Rath ainda podia se apropriar licitamente de todos os depósitos feitos por Edward durante os últimos 30 anos. Edward acabaria perdendo o último centavo, ainda com risco de ir parar no xadrez.

Diante disso, sem mais uma palavra, Edward assinou uma declaração desistindo de suas pretensões com relação à herança de Rath.

Hopkins gostou muito do novo discurso de Tom e pronunciou-o em Atlantic na noite de 15 de setembro perante um auditório de grandes médicos. A oração foi entusiasticamente recebida e no dia seguinte os jornais teceram amplas considerações sobre o assunto. E Hopkins ficou fortemente impressionado com os pedidos que os médicos lhe dirigiram. Foi quando Tom percebeu que Hopkins não havia feito aquilo com o fim exclusivo de se engrandecer. Realmente, ele acreditava na saúde mental e queria fazer alguma coisa.

No dia 16 de setembro, sem comunicar nada a ninguém, Susana Hopkins fugiu com Byron Holgate. Hopkins perguntou imediatamente à esposa pelo paradeiro da filha. Helen disse que não sabia. Depois, souberam que ela havia partido para uma viagem ao redor do mundo.

Naquela noite, Tom foi convidado a vir ao apartamento de Hopkins. Tom nunca havia visto tal expressão estampada no rosto de Hopkins: um olhar exausto, confuso, mas cheio de bondade e compreensão. Falou a respeito do filho que havia morrido na guerra e de toda a família. De repente, perguntou:

(Cont. na página 20)



Não adiantam os conselhos. A verdadeira essência de cada ser quando ama é a satisfação dos impulsos do instante. Susana entrega-se às aventuras.

GASPARINO DAMATA



Regadas, o «Candinho» hospedou o célebre pintor japonês Fujita, que o iniciou numa nova técnica de pintura.

A mudança dos Portinari para as Laranjeiras (Jardim Sul-América, não dispersou a turma; ao contrário, foi acrescida de alguns nomes... O Mário de Andrade, o Murilo Mendes, e o casal Cantalupo, cuja amizade com o pintor, foi decisiva na sua carreira. A embaixatriz italiana Sofia Cantalupo, teve vários retratos seus feitos por Portinari. E o pintor, de um momento a outro, tornou-se uma espécie de «coqueluche» da grã-finagem. O casal grã-fino cuja mulher não tivesse o retrato feito pelo pintor, não estava na moda. O que em nada desmereceu o grande pintor, ao contrário, muito o ajudou a impor-se, a ganhar um bom dinheiro... A foto que aqui aparece, eu a fiz quando o «mestre» trabalhava nos afrescos do Ministério da Educação, trabalho que, entre nós, o consagrou definitivamente!

O DISCÍPULO "PENOU"

◆ O trabalho de Cândido Portinari para o Ministério da Educação (os seus ainda hoje admiráveis painéis em afrescos) exigiu do grande artista brasileiro um esforço insano. E para o auxiliar nessa difícil tarefa, o mestre contou com uma meia dúzia de competentes auxiliares, entre os quais o pintor Érico Bianco e o hoje consagrado arquiteto paisagista Roberto Burle Marx. O italiano Bianco, naquela época falando ainda um português um tanto arrezado, tratava Portinari por «maestro». E era «maestro» para cá, «maestro» para lá... Roberto Burle Marx, que tinha suas idéias próprias e ansiava por uma libertação, diga-se de passagem, sem intenção de fazer futricarias, sofreu um bocado na unha do Candinho... É que suas funções eram reduzidíssimas, o artista limitava-se, a bem dizer, a escolher tinta e encher vazios... O que decerto não o agradava. Aliás, recordo bem a manhã em que fui fazer algumas fotos, uma das quais ilustra esta seção. Roberto estava bastante agoniado, pois não podia distinguir um azul de um preto. E me perguntou, quando o Portinari se afastou, qual dos dois tubos de tinta era o certo. Acho que o artista, hoje mundialmente famoso e também um «mestre» consagrado no seu «metier», ao recordar aqueles dias deve achar muita graça... A verdade, porém, é que o então jovem arquiteto-paisagista muito sofreu e «penou» sob a tutela de Portinari. Ufa, ele que o diga!

ALUNO DE PORTINARI

◆ O meu conhecimento com Cândido Portinari, data de 1929, quando fui aluno dele; nessa época, o mestre fazia um academicismo pavoroso! Acho que devo ter, escondido nos fundos de alguma mala, alguns desenhos seus, que seriam hoje motivo de riso para o próprio mestre. Mas logo desisti de tomar aulas, porque vi que não dava para a coisa, meu caminho, na arte, seria outro. E também porque Portinari, vencendo o Salão com um retrato do poeta Olegário Mariano, preparava-se para fazer sua primeira viagem (em gôzo de prêmio) à Europa. O curioso, porém, é que meses após, também viajei para a Europa, mas lá nunca nos encontramos.

A grande sensação daqueles dias, isto é, em 1930, foi a volta do pintor — que viera moderno. Portinari pintava agora com visível influência de Modigliani! Os seus antigos admiradores acadêmicos, na sua maioria, passaram a evitá-lo... A sua exposição, meses após essa sua revolucionária e sensacional volta, foi um

fracasso! Nada mais natural. Era, porém, o início de uma grande carreira...

O pintor, de volta da Europa, passou a residir no Catete; mas lá, só estive uma única vez. Vim a freqüentar, porém, e assiduamente, a sua casa, quando este se mudou para a rua Teotônio Regadas, na Lapa. Nessa época, eu já havia desistido completamente de pintura. E lá na sua casa, foi que vim a conhecer um grupo de pessoas interessantes. O poeta Manuel Bandeira, que seria mais tarde meu vizinho, no Beco dos Carmelitas, o Jorge Amado, o Celso Cunha, que a meu ver muito influenciou o pintor, a Aida e o Henrique Pongetti, que muito o auxiliou no início de sua carreira, o Lélío Landucci, os Autuori (a Silvia e o Leônidas), o Renato Palmeira, o Queiroz Lima, o Franco Léquio... e muitos outros. Ali nos reuníamos quase que diariamente, e discutíamos (às vezes comendo excelentes macarronadas) os mais diversos problemas de arte. E foi uma época realmente deliciosa! Ainda na Teotônio

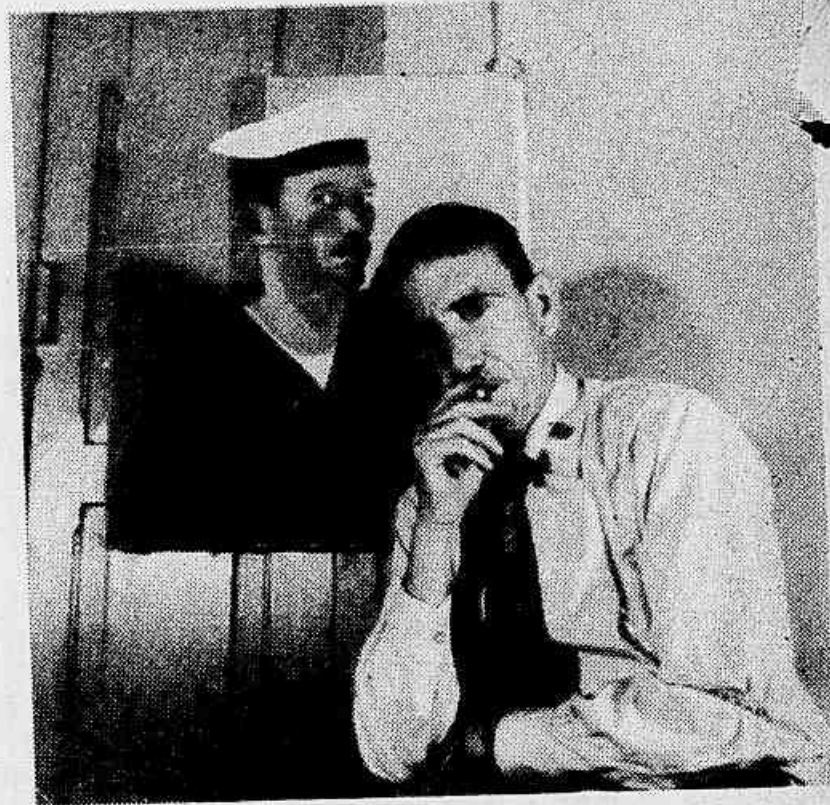


OS GRANDES CONHECIDOS DESCONHECIDOS



◆ O exemplo mais curioso de modéstia, de desamor à publicidade, em nosso meio, é sem dúvida o notável arquiteto Lúcio Costa, com quem sempre me dei desde menino. Acontece que Lúcio ainda é contra-parente de Odete

Monteiro, que foi, durante muitos anos, nossa vizinha, em Copacabana. A fotografia rara, raríssima e única que consegui fazer do «pai» da nossa arquitetura moderna (assim o cognomino porque todos os demais devem o muito ou tudo a êle!), data do tempo em que o Patrimônio achava-se instalado no ed. Nilo-Mex, isso por volta de 1939. E de lá para cá, confesso que nunca mais o vi; o seu natural retraimento não nos permitiu novos encontros, e com êstes a oportunidade de o fotografar melhor. O que não deixa de ser uma pena! Aliás, tenho absoluta certeza que noventa por cento dos estudantes de arquitetura do país só o conhecem através dos seus trabalhos. E de quantos arquitetos jovens não se poderia também dizer o mesmo? A Lúcio Costa, ajudado por Murilo Mendes, Manuel Bandeira, Portinari e outros, deve-se a realização do Primeiro Salão Moderno, na Escola de Belas Artes, em 1932, quando o notável arquiteto era então seu diretor. E durante o tempo em que exerceu tais funções, fêz uma verdadeira revolução, diga-se de passagem. E' pena que o grupo que o cercava, como êle — gente que só pensava na arte pela arte, sem nenhum tato político, tivesse deixado, após uma série de tão notáveis realizações, a coisa cair novamente nas mãos de uma meia dúzia de acadêmicos...

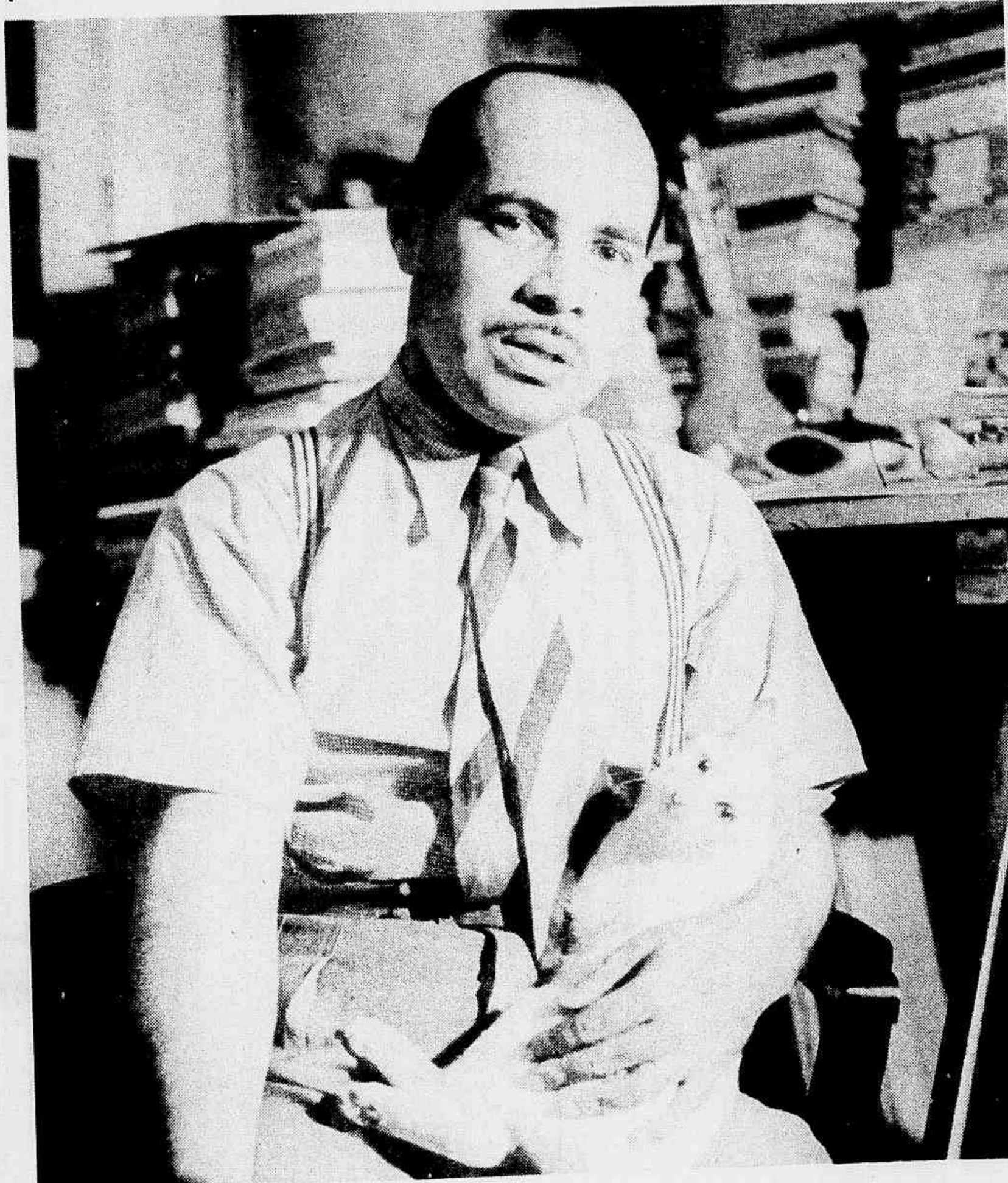


A MESMA CARA

◆ A fotografia de Pancetti que aqui aparece, foi por mim feita em princípios de 47, se não me falha a memória, para «Diretrizes»; e mais tarde usada na seção «Quem vê cara... As vezes vê coração», que fiz para uma revista sulina, de parceria com o Rubem Braga. O que achei sempre muito curioso com o pintor-marineiro (pois voltei a fotografá-lo diversas vezes, para outras revistas e para uma exposição fotográfica minha) é que o artista não envelhece! A cara do Pancetti é sempre a mesma! O auto-retrato que aparece nesta fotografia, data do tempo das suas primeiras exposições aqui no Rio. E pertence à coleção particular do artista. O auto-retrato, ao meu ver, não é bem um auto-retrato, no sentido em que se dá, ou seja, o pintor pintando-se a si mesmo, conforme êle se vê... no momento, numa época. Mas um auto-retrato de um Pancetti saído da adolescência e entrando na maturidade; de um Pancetti que nunca pretende nem pretendeu envelhecer, a despeito dos anos...

O REI DAS CAPAS

◆ A curiosa fotografia que vocês estão vendo, de Tomaz Santa Rosa, do «Santa» como ficou sendo entre nós conhecido, foi por mim tirada no apartamento do artista então em moda, e que ficava vizinho ao do de Portinari, no Jardim Sul-América, nas Laranjeiras. O pintor paraibano, então mais jovem e relativamente magro, vivia inteiramente voltado para as coisas de teatro, pintando apenas nas horas vagas, quando dispunha de tempo. O curioso, porém, é que seu «cartaz», como se diz hoje em dia, embora dentro do seu «metier» — artes plásticas, deve-se, no entanto, não aos seus belos quadros, mas às capas que fêz para os livros editados pela José Olympio. A coisa se tornou tão séria, tão importante, que o escritor que não tivesse um livro editado, com capa de Santa Rosa... não se sentia consagrado! Alguns poderão dizer que a importância era totalmente da editôra, mas a verdade é que o «Santa» não descansava e... haja capas! E mais tempo que fôsse, para o artista desenhar, fazer capas! O mais curioso é que foi na companhia do «Santa» que certa manhã, por volta de 1937, saí para comprar a minha decantada máquina tipo «caixão», que se não me falha a memória, custou-me sessenta ou setenta cruzeiros. Até que adquirisse uma nova, pois logo em seguida estorou a guerra e o material fotográfico, que vinha da Alemanha, desapareceu do mercado, fiz com ela algumas fotografias bastante apreciáveis. E a ela me agarrei como uma tábua de salvação!

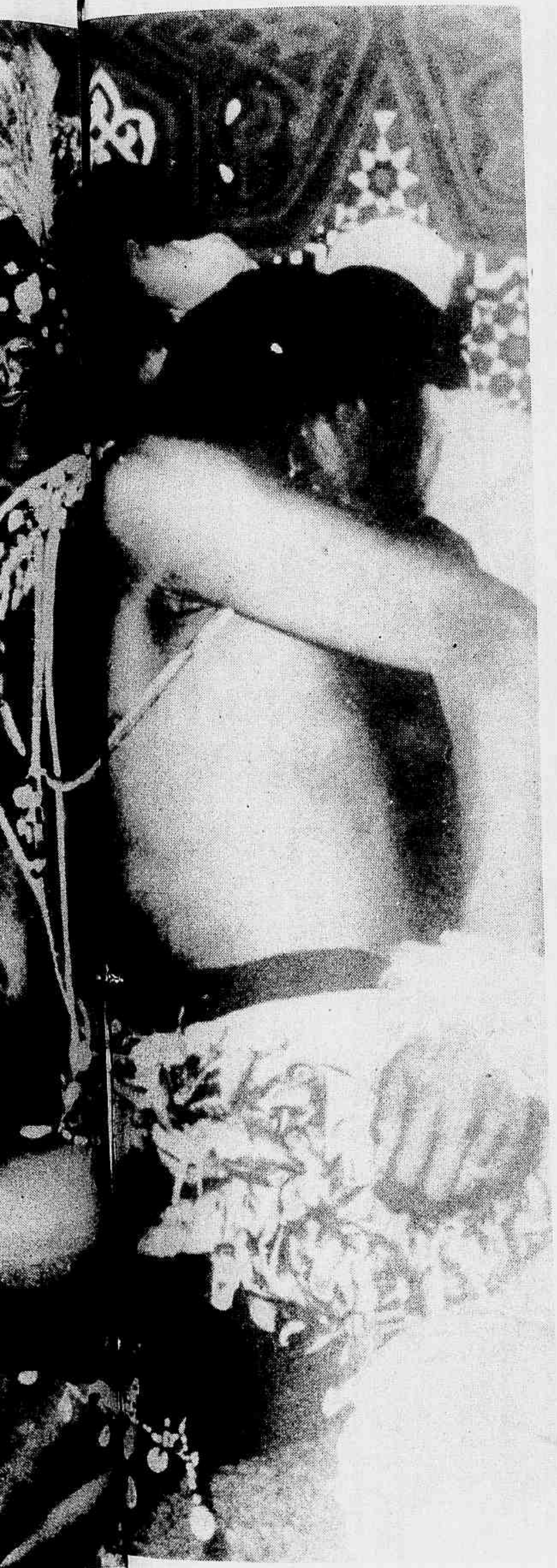


O "ZAR", OS DEMÔNIOS, E UM CERTO SE NH



NESSAS PÁGINAS alguns detalhes da antiquíssima cerimônia nilótica de expulsão dos demônios, tal como é hoje apresentada em alguns recantos

SE NHOR NASSER



A INFLUÊNCIA negra é bastante forte nessas cerimônias, de certo modo parecidas com o candomblé brasileiro. Pena é que, para agradar aos turistas, a antiga dança já esteja sendo deturpada e estilizada.





COM VESTES longas e cabeleiras desgrenhadas, êsses músicos sacodem freneticamente suas castanholas. Os assistentes, batendo palmas compassadamente, mantêm os rostos, queimados pelo sol ardente do deserto, incrivelmente sérios. Afinal, o diabo está em cena.

O FIM do



TAMBÉ



O FIM do «zar» é traduzido por um recrudescimento do barulho infernal oriundo da orquestra primitiva, formada por flautas, atabaques e uma espécie de castanholas rudimentar. Quem não tiver nervos de aço, não apareça em certas vielas do Cairo, em dias de «zar».

TERÁ O "ZAR" PODER PARA EXPULSAR DA TERRA DE NASSER O DEMÔNIO BRITÂNICO?...

◆ NO EGITO dos Faraós, quando uma mulher principiava a se comportar de maneira estranha, que fugia de todo à conduta normal, dizia-se que estava possuída pelos demônios, e organizava-se, para trazê-la de volta à normalidade, uma dança alucinante, denominada «Zar». O «Zar», dança de expulsão dos demônios, ainda pode ser presenciada nos dias que correm, em alguns bairros mais primitivos do Cairo, e pelo interior do país, mormente para os lados do Sudão. Essa dança, de inspiração nitidamente negra, assemelha-se incrivelmente ao nosso candomblé, porém já absorveu certos elementos pertencentes à tradição islâmica mais pura. De início, a dançarina escolhida para personificar o «Zar» realiza movimentos de incrível lentidão, movimentos que pouco a pouco adquirem maior intensidade, até que se transformam em uma desenfreada sucessão de gestos obscenos, cada vez mais vertiginosos. O acompanhamento é feito com instrumentos primitivos, com flautas rústicas, tambores e uma espécie de castanholas. O aposento em que se realiza o «zar» deve estar semimergulhado em penumbra, e à parede é necessário que exista um véu de cor vermelha. Ao canto da peça, um altar ornado com candelabros deve ser erigido previamente. Quando a mulher que realiza a dança frenética finalmente desfalece, caindo em meio a convulsões no centro do salão, os instrumentos atingem ao paroxismo do som, enquanto as mãos dos presentes batem ritmadamente cada vez mais depressa, como que marcando uma tétrica melodia. Quando a dançarina volta a si, dizem os egípcios que o demônio está finalmente exorcizado. Mas, se acaso as mulheres que praticam o «zar» deixarem de fazê-lo durante um ano inteiro, ou se a praticarem excessivamente, durante os doze meses, dizem os supersticiosos nativos que o demônio poderá apossar-se delas para sempre. Há várias espécies de demônios, porém o «zar» tem poder de acabar com todas elas. Vamos a ver se terá também força para expulsar o «demônio» inglês da sagrada terra que já Herodoto classificara de «dom do Nilo»... — (Fotos KEYSTONE).



TAMBORES IMENSOS batem a cadência da música original que acompanha os gestos arrebatados da intérprete do «zar».



DESDE A mais remota antiguidade, a flauta vem desempenhando papel preponderante nessa cerimônia impressionante.

EM QUALQUER PONTO DO
BRASIL QUE V. S. RESIDA

O MUNDO PORTUGUÊS

UM JORNAL PARA O BRASIL E PORTUGAL

Estará Todas as Semanas ao Seu Alcance. Seja Assinante Dêste Moderno Semanário e Esteja em Dia Com os Acontecimentos da Pátria de Camões!

Assinaturas:

AV. RIO BRANCO, 277 - 12.º - GRUPO 1.203 FONE 32-0499
RIO DE JANEIRO

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON n.º 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON n.º 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirá-o nas farmácias e drogas ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Distribuidores para todo o Brasil:
Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706
Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me por Rembolsos Postal um vidro de «BÉL-HORMON» N.º

NOME
RUA N.º
CIDADE
ESTADO

Preço para todo o Brasil: Cr\$ 88.00



AGORA
elegantes
modêlos
em sola
fina

Calçado
SOUTO

Conforto
máximo
Garantia
absoluta

LEIAM

**ESPORTE
ILUSTRADO**



TODAS AS
QUARTAS-FEIRAS

EM S. PAULO HOSPEDE-SE
NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 280.00 — Casal 380.00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

SÃO PAULO — End. Telegr. «PRINCIPEHOTEL»



MÚSICA

BOLIVAR COSTA

Louis Kentner no Municipal

◆ Em sua penúltima apresentação da temporada dêste ano a ABC e Pro-Arte nos deram o pianista húngaro Louis Kentner, cuja projeção internacional é indiscutível. Angariou fama na Inglaterra, país onde vive há bastante tempo, e através de inúmeros recitais tem confirmado o seu prestígio nos principais centros musicais da Europa continental.

Pouco dado às exteriorizações e expansões emotivas, Kentner não é dêstes pianistas que agradam ao primeiro contato. Seu «toucher» peca pela rispidez excessiva a par de uma disciplina técnica fria e, por vêzes, antipática.

No Coral «Que le Sauveur des Paiens Viene Maintenant» de Bach, Busoni foi sêcamente recebido pelo público, que não encontrou a sutileza de construção inerente à obra.

Ainda mais esmaecida foi a interpretação da Sonata, Op. 109 em Mi Maior de Beethoven, cuja ausência de expressividade estêve além da expectativa. Satisfatória sob o ângulo essencialmente técnico, perdeu muito com certos enxertos de todo desnecessários, seguidos de conseqüentes elisões. O «andante cantabile», por exemplo, foi francamente amortecido pela falta de sentimento do pianista.

Todavia, os «Quatro Scherzos» de Chopin tiveram melhor sorte, principalmente o Opus 39 que recebeu um tratamento firme. Aos outros três (opus 20, 31 e 54) faltou uma maior participação emocional, um cromatismo mais impressivo.

Após o intervalo, o nível de execução subiu sensivelmente, não obstante a distorsão das duas pequenas peças do nosso Heitor Vila-Lôbos: «Nessa rua tem um bosque» e «Passa passa gavião». Ouvimos um piano martelar mecanicamente, sem dar à música qualquer colorido, numa demonstração evidente de ausência de entendimento. Fato êste provavelmente determinado pelos estudos apressados das peças em questão.

As «Danças de Marosszek» (Zoltan Kodaly) e «Sonatina» (Bella Bartok) foram o que de melhor nos deu Louis Kentner. Entusiasmo, expressão, bem dosados e com visível segurança acabaram por arrancar prolongados aplausos. Concluído o programa com a bellissima peça de Balakiriev intitulada «Islamey», Kentner ainda executou três números extra.

Notas

Prossegue com enorme êxito, a Temporada de Concertos do Teatro Copacabana com mais um recital a cargo do pianista austríaco Hans Graf.

x x x

Na série de recitais de professôres a Escola Nacional de Música apresentou um recital de contra-baixo pelo professor Antônio Leopardi.

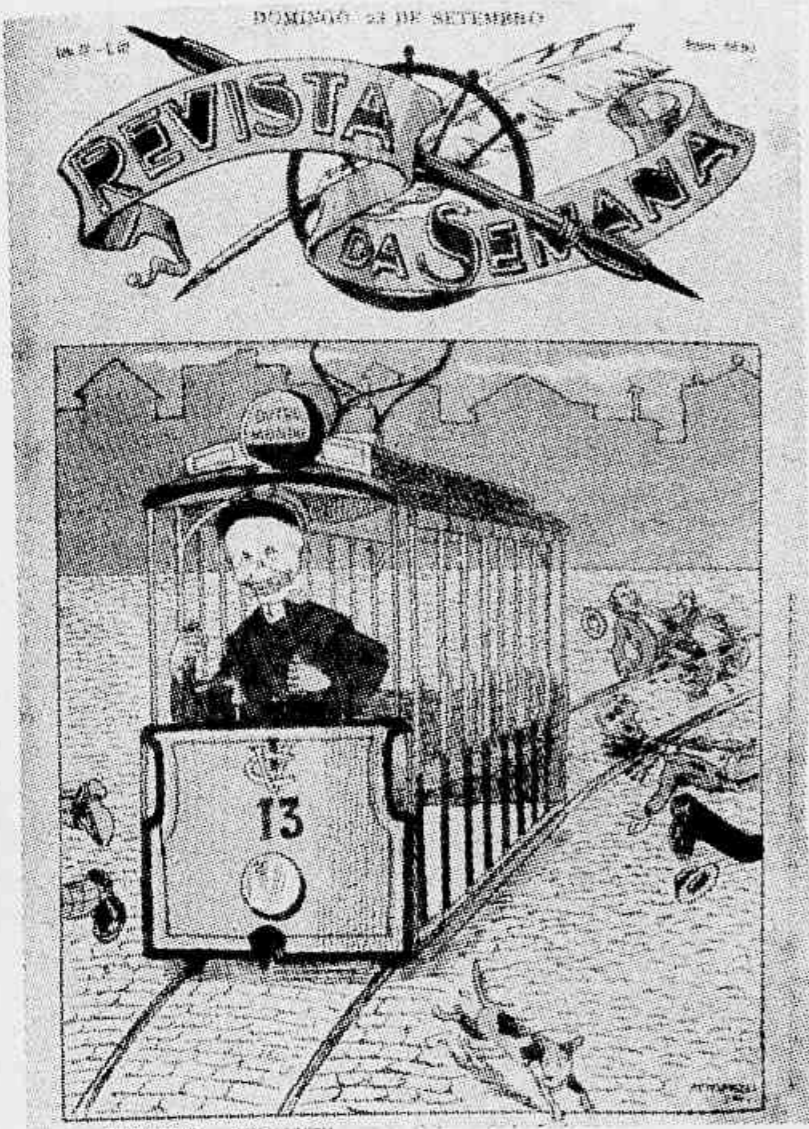
x x x

Enquanto Ferruccio Tagliavini deu um recital de canto no Teatro Municipal, acompanhado ao piano pela professôra Cláudia Moreno. Do programa constatarem as seguintes peças: «Lamento di Frederico» da Arlesiana de Ciléa; «O del mio dolce ardor» de Gluck; «Chi vuol la Zingarella» de Paisiello; «Una Furtiva Lacrima» do Elixir de Amor de Donizetti; «E lucevan le stelle» da Tosca de Puccini; «Aubade» de Le Roy D'Ys de Lalo; «O Juge» de Geni Cadero; «Amuri, Amuri» (Canção siciliana); «Tosti», «Ideali» e «Torna a Sorrento» de De Curtis.

x x x

E a Rádio Ministério da Educação e Cultura prossegue, com muito sucesso, o seu Festival Mozart organizado pela sra. Helena Lourenço Fernandez. Por enquanto já participaram das programações com palestras ilustrativas, o sr. Eurico Nogueira França, o pianista Arnaldo Estrela e o crítico Olávio Bevilacqua.

Domingo, 23 de setembro de 1906



♦ A CAPA — Uma charge de Amaro, tinha como tema... a velocidade dos bondinhos elétricos, então apenas introduzidos na cidade.

MANOBRAS MILITARES

♦ Sob o commando em chefe do sr. General de Divisão Hermes da Fonseca, partiram para o antigo Curato de S. Cruz, as forças do Exército e Armada, afim de alli effectuarem as grandes manobras militares d'este anno. O garbo e a disciplina com que se apresentaram na revista que lhes passou o sr. Marechal Argollo, Ministro da Guerra, em Cascadura, deixaram patente o adiantamento moral e a instrução militar dos nossos soldados que cerram fileiras para elevar as gloriosas tradições das classes armadas do paiz. Realmente. Quando, depois da revista, o clarim deu o signal de marcha em guerra, e a divisão collocou-se em posição de avançar, prompta para um provavel encontro com o inimigo, a precisão com que foi executada a ordem, deixou em todos os espiritos a certeza do interesse, que enfim começa a preoccupar o soldado, para apresentar-se com o completo preparo de sua gloriosa missão de sentinella da honra da patria. A divisão marchou em perfeita ordem até a invernoada do primeiro Regimento de Cavallaria, onde fez o primeiro bivaque, fazendo-se o primeiro grande alto na fazenda Viegas, o segundo em Campo Grande, o terceiro em Paciencia e o quarto em Santa Cruz. Nenhum incidente occorreu durante essa longa marcha em que os soldados se mostraram perfeitamente aptos para essa prova importante de superioridade physica. Merece os maiores encomios a magnifica iniciativa do commando do 4º Districto Militar, realizando taes manobras, de resultados reaes para as classes armadas, e que ao mesmo tempo traduzem não só a comprehensão da responsabilidade dos destinos de uma instituição, como tambem a revelação de uma qualidade essencialmente militar — a providencia. O Brasil, sem pretensões de bellicoso ou desejoso de expansões territoriaes, precisa contudo de garantir-se para conservar o prestigio de que se tem visto cercado até hoje no continente sul-americano. Depois, os exercitos não se crearam somente para fazer a guerra: servem tambem para manter a paz.

A VIDA INTERNACIONAL

MARAVILHOSO INVENTO

A REVISTA DA SEMANA publica hoje as photographias de um carro destinado a salvar vidas em caso de incendios. O humanitario invento, como se verifica pela nossa gravura, consta de um carro que se abre com a maxima presteza, podendo receber, simultaneamente, as victimas de um incendio em todos os andares do edificio em chamas e permittindo, d'estarte, aos bombeiros, com a maior segurança e presteza, dominar o fogo.

Atravessa o mundo uma intensa crise politica que sacode todos os povos e como que coincide com revoluções geologicas, qual houveram de repetirem-se phenomenos que a historia registra. E' o retrocesso dos acontecimentos, como affirma o aphorismo — é a história que se repete —; é uma lei biologica que se affirma no transformismo incessante a que tudo se acha subordinado. De estadio em estadio caminharão os povos até as nossas eras, na marcha ascensional da civilização, polindo-se em luctas pela existência, procurando cada qual sobrepor-se, e aos demais, dominar. E a nenhum é dado estacionar, sequer permanecer, pois, no seu ininterrupto rolar pelo tempo afora, a avalanche civilisadora esmagará aos que não tentam retroceder, ou fraquejam a meio. E', pois, a este perenne espectáculo que com duplo interesse assistimos. A Europa offerece-nos a parte mais empolgante do periodo histórico. Dous imperios agonizam: um outro convulsiona-se nas garras da anarchia; a Austria e a Turquia vêem chegar o termo de sua razão de existir. A heceterogenea monarchia austro-hungara já não consegue impor-se ao mundo, desde que a Prussia a repelliu da Allemanha, e esse periodo de decadencia mais accentua as discordias de raças, constantes, linguas e religiões da mais polychromica das nações do mundo. A absoluta Turquia, acampamento tartaro da Europa, vae-se extinguindo, e não tardará que do alto de Santa Sophia caia despedaçado o crescente substituido pela Cruz. A Russia, onde tambem ha uma amalgama de desiguales elementos ethnicos irrompe num movimento ha longos annos sopitado pelo «knut»; mas a opressão das classes chamadas interiores incendeu os animos e o anachronismo cesariano dos Romanoff está ameaçado de ruidoso desapparecimento. Atrazada de um século na marcha evolutiva dos povos, a Russia ve-se a braços com a mais tremenda crise politica que os seus homens não previram, ou tentaram impedir, como se pudessem revogar as leis naturaes.

Não é uma revolução burgueza, é um problema social, que assume, no império Moscovita, proporções assustadoras pelo predomínio do campo sobre a cidade; é a população proletaria que se levanta reclamando logar preponderante. Assim, a Russia offerece-nos este duplo aspecto: a saida de ainhofre para um seculo que da nossa civilização a separava, e avança para uma epocha que em da é uma hypothese nas nações cultas, procurando solução radical para um problema que em outros paizes mal esboçam os espiritos mais avançados. E não vale resistir. Porque a avalanche popular avança, a despeito das medidas repressivas. A cada fuzilamento, a cada execução, levantam-se homens e mais homens; a cada revolta reprimida surgem sedições por toda parte.

A. AGUIAR

AUGMENTO DAS POVOAÇÕES ESTRANGEIRAS

De 1851 a 1901 augmentaram de povoação as seguintes nações: Russia em 81%; Dinamarca, 79%; Hollanda, 68%; Allemanha, 59%; Belgica, 56%; Inglaterra, 52%; Austria, 49%; Italia, 36%; França, 14%. A Inglaterra, excedeu, como se vê, de 15 mi-

lhões a 41; a Allemanha, de 24 a 56; a Italia, de 17 a 33; a França augmentou a 444.000, e a Hespanha de 12 a 18 milhões de habitantes. Já é um progresso de população bem consideravel.



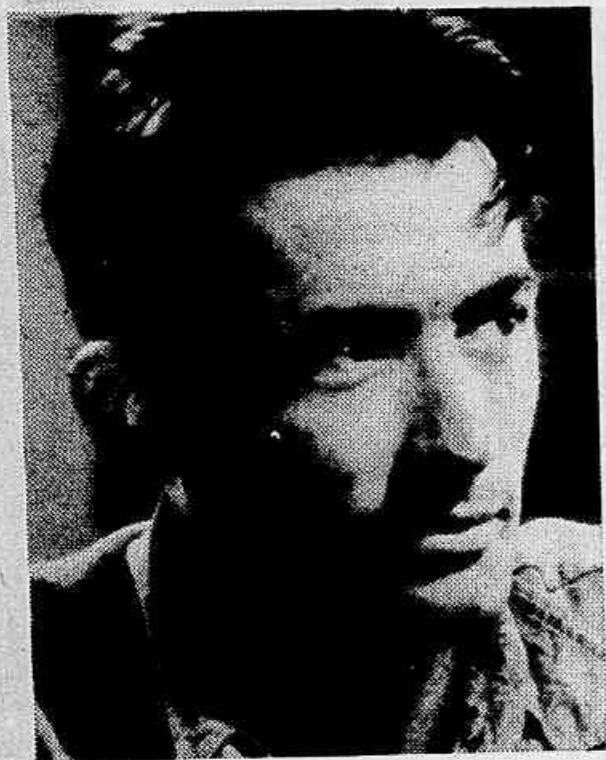
♦ MLE. NAIR TEFFÉ, concorrente ao salão de 1906, na Escola de Bellas Artes do Rio de Janeiro.



Jeff Thomas recebeu os Gouthier

NA SEGUNDA-FEIRA QUE PASSOU, ESTE COLUNISTA RECEBEU, NA «BOITE» FIESTA, PARA UM «COCKTAIL-PARTY» EM HOMENAGEM AO EMBAIXADOR E SENHORA HUGO GOUTHIER. AGUARDEM REPORTAGEM PARA O PRÓXIMO NÚMERO.

Grand Monde internacional



Gregory Peck, o astro de «Designing Woman» com Lauren Bacall.

hington é a super-millionária Perla Windsor e a minha colega colunista Elza Maxwell são duas famosas inimigas do «Grand-Monde» internacional. Pois ambas estão assistindo atualmente ao festival cinematográfico que está sendo realizado em Veneza. Vocês já imaginaram um encontro dessas duas famosas figuras?

Ao que tudo indica, o príncipe Aliata vai mesmo subir ao altar com a «ex» do milionário mexicano Bruno Pagliai. E por falar em Pagliai, ele parece ter atualmente em Linda Christian seu atual «date» preferido. — Em Hollywood o astro mais em evidência atualmente é Gregory Peck. O próximo filme de Gregory para a Metro será «Designing Woman», ao lado de Lauren Bacall, que é, na Metro, a substituta de Grace Kelly. Aliás, essa notícia foi dada de «preview» para todo o Brasil por esta coluna. — Acabo de receber de Nova York um cartão do colunista amigo João Rezende, que breve estará novamente na pista carioca. — Vocês sabiam que a «hostess» número um de Washington é a super-millionária Perla

Mesta? Perla foi ministro dos Estados Unidos em Luxemburgo. — Pouca gente sabe que a Duquesa de Windsor e a minha colega colunista Elza Maxwell são duas famosas inimigas do «Grand-Monde» internacional. Pois ambas estão assistindo atualmente ao festival cinematográfico que está sendo realizado em Veneza. Vocês já imaginaram um encontro dessas duas famosas figuras?

Gossips



Lígia Coutinho ainda tem em Maurício Duque seu «date» preferido.

Como vocês sabem, a palavra DATE é um lançamento de Jeff Thomas. E o que mais me surpreende é que um certo colunista ao usar essa discutida e comentada palavra em sua coluna esquece de dizer essa verdade. — BABY THOMAS informa que a senhorita B.M.P. ainda continua prestes a figurar na já famosa PRATELEIRA. — O paulista Maurício Duque esteve aqui passando o último «week-end», ainda em companhia de Lígia Coutinho. Ao que tudo indica, esse romance parece que não ficou «gélot». — Também quem esteve aqui foi o galante Obe de Souza Carneiro, que não consegui saber quem é seu «date» preferido. — Muito bonita a foto que o colunista Tavares de Miranda publicou em sua coluna da BEAUT

Gray Láfer. Como já informei para vocês, Gray é atualmente a jovem que vem fazendo mais sucesso no «high-society» paulista. — Provocou comentários gerais a notícia que Baby Thomas me enviou de São Paulo sobre um rumoroso desquite que está prestes a acontecer no Planalto. Estou atônito para poder apurar tudo logo, «in loco». — Vou passar esse «week-end» em São Paulo para ver determinado «date». — ELA continua figurando na prateleira.

Pequenos Flashes

JEFF THOMAS LANÇA — Nunca pensei que tivesse tanta repercussão os meus lançamentos como, chapéu «Gélot», «suspense», prateleira e outros. A conhecida modista Elza Haouche, que realizou na semana passada um desfile nos senhoriais salões do Copacabana Palace, homenageou este colunista criando um chapéu «Gélot» para mulheres, que foi a coisa mais comentada do desfile e batizou de «Suspense» um modelo que foi desfilado pela bonita Norma Tamar. Como vocês estão vendo, estão tendo realmente grande repercussão meus lançamentos.

— Na outra segunda-feira a senhora Berta Leite recebeu para um jantar de «black-tie» comemorando a «mudança-de-idade» da elegante senhora Becki Klabin.

— Num recente sábado o senhor Eduardo Bahout recebeu um grupo de amigos para um churrasco em seu sítio em Itaipava.

— Baby Thomas, que como vocês sabem chefia meu «Gabinete Social» em São Pau-



A elegante senhora Becki Klabin teve sua «mudança de idade» na semana que passou.

lo, informa que o conde e a condessa Adriano Crespi receberam o «high-society» do Planalto para um jantar.

— Das candidatas ao título de Miss-Elegante Bangu a «beaut» e esguia morena Zaide Saldanha, que representa a Hipica, tem grande chance para abiscoitar esse cobiçado título.

— Um dos restaurantes que está sendo muito procurado pelo «high-society» aqui é o do Hotel Glória, onde funciona uma perfeita cozinha internacional.

— Está fazendo um sucesso dos diabos no «La Cremaillère» a cantora francesa Rose Avril. Esse restaurante vai de «bola na rede».

— A simpática Anne Marie Quartin Barbosa tem recebido pequenos grupos do «high-society» carioca para jantares no seu apartamento no Anexo do Copa.

O famoso «Gélot» continua em cima. Até a próxima.



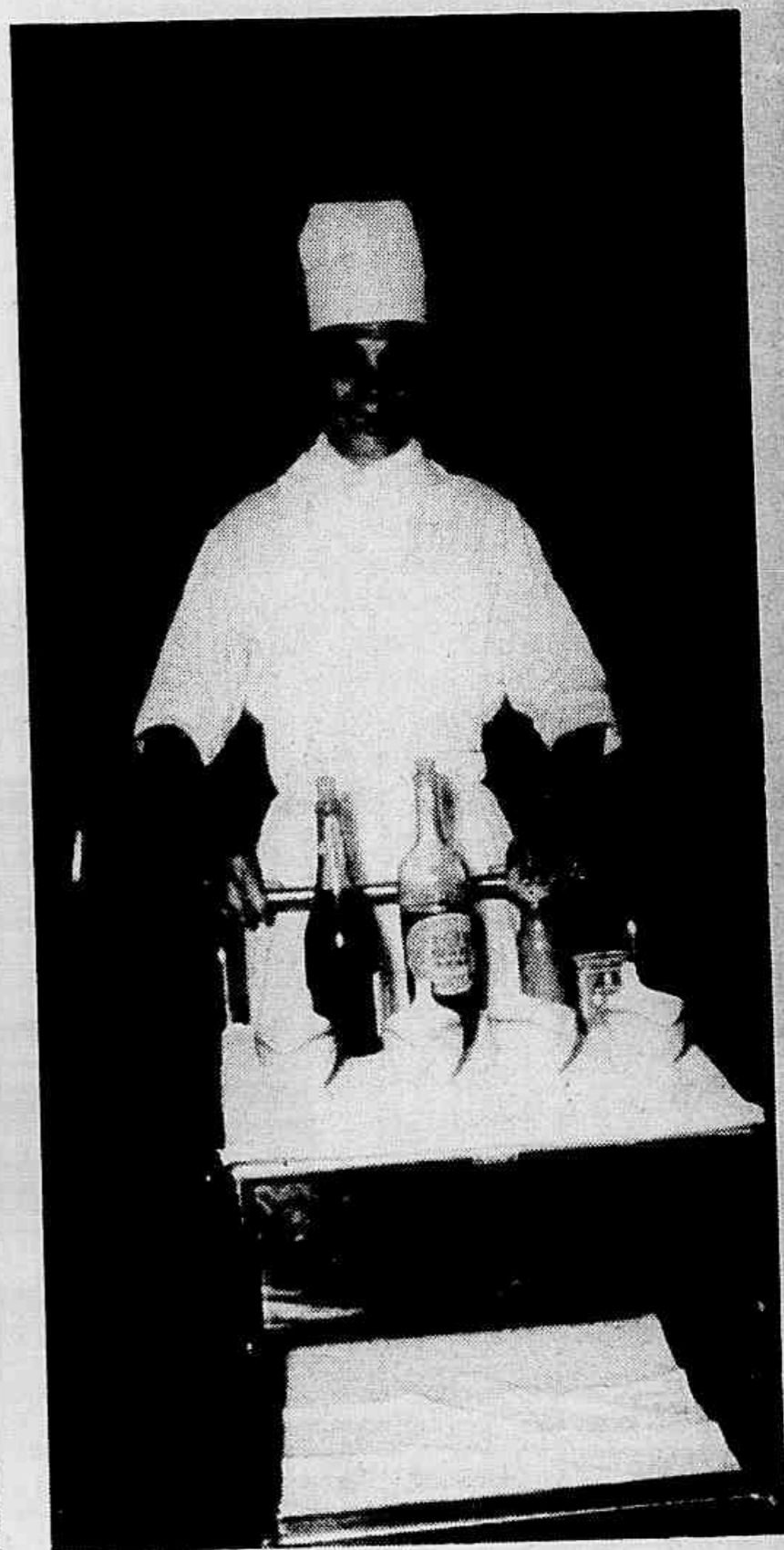
O sr. Eduardo Tapajós conversa (em chinês, é claro) com uma artista da Ópera de Pequim.

JANTAR CHINÊS NO HOTEL GLÓRIA

★ Foi realmente muito chinês o jantar que participei na outra noite de sábado, a convite do sr. Eduardo Tapajós. Naquela noite, o sr. Tapajós recebia a Ópera de Pequim para jantar. Como não podia deixar de ser, o «menu» que era chinês teve pausinhos e tudo. A Ópera de Pequim que veio para atuar aqui no Teatro Municipal, participando de uma temporada muito feliz, impressionou bem o exigente público carioca. A esquisita Ópera de Pequim é composta de muitas figuras. No jantar no Hotel Glória, pude observar os diferentes trajes usados pelas chinesas, principalmente o tipo de panos por elas usado. Como disse para vocês, o «menu» que foi todo chinês, esteve perfeito.



O soprano da ópera come com pausinhos. Seu nome é Lu-Chu-Fam. À direita o mestre «cuca» chinês.





SOPHIA LOREN, Frank Sinatra e Cary Grant estão na Espanha, filmando. Acima vemos Sinatra, tomando displicentemente sua «cockie», indiferente aos encantos da exuberante italiana. O mesmo não acontece com Cary Grant (foto de baixo); embevecido na sua contemplação.

SOFIA LOREN FALA DA ESPANHA



SOU tímida, e por isso o primeiro dia de trabalho, em cada novo filme, é sempre penoso para mim. Depois, porém, vem a camaradagem com os colegas, e tudo corre bem. A princípio, porém, sinto-me como uma escolar que vê pela primeira vez o mestre. Quando iniciei «Peccato che sia una canaglia», dirigida por Blasetti, cheguei a desmaiar de emoção, e tiveram que dar-me saís para que eu me recuperasse. Com o mesmo diretor, fiz também «La Fortuna di essere donna». Ao iniciarmos a primeira cena, Blasetti, que se recordava de meu desmaio no filme anterior, gritou para seus auxiliares: «Prontas as luzes? Prontos os saís da senhorita Loren? Então, câmaras!»

A CENA DO BAILE — É fácil imaginar como me sentia quando, há alguns meses, na Espanha, fiz a primeira cena de «The Pride and the Passion», meu primeiro filme americano, dirigido por Stanley Kramer, que tem fama de ser um homem exigente e cruel. Como colegas de filmagem tenho Cary

Grant e Frank Sinatra, e no filme falo diretamente em inglês. Eu devia, logo de saída, dançar um «flamengo», no meio de setecentos figurantes espanhóis legítimos. Enquanto bruxoleavam as luzes, minha irmã, que estava a meu lado, me perguntou: «Como te sentes, Sophia?» Respondi-lhe, com um fiozinho de voz: «Invés de morrer no fim da película, por uma bala de um soldado napoleônico, acho que morrerei mesmo agora, de medo». Depois, comecei a dançar, e os figurantes a gritar, com entusiasmo, Olé! Olé! Essa palavrinha, na boca de um espanhol, tem virtudes incríveis, capazes de ressuscitar um morto. Esqueci-me do medo e da timidez de havia pouco, e senti correr em minhas veias autêntico sangue espanhol. Dentro em pouco, todos gritavam Olé!, até mesmo os electricistas, os cabeleiros, os carpinteiros, até Stanley Kramer!

Gosto muito de Cary Grant. Apesar de seus incríveis e assustadores cinquenta anos, é um homem ainda sedutor, de aparência simpática e jovem. Sempre foi um dos

meus. C
anos, e
síssimas
que, q
zuoli ex
tia a v
dia, dis
primeir
que tin
trucou,
nifica
velho c
Já Si
mais b
alegre
na-se e
momen
te com
tando
bem, p
tes de
estude
achei
Quand
os am
te nad
entend
diziam
e Fran
que, p
o ingl
Sinatra
oferec
rias d
saber
às ma
me é
ser co
tica «
aquele
da ot
dia, K
gem
ceis c
béns.
sorriso
de «s
natra
como
gada,
to», e
suscit
sos. S
a Kr
tos co
safor
ianqu
de la
frade
negó
longo
que
pós
selho
pido
ces.
LIQ
entã
Gran
preg
cava
Fiqu
ry i
núnc
do o
te: o
meio
que
Esta
siast
que,
deita
«Pre
sário
se c
às c
EM
de v
& E
a co
sado
filme

meus autores favoritos. Há dez anos, eu era uma de suas ardoríssimas fãs italianas. Basta dizer que, quando no cinema de Pozzuoli exibiam filme dele, eu assistia a várias seções seguidas. Um dia, disse-lhe isso, como um cumprimento. Logo porém vi a «gaffe» que tinha cometido, pois ele me retrucou, pensativo: «Isso apenas significa que já sou bastante mais velho do que você...»

Já Sinatra é tipo mais estranho, mais bizarro. De vez em quando é alegre e expansivo; de outras, torna-se ensimesmado e soturno. Nos momentos de bom humor é excelente companheiro de passeios, inventando brincadeiras formidáveis. Sei bem, por experiência própria. Antes de começarem as filmagens, estudei oito meses de inglês, e achei que já o conhecia bastante. Quando porém dei de encontro com os americanos, vi que praticamente nada sabia da língua, pois não entendia uma só palavra do que diziam. Porque, lá entre eles, Cary e Frank falam «slang», uma língua que, para quem, como eu, estudou o inglês ortodoxo, não faz sentido. Sinatra, com cortesia cativante, ofereceu-me lições gratuitas e diárias de «slang», e por ele vim a saber várias frases aplicáveis às mais diferentes ocasiões. Disse-me ele que, agora sim, eu podia ser considerada como uma autêntica «english-talker». Apreendi todas aquelas frases e fiquei à espera da oportunidade de usá-las. Um dia, Kramer, ao término da rotação de uma das cenas mais difíceis do filme, veio dar-me os parabéns. Desfraldei o melhor de meus sorrisos, e sapequei-lhe uma frase de «slang» que, de acordo com Sinatra, seria assim qualquer coisa como «bondade sua», «muito obrigada, mas não é coisa para tanto», etc. Minhas palavras, porém, suscitaram uma tempestade de risos. Soube, depois, que agradecera a Kramer, pelos seus cumprimentos cordiais, com uma das mais desastrosas expressões idiomáticas ianques, assim alguma coisa capaz de fazer morrer de vergonha um frade de pedra... Desconfiada do negócio, recitei para Cary todo o longo repertório de frases de slang que Sinatra me ensinara. Cary pôs as mãos na cabeça, e aconselhou-me a esquecer, o mais rápido possível, todas aquelas tolices...

LIÇÕES DE VONTADE — Desde então, só aceito lições de Cary Grant, que é o único que não emprega expressões de gírias. É um cavalheiro perfeito, elegante e fino. Fiquei-lhe muito grato, porque Cary inclusive corrigiu minha pronúncia. Mas dele estou aprendendo outra coisa bem mais importante: o auto-domínio da vontade, por meio da auto-sugestão. É prática que se está tornando popular nos Estados Unidos. Cary é um entusiasta do método, e costuma dizer que, se uma pessoa, antes de ir deitar-se, afirmar para si mesma: «Preciso acordar às cinco, é necessário que acorde às cinco», é quase certo que acordará na verdade às cinco. É uma espécie de hipno-

●

EM SEU apartamento de Roma, já de volta de uma de suas excursões à Espanha, Sophia Loren recorda, a caráter, noites inesquecíveis passadas no grande país ibérico. O filme que fez na Península chama-se «Orgulho e Paixão».





S O F I A

«ORGULHO E PAIXÃO» revelará uma Sophia Loren mais sensual do que nunca, ao lado de Cary Grant. No filme, Grant apaixonou-se por Loren. E na vida real quase acontecia o mesmo.

tismo de si mesmo, capaz de suggestionar o Ego. Diz Cary que, há três ou quatro anos, fumava quarenta ou cinquenta cigarros por dia, e não bebia café, ao acordar: tomava uísque... Graças ao método da auto sugestão, porém, abandonou não só o fumo como os cigarros. Um dia, machucou-se gravemente no braço, porém suggestionou o espírito, a ponto de não sentir a mínima dor. Eu para dizer a verdade ainda não progredi muito nessa nova disciplina, mas espero, com o auxílio de Cary, ir longe no assunto. Até agora, só uma vez experimentei a veracidade do método: a última cena do filme, em que devo morrer com uma bala francesa no peito, aterrorizava-me. Nunca, na verdade, eu havia morrido num filme. E nem tinha visto ninguém morrer. Porém, obstinei-me, lutando com todas as minhas forças contra a verdadeira repugnância que sinto da morte, e parece-me que a cena não saiu má de todo. Cary me falou: «Tu te saíste muito bem. Dir-se-ia que durante a vida inteira tu te tivesses dedicada unicamente a morrer em cena...»

«Orgulho e Paixão» foi o filme que me deu mais satisfação, e mais trabalho também, até hoje. É a história de um canhão e de alguns guerrilheiros que combatem para expulsar da Espanha os soldados de Napoleão. Sinatra é um cabo, e eu sua intrépida companheira. Depois chega Cary Grant, a fim

de tomar conta do canhão a fim de transportá-lo a Londres. Ora, sem o canhão, os guerrilheiros nada poderiam fazer. Então... Bem, mas não quero tirar o interesse da película, contando-a assim de saída.

UM POUCO DE TRISTEZA — Da Espanha trouxe eu grandes recordações. Não gostei porém das toureadas, que me fizeram horror. Só vi uma durante três ou quatro minutos. Os espanhóis são mais ardentes que os italianos, se possível... E muito cordiais: quase todos os comparsas do filme, ao se despedirem de mim, trouxeram-me presentes: castanholas, mantilhas, garrafas de delicioso vinho... Se eu quiser deixar o cinema, acho que estabelecer-me-ei como dona de loja de **recuerdos españoles**...

Quando estava na Espanha, sempre que podia visitava Lucia Bosé, que mora próximo a Madri, em companhia do marido, o toureiro Dominguin. Lucia está radiante de felicidade com o nascimento de seu filho. Ela alcançou a felicidade com que sonham todas as garotas: tem um marido apaixonado, um filhinho e um lar. Amo meu trabalho, estou orgulhosa com minha carreira, a amizade dos fãs me comove. Mas eu abandonaria de bom grado o que já fiz, e o que tenho a fazer, se como Lucia Bosé, encontrasse um príncipe encantado que me proporcionasse o que Dominguin a ela proporcionou: a felicidade. — **Sophia Loren.**

Leiam

EU SEI TUDO

A MAIS COMPLETA REVISTA EDITADA NO BRASIL — LEITURA INSTRUTIVA E VARIADA AO ALCANCE DE TODOS — CIÊNCIA, HISTÓRIA, DOIS ROMANCES, CONTOS VARIADOS — INFORMAÇÕES DE UTILIDADE GERAL, CHARADAS, QUEBRA-CABEÇAS, ETC.

TODOS OS MESES A VENDA NOS JORNALEIROS — PREÇO CR\$ 10,00

ITINERÁRIO...

cair da noite cantassem e bailassem os escravos no Largo da Graça e no do Barbalho. Em fins de maio, porém, novo levante dos Aussás é denunciado ao governador. Seria a 23 de junho, com a participação dos **ganhadores** do Cais Dourado, da Rua do Corpo Santo, do Terreiro de Jesus e do Passo do Saldanha. Escravos de outras nações dar-lhes-iam apoio. Mas o servo João Aussá desvenda a trama e nove cabeças são detidos. Quatro foram, depois, enforcados na Praça da Piedade; três morreram nas prisões; os demais foram degredados para Angola, Benguela e Moçambique.

A 16 de fevereiro de 1816, os Engenhos Cassorângango e Quibaca — em Sergipe do Conde — foram assaltados e doze pessoas perderam a vida. O terror ganha o Recôncavo; escasseiam os mantimentos... Quando em 1826 presidia a Província o dr. Manuel Inácio da Cunha Menezes, outra tentativa se verifica. No ano seguinte, o Engenho Vitória — perto da cidade de Cachoeira — é depredado. A 1 de abril de 1830, nova rebelião se esboça: — um bando de escravos assalta certa casa de armas e ferragens existente na Rua do Guindaste dos Padres.

—o—

A insurreição de maior importância foi, no entanto, a delagada entre 24 e 25 de janeiro de 1835. Presidia a Bahia o dr. Francisco de Souza Martins.

Os Malês ou Mandingas seriam os inspiradores. Sectários de Maomé, eram sobremodo inteligentes e tinham fama de bravos guerreiros. Num plano preconcebido, dividiram-se os insurrectos em múlti-

BEIJO AMARGO

Os vácuos se precipitando a cada segundo, e a memória organizando uma exposição de quadros inconexos. Esquisito, mas o pensamento se fragmentava às vezes num esquartejamento de açougue. Pés pr'um lado, cabeça n'outro...

E nem um anjo de igreja abandonava os altares, trazendo uma mensagem de milagre. Sem dúvida, era a hora amarga das penitências. A hora irrecorrível, de cada um consigo mesmo, monólogo interminável da própria voz aos próprios ouvidos. A aflição pré-verbica, sem correspondência simbólica no limite das palavras... O silêncio intransponível lacrando lábios. Um silêncio anterior ao silêncio do som. Não como se as escadas dormissem longas pausas, e sim, como se não existissem escadas.

— O que você tem?

Vinha o pudor de revelar-se. A cerimônia de espantar os outros a quilômetros do seu mundo... Cansá-los na longa viagem.

— Uma dor de cabeça impertinente.

E a cabeça ficava entendida no conjunto das células nervosas, no caixão ósseo, metade embrulhada pelos cabelos.

Mas tudo não era tão simples

(Continuação da página 30)

plos grupos. A um só tempo, atacaram a guarda da Praça do Palácio e os «Permanentes» de S. Bento. Espalharam-se pelo Terreiro de Jesus, pelo Forte de São Pedro, pela Baixa dos Sapateiros, pela Rua de Baixo, pela Boa Viagem e pelo Bonfim. Por toda a parte matavam, feriam, saqueavam...

Mas o ataque ao quartel de Cavalaria de Água de Meninos valeu-lhes a derrota. O campo da luta ficou juncado de cadáveres. Batidos trágicamente os que puderam fugir internaram-se no matagal que cobria a encosta ou se atiraram ao mar. E, no mar, um escaler da fragata «Baiana» despejava sobre os fugitivos saravadas de bala... Ao amanhecer, a cidade estava em paz.

Nas buscas então efetuadas, muitos emblemas, insígnias, coroas, táboas e papéis cobertos de caracteres arábicos foram achados pela polícia. Os implicados no movimento negavam que lhes pertencessem. Algo da documentação apreendida — com trechos traduzidos por um Aussá — está no Arquivo Público da Bahia. Prende-se à revolta e encerra versículos do Alcorão.

No dia 6 de maio, a força do Campo da Pólvora foi examinada pelos «peritos carapinas» Pedro Fernandes e Saturnino Joaquim da Mota. Julgada imprestável, outra foi mandada erguer. Mas no dia 13, o chefe de polícia comunicou ao governador Manuel Antônio Galvão que na Cadeia da cidade, na do Barbalho e na da Ribeira dos Galés não havia detento que quisesse — no dia seguinte — executar os condenados. Foram, então, — 14 de maio de 1835 — passados pelas armas.

(Continuação da página 51)

que a solução estivesse num sedativo. Por que nunca enxergaríamos os outros, nem os outros a nós? Senão dessa maneira primária de distinguir a forma e o volume dos corpos? Em resumo, olhamos as criaturas como objetos! Não nos levavam elas além das percepções sensoriais. As abstrações não aproximavam os homens em suas individualidades. Era no culto a si mesmo, num narcisismo imanente, que cada um encontrava. Entretanto, a condição mundana exigia uma vida dupla. Onde todos se imitavam, se repetiam pela semelhança das necessidades. Os dias traziam o horário irritante do café, do almoço, do jantar... O itinerário das ruas... O programa dos trabalhos... As noites, o sono e a fecundidade... Criavam-se os atores para que a tragédia não se interrompesse na milenar representação. E, debaixo desse imutável agitar de todos os dias, a luta interior e única de cada ser tão vulgar na coletividade uniforme... Igualzinho aos outros, e apenas número na multidão quantitativa.

Assim, era inútil explicar o que ficava aquém ou ia além do seu beijo... Assim sofria o seu segredo, até que ele se evidenciasse materialmente e alarmasse a todos. Sempre distantes e implacáveis!

BEIJO AMARGO

Conto de ASTRID

HAVIA um vento bailarino na tarde vizinha da noite. Irônico, dessa ironia com que os homens se maltratam. Trazia-lhe às faces um beijo gelado, açoite na solidão. Paradóxico! Por mais frio, acordava-lhe um tumulto de chaleira fervendo.

Antigamente, à beira do fogão, assistia ao espetáculo das chamas que dançavam, da água cantante... Aprendia então o hábito que tinha de entornar. Fogo morto, cinza molhada... E a história bisava-se com novos personagens. Mas continuava a dura teimosia. «Finalmente a gente renasce talvez... Pois era assim que se gastava a vida, e sob cabelos brancos ia-se a mesma cabecita dos cachos embonecados.

Enfim, perdoe-se o vento. Abra-se os olhos à própria culpa, eterna a buscar desculpas... Romantismo açucarado. Onde o outro beijo? O que não foi ilusão, nem sentimentalismo de cinema. Ali os sentidos reclamavam uma ausência. O corpo, fruto maduro na expectativa de uma colheita. O chão em grama, um lençol fôfo e verde... E porque o coração desdobrava uma alegria de guizos... E porque a solidão causava medo... E a espera fôra longa e de relógios estáticos... E os dias eram ociosos, sem razão de amanhecer ou anoitecer... E as luas noturnas amolavam foices na garganta presa de sua angústia... E a angústia era roupa que a deixava, ainda que nua...

Tudo fôra daquele modo. — Que modo? — era a pergunta para a boca dos ingênuos. E a resposta estava nos conceitos e preconceitos da sociedade, evidente, elaboradíssima! Nos altos falantes das matronas vetustas, catedráticas de moral e mendigas de caridade. Com que direito julgavam? Fariam melhor tricotando, chorando os dramalhões das novelas radiofônicas... Mas não! Seria egoísmo se não espiassem os atos e não remexessem as gavetas alheias... Seria falta de bondade não protestar contra os erros...

Agora o que diriam?

— Bem te dizia... E' preciso respeitar a experiência dos mais velhos. Pássaro saciado bote as asas, e o terreiro fica vazio.

Havia um montão de coisas a contar, mas os ouvidos não ouviriam senão uma explicação, onde se forjassem argumentos para impor uma inocência. Qualquer confissão seria rechassada como cinismo do que aceita seus desmandos. Alguém pensaria na humildade do que se apresenta estarrapado, exposto à dignidade ultra-sensível dos demais?

Nessa situação viçavam os segredos. E os segredos eram sentinelas que amuralhavam. Inútil o desejo de dar-se um pouco. Para que a comunicação de uma realidade tão sua, vista em função de cada um? Cada um deturpando-a de seu ângulo e sentenciando. Submetendo (que ridículo!) o inelável a leis de ferro...

As conversas eram convencionais. Com palavras de sentido apenas gramatical, mantinham-se as sociáveis relações de cortezia.

— E, essa semana tem chovido muito...

— Um calor de verão...

Repisavam-se as coisas tão implícitas, tão eloqüentes, quando não havia o medo de se indispor. E a condescendente proposta de paz:

— Pois é, cada qual com a sua opinião.

E, no final, havia a falsa glória de pensar:

— «Respeito os pontos de vista dos outros.»

Onde ficava então o temor orgulhoso de não querer ceder? A preguiça espiritual de examinar cuidadosamente suas razões?

Era engraçado, ridículo mesmo! Nos desabaços, só interessavam os episódios, as situações

anedóticas. A alma se encolhia, silenciosa, tímida.

... E a sensação de que o céu não seria azul por muito tempo, de que havia um convite no ar, em insistência de perfume... Aquê transbordamento afogante, precisando correr... A liberdade revolucionária a romper diques, alagar caminhos... Tudo associado à ânsia de cantar a vida; mais a negligente entrega às situações de cada momento; mais a calma e cega aceitação de tudo; mais o medo de subtrair-se ao mundo, em fuga... E a justificativa de uma solidão prolongada, apesar da multidão que a espremia... A permanência impermeável que as cotoveladas de cada dia não resolvem nem corrigem... Mesmo o protesto do estranho que lhe pisava os pés e parecia dizer: — «Estou aqui, sentiu?» — O eco de sua dor que era sempre mais forte que qualquer presença...

O conflito oculto não encontraria nunca auditório a compreendê-lo. Uns ririam do sentimentalismo desenfreado que dramatizava, com-

plicava tudo. Surgiriam cumprimentos à taculidade imaginativa e, assim, pseudos professores: — «A vida é simples! Aprenda a viver! —»

Como se a simplicidade do mundo criasse um padrão, como se fôssemos máquinas, impulsionadas pela mesma energia no automatismo das rotações, como se reagíssemos primariamente na matemática das substâncias químicas. Talvez fôsse melhor, mas seria renunciar-se, leiloar por nada as ninharias inerentes, crescidas com os tempos... Constitutivas na forte percentagem do passado, argamassa de toda criatura... E a essência de sermos? Enforcá-lo no dinamismo incontrolável de correr, sem levar o sonho de um país, a bússola de uma convicção?

Agora trazia a vida como um objeto que lhe sobrava nas mãos. Acaso os dedos lhe encolheram? Pudera enfiar-se numa roupa de menina! Pudera brincar de roda, de «passear na floresta enquanto «seu» lobo não vem...!» (O medo ingênuo e pequenino do lobo mau). E as figurinhas de sombra nos muros vestidos de luar.

— Borboleta!

— Borboleta não! Orelhas de elefante...

Asas ou orelhas? Quem saberia? Os dedos em frente à luz criavam uma mensagem lacônica, onde cada um se traduzia no simples esforço de traduzir. A visão afetiva das coisas, prorrogava uma infância, quando as certidões já atestavam maturidade. Que sombra projetava? Acaso lhe alteraria a interpretação da vizinha, o elogio (caridoso ou hipócrita?) da amiga, a imposição da família, que exigia sempre uma postura heróica? Os pais tinham mãos afeitas mais aos aplausos que ao consólio enfermeiro. Assim, se muitas vezes nos erguam pedestais, negavam muletas às pernas, quando paráliticas. As suas andavam trôpegas. Como trôpegos e intermitentes lhe andavam os pensamentos.

(Continua na página 50)

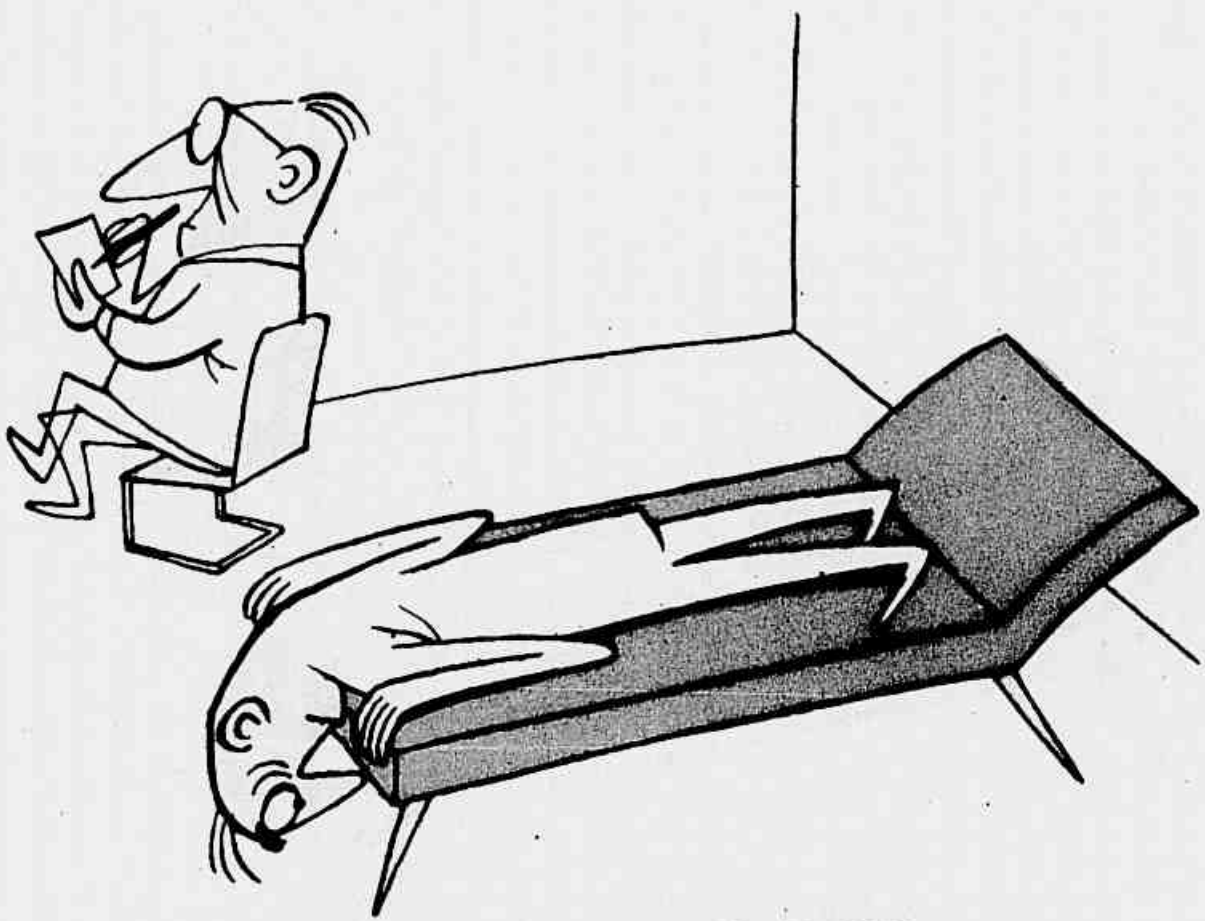


FORTUNA (completamente relaxado) **APRESENTA**

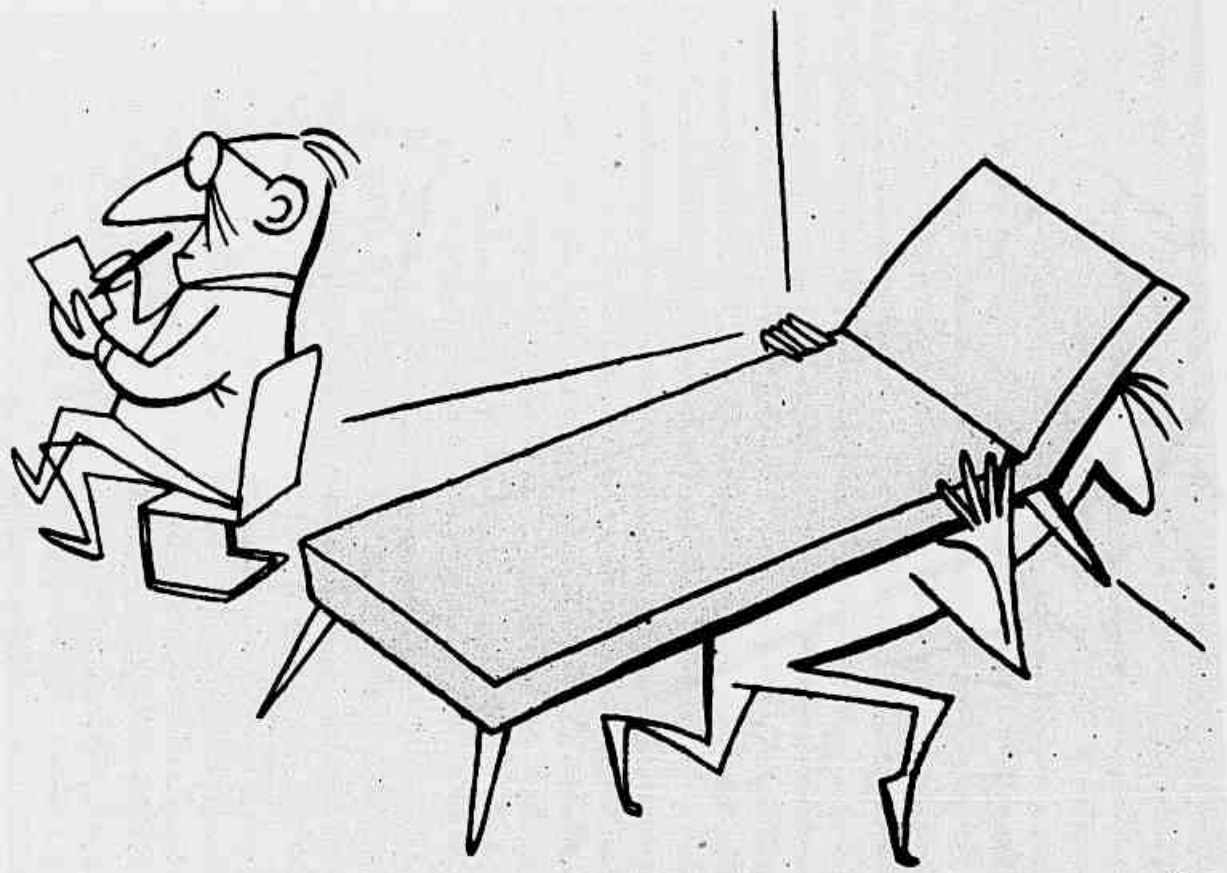
No Divã da Psicanálise



— Veja o que o sr. pode fazer por êle, doutor.
Ele acha que tem um parafuso a menos.



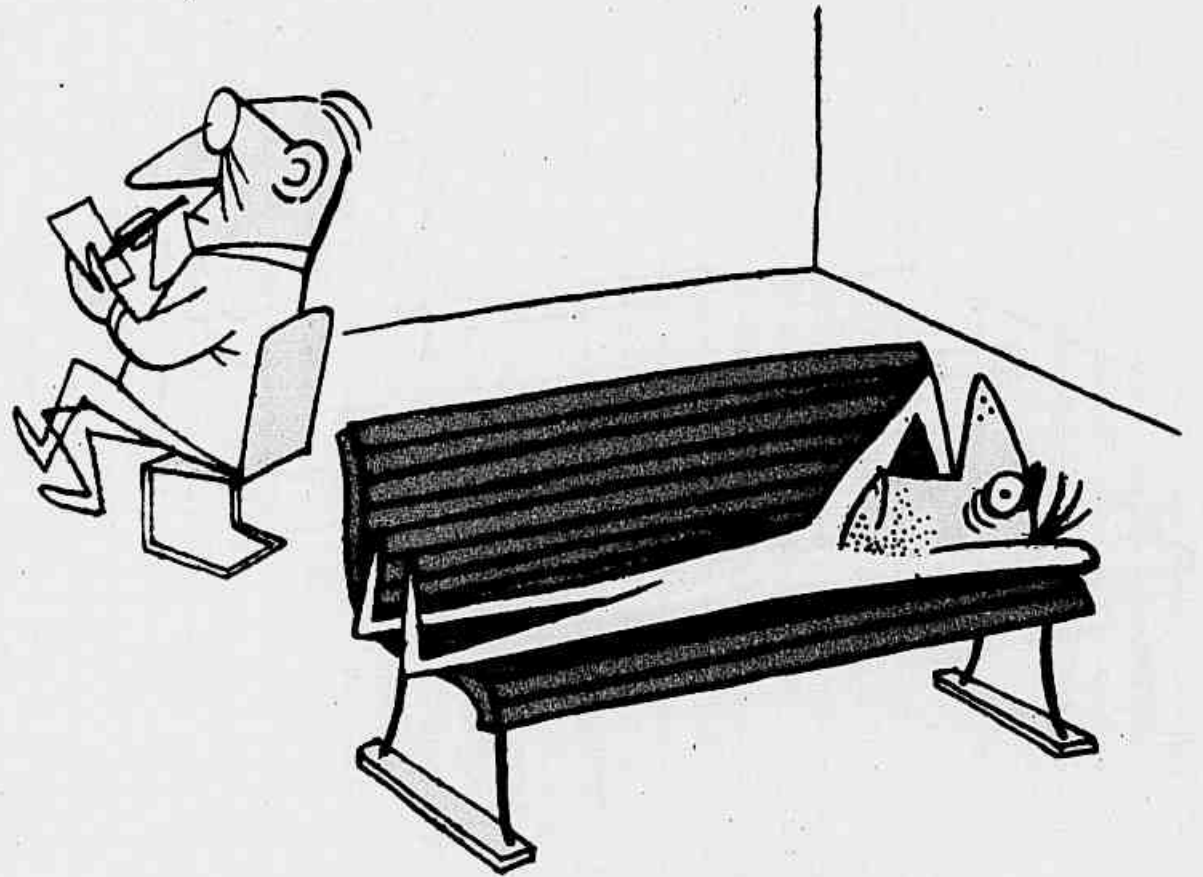
MANIA DE PERSEGUIÇÃO



CLEPTOMANIA



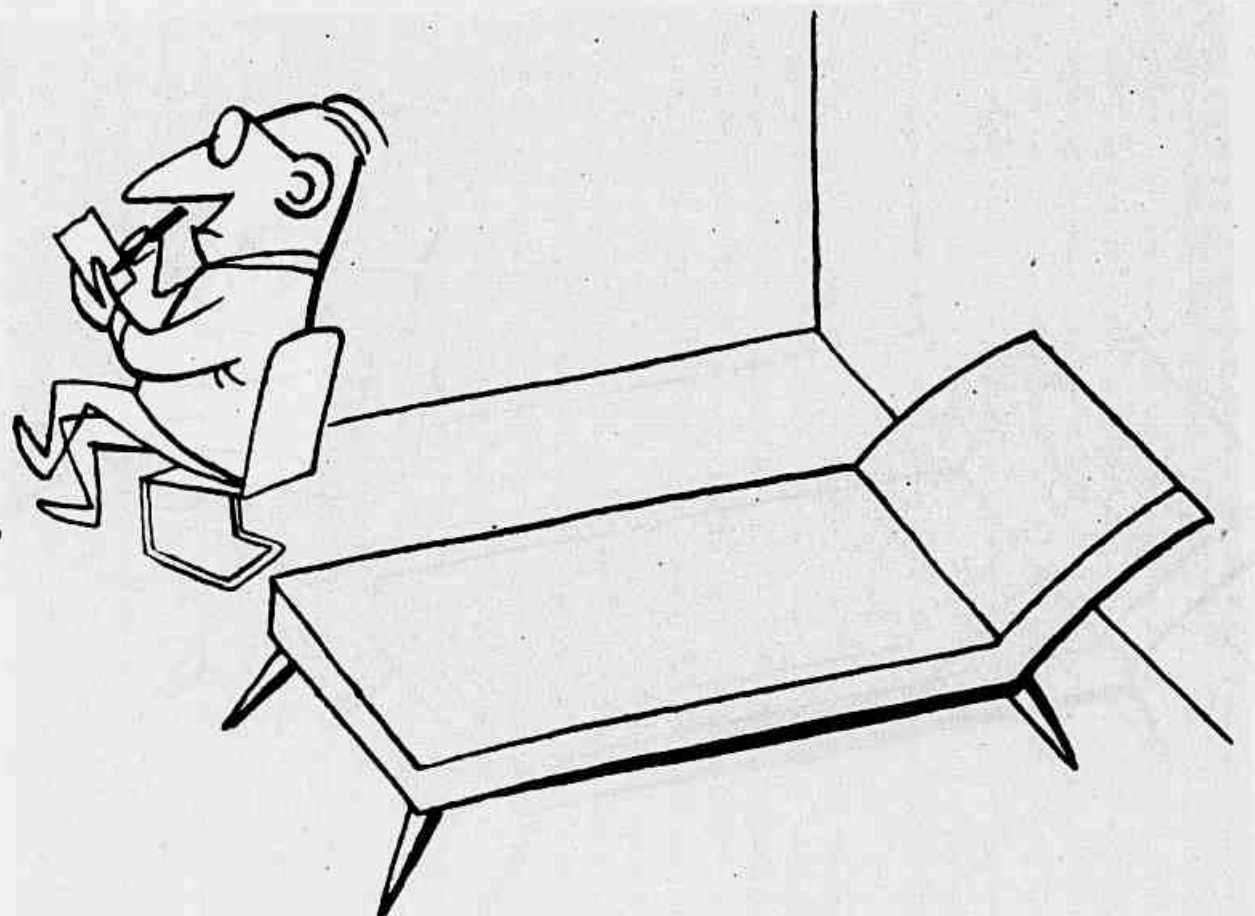
COMPLEXO DE SUPERIORIDADE



SENTIMENTO DE FRUSTRAÇÃO



MADAME E SEU COMPLEXO DE CULPA



DESEJO DE EVASÃO

CONVERSA DE MULHER

LÍGIA JUNQUEIRA

CONVERSAR

A forma de conversar, a tonalidade da voz, as palavras empregadas revelam claramente a educação de uma pessoa. Por isso, atenção àquilo que diz. Não fale apenas por falar, mas pense antes no que vai dizer, procurando dar-lhe uma forma agradável e facilmente compreensível para quem ouve. Principalmente, nunca empregue um tom de voz muito alta, a não ser quando absolutamente necessário. Naturalmente que, para aprender a falar corretamente, você deve estudar a sua língua — ler bons autores, estar sempre em contacto com pessoas que saibam conversar. Se você observar uma pessoa que «fala bem», há de ver que três coisas são evitadas:

◆ **FALAR SEMPRE EM SI.** Os que o fazem são pessoas que não tem nenhuma noção do que pode interessar aos outros. Raramente casos pessoais e elogios à qualidades próprias constituem conversa interessante para quem ouve.

◆ **DISCUTIR.** Pode-se muito bem divergir sem chegar à altercação, ainda que toda a razão esteja do nosso lado, ou que defendamos a «nossa idéia» apaixonadamente.

◆ **EXCLAMAÇÕES.** Você já observou como é ridícula uma pessoa que não diz três palavras sem duas exclamações? E não se tem prazer nenhum em ouvi-la, pois a conversa fica sem seguimento e até sem sentido. Também frases inúteis como: «Entendeu?», «Não acha?», e semelhantes, precisam ser evitadas.

Finalmente, eis a qualidade mais importante: saber escutar. Não é tão fácil como parece, mas se você sabe ouvir com atenção as pessoas que lhe falam será sempre bem-vinda numa roda de bons «causeurs».

SUA BELEZA

e até mesmo o sal grosso, fazem o mesmo efeito e se quiser um pouco de perfume ponha algumas gotas do seu preferido.

Para um banho refrescante a temperatura da água deve ser um pouco inferior à do corpo, isto é, mais ou menos 32 graus. Já para as pessoas mais velhas, com mais de 50 anos se aconselha o banho na temperatura do corpo (36 1/2 graus).

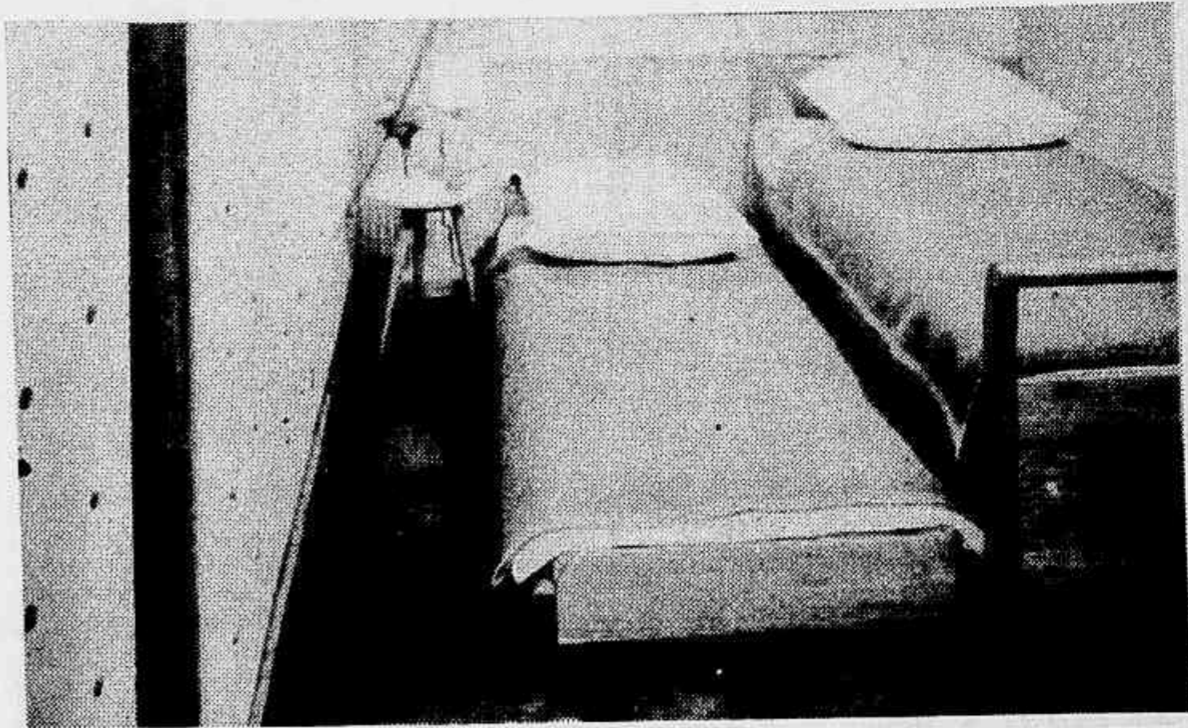
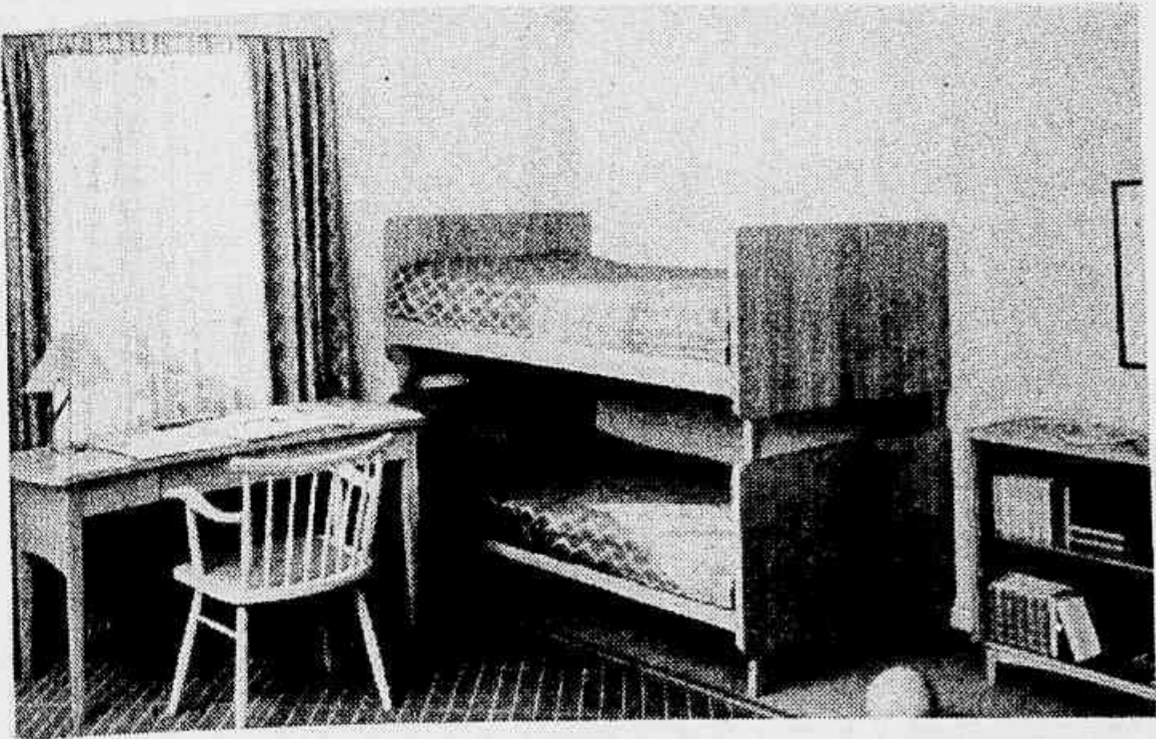
Quando a água da banheira estiver na temperatura desejada, despeje o sal, que se dissolve rapidamente. Entre na banheira e repouse de 15 minutos a 1/2 hora. Se sua banheira for pequena e não lhe permitir o repouso deitada, ou se você não puder dispor de muita água, use uma esponja grande

para molhar os ombros e o pescoço. Com a esponja faça, em qualquer caso, uma boa fricção em todo o corpo para ativar a circulação. Você deve saber que uma boa circulação é fonte de saúde e de juventude e todo tratamento que estimula a circulação é embelezador.

Experimente fazer uma temporada de banhos de sal — 2 ou 3 por semana — durante um mês. Verificará que seus olhos, sua pele e seus cabelos se tornarão mais sadios e brilhantes. Depois do banho salgado pode enxaguar o corpo em água doce, num chuveiro, se preferir. Isso no entanto, não é absolutamente necessário. (Na foto Rosalind Russel — Paramount).

◆ Os banhos salgados são extremamente saudáveis e felizmente estão ao alcance apenas das pessoas que moram perto da praia. Todos sabem que um banho de mar demorado é calmante e repousante para os nervos. Se, porém, você não pode ou não quer ir até o mar para o seu banho, experimente o descanso numa banheira cheia d'água salgada. Bastarão apenas 2 xícaras de sal para meia banheira d'água. Não é preciso usar para isso sais de banho especiais perfumados e... muito caros. O sal de cozinha,





SUGESTÃO PARA O LAR

◆ Voltamos a falar do velho problema dos novos apartamentos: a falta de espaço. Duas camas num quarto reduzido é o normal para duas crianças. Eis as soluções de decoradores alemães: camas beliche (o que não é novidade) e camas que se engavetam (uma idéia mais nova). Ambas, porém, foram apresentadas com bom gosto, em móveis de linhas agradáveis, e práticas. E' importante que as crianças tenham espaço para brinquedos e estudos e a solução é, mesmo reduzir a área ocupada pelas camas, ao menos durante o dia



Se a roupa de lã está com manchas de gordura, o melhor método para limpá-las completamente é ensaboá-las a seco um dia antes de lavar a roupa. E já que estamos no assunto «tecidos de lã»: se lavá-los em água avinagrada suas cores voltarão à vivacidade primitiva.

um pouco de «cremor de tártaro» (uma colher das de sopa por litro).

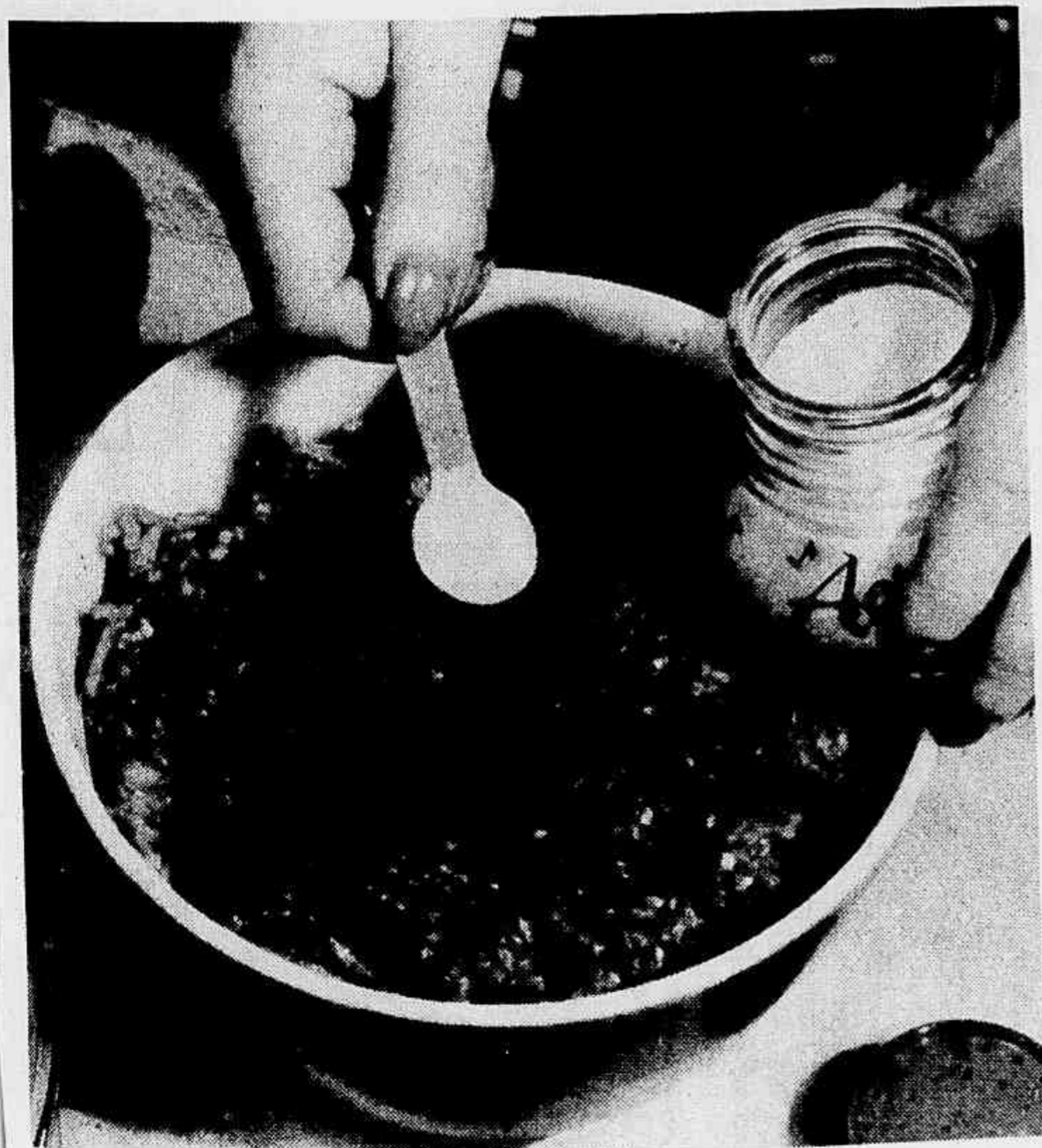
Quando o creme para limpar sapatos ficar ressecado e quebradiço não o jogue fora. Umidêça-o com um pouco de terebentina que voltará à consistência boa para ser aplicado.

Se acrescentar uma colherinha de vinagre branco à preparação de goma de amido que usa para engomar a roupa, o ferro correrá com maior facilidade e a roupa ficará mais lisa e brilhante.

Um bom sistema de clarear roupa branca que tenha amarelado é deixá-la de molho por toda uma noite em água na qual se dissolveu

Se você tiver o cuidado de colar na parte inferior das molduras de seus quadros — por detrás — uma tira de lixa grossa, verá que eles se manterão sempre na posição em que foram colocados. Quadros tortos nas paredes causam péssima impressão, e não são nada estéticos.

WEEK-END NA COZINHA



Se você tem o bom costume de aproveitar as partes da carne que não dão bifês, nem assados, passando-as na máquina, há de gostar da receita de hoje que é muito saborosa.

1 — Cozinhe em água e sal 3 xícaras de batatas cruas, picadas em quadrados; 2 xícaras de cenouras cortadas ao comprido.

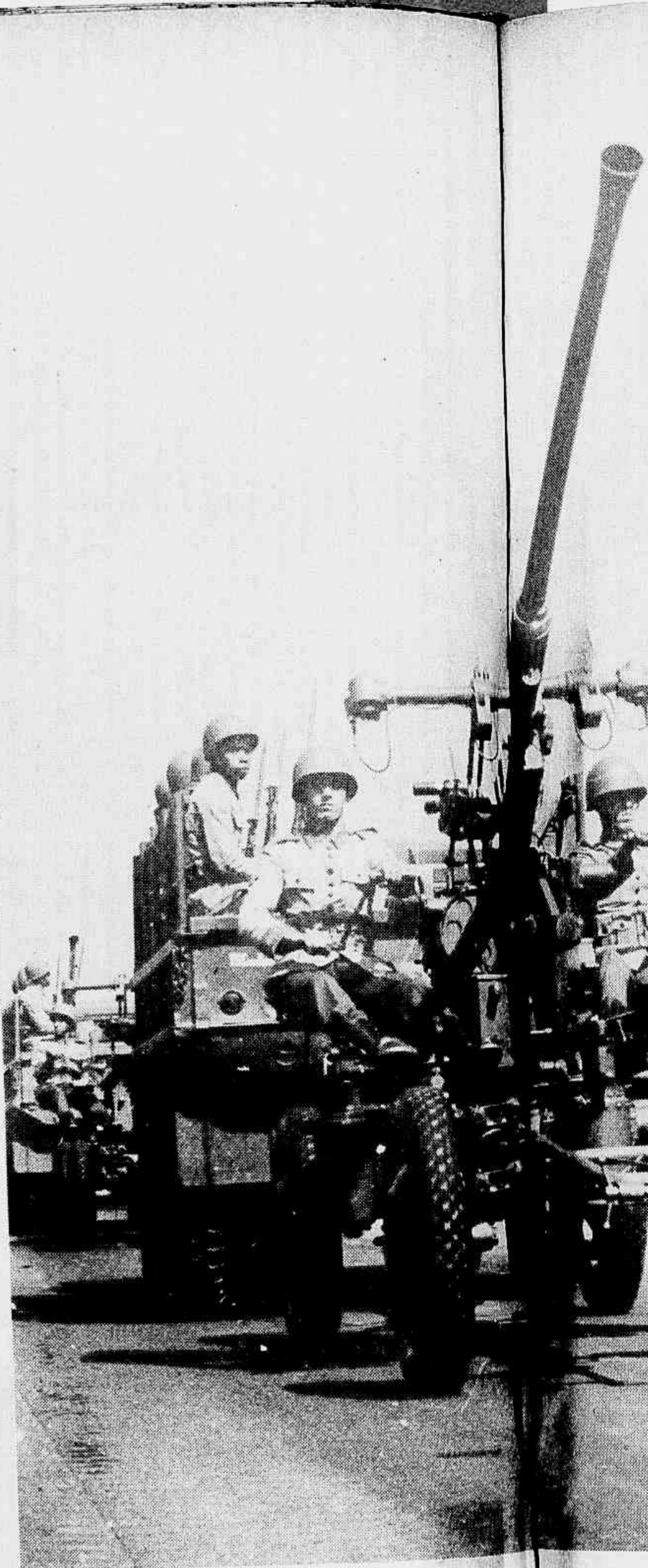
2 — Refogue uma cebola picada em 4 colheres das de sopa de manteiga, junte água e farinha de trigo suficientes para um molho branco não muito duro, ao qual se jun-

tam os legumes cozidos, misturando bem. Arrume, legumes e molho, numa caçarola de pirex.

3 — Misture a carne moída com sal, pimenta, tomate sem semente e sem casca. Forme pequenas almôndegas, doure-as num pouco de manteiga e arrume-as sobre a caçarola com as verduras ao molho branco. Espalhe um punhado de parmezão por cima.

Ponha em forno moderado, de 20 a 25 minutos.

Nota: a receita, com 800 gramas de carne moída, é suficiente para 6 porções.

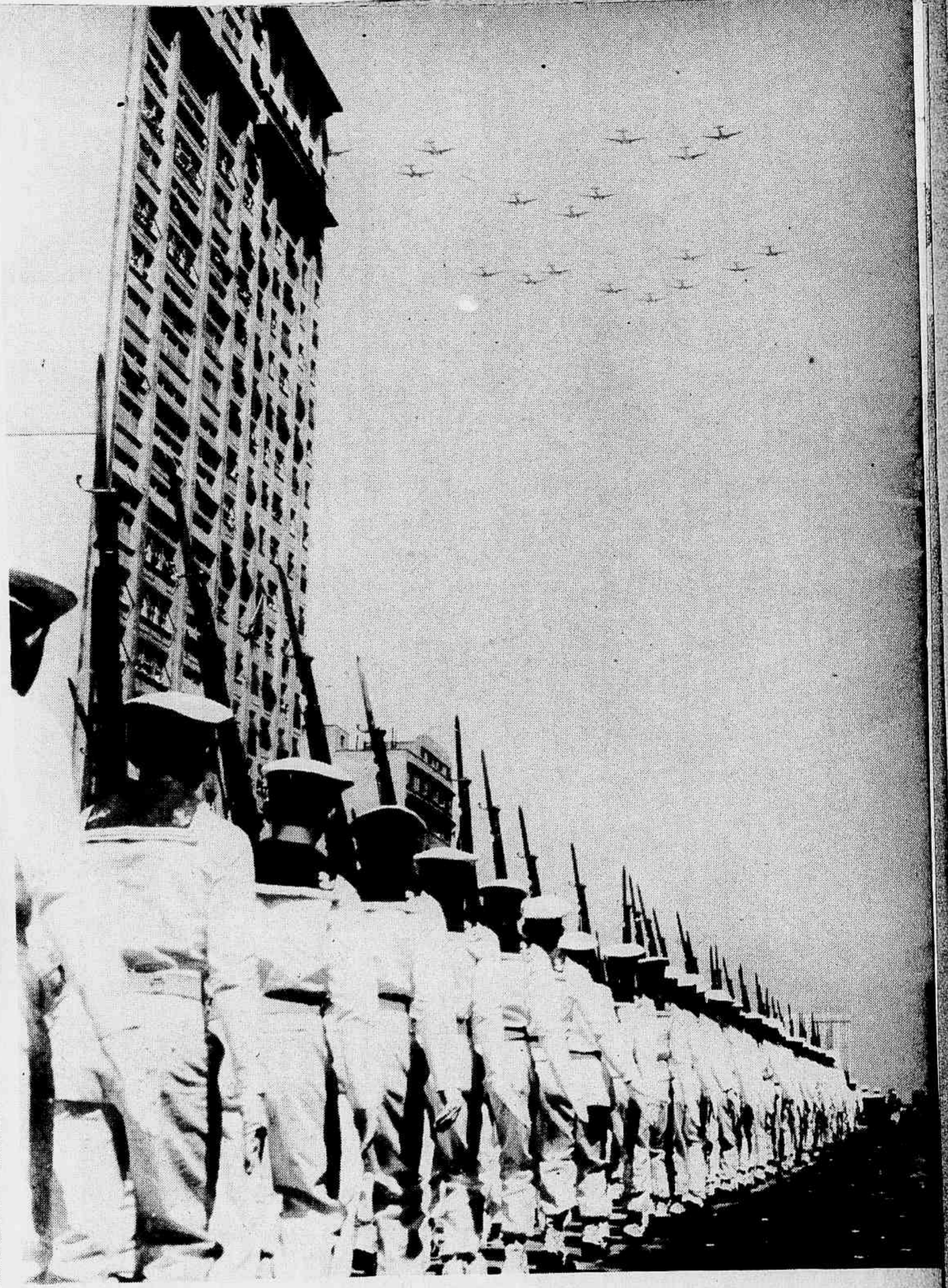
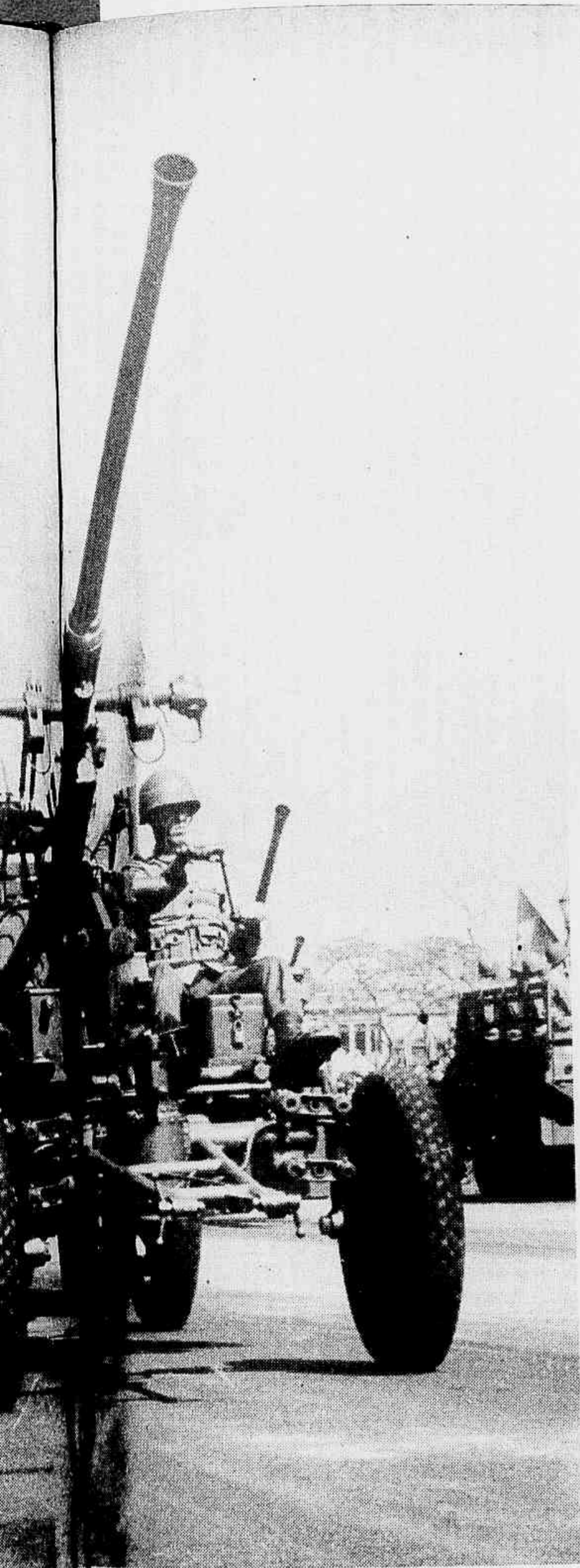


O PRESIDENTE Juscelino Kubitschek e sra., o vice-Presidente João Goulart, o ministro Teixeira Lott e altas autoridades, assistiram do Palanque Pre-



A PARADA MILITAR DE SETE DE SETEMBRO

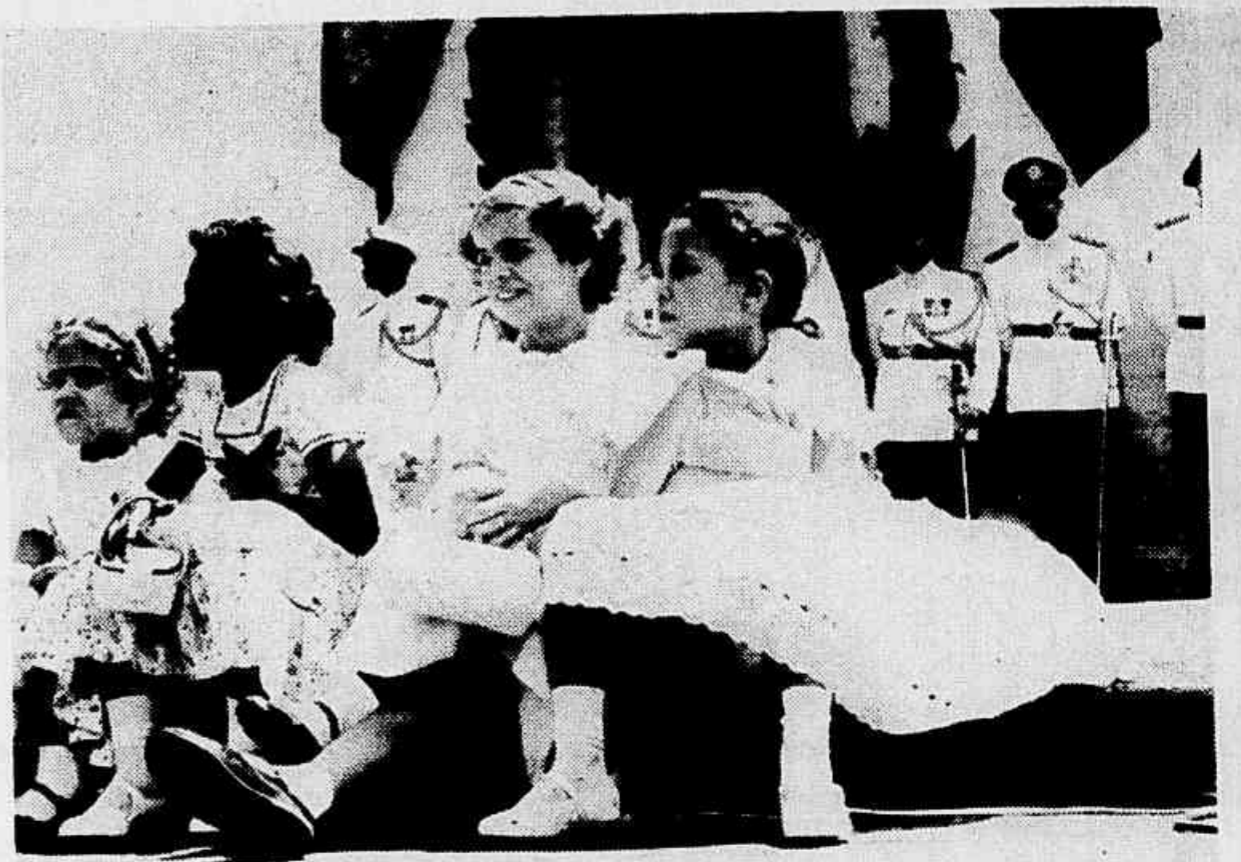
sidencial c
O Qu
Três
dênc
Urug
Cont
Apa

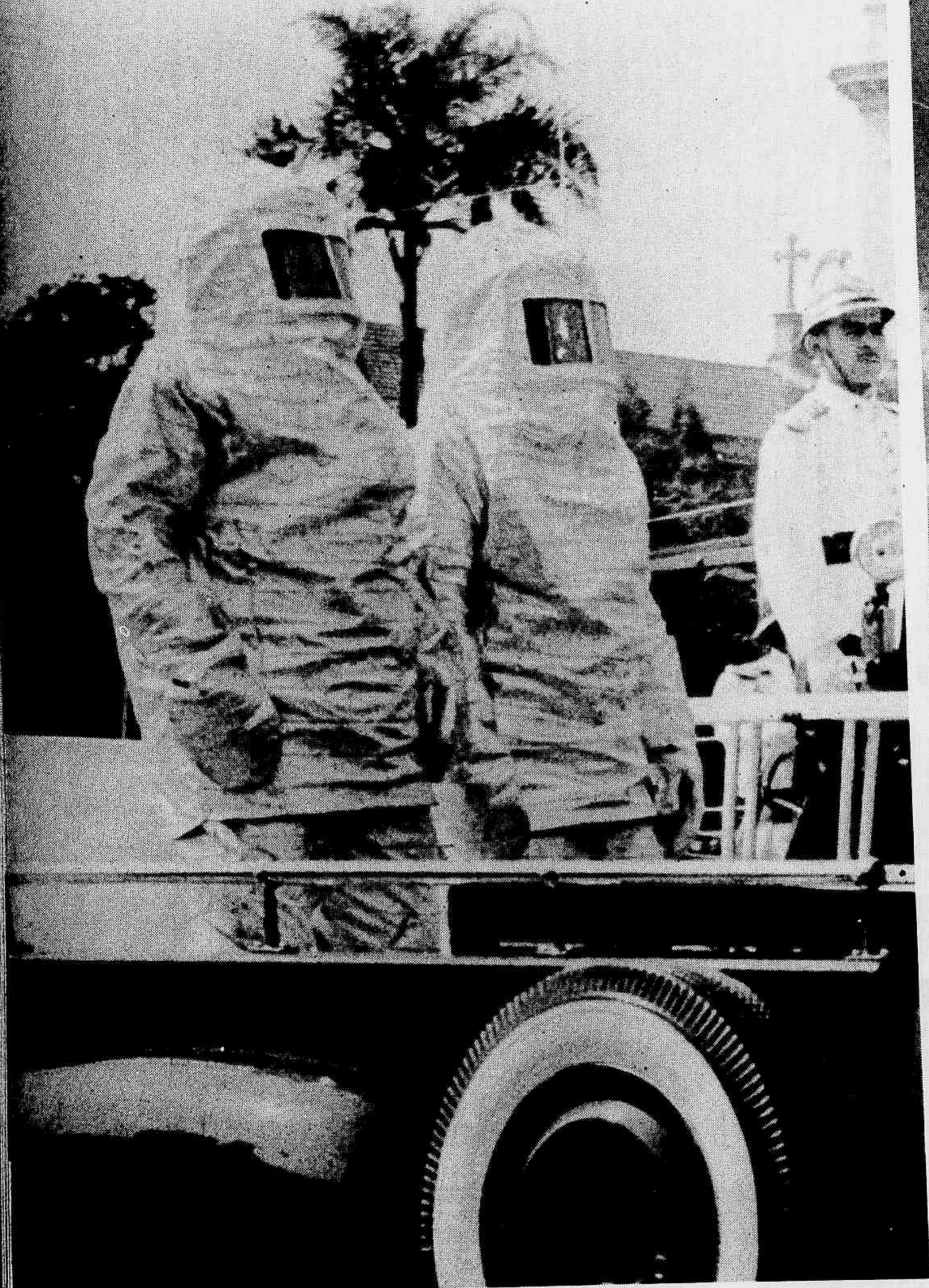


e Pre-

idencal ao desfile, que esse ano, além de contar com as unidades de nossas três armas, teve a abrlhantá-lo a presença de marujos uruguaios.

O Que Foi o Grande Desfile das
Três Armas, No Dia da Indepen-
dência — A Presença dos Marújos
Uruguaios — Novos Uniformes
Contra o Fogo e uma Seção a
Aparecer: a Guerra Química.





ROUPAS ESPECIAIS de asbestos, para o combate ao fogo, desfilaram, arrancando exclamações de espanto aos admiradores. E os aviões da Força Aérea Brasileira, em vôo vertiginoso, de quando em quando atrovavam os ares, lançando aos céus uma longa e sinuosa trajetória de fu-

FOI comemorado de maneira brilhante, a exemplo do que acontece todos os anos, o Dia da Independência do Brasil, no Rio de Janeiro, onde essa comemoração assume, sem dúvida alguma, maior retumbância, graças à grande parada militar realizada na parte da manhã diante do Panteon encimado pela estátua eqüestre de Caxias, o dia Sete de Setembro, que amanhecera ameaçador, em breve se traduziu em uma agradável manhã, apropriadíssima para desfiles militares e outras manifestações ao ar livre. Diante do Palan-

que Presidencial, armado próximo ao Panteon Militar, e ao longo de extensa massa humana, que ocupava ambas as margens da longa e impressionante Avenida Presidente Vargas, desfilaram aproximadamente vinte e cinco mil homens de nossas Forças Armadas de terra, mar e ar. O novo Corpo de Guerra Química do Exército Brasileiro desfilou pela primeira vez no corrente ano, impressionando a todos os assistentes com seus equipamentos especiais. Também mereceram exclamações de admiração as novas roupas de asbestos

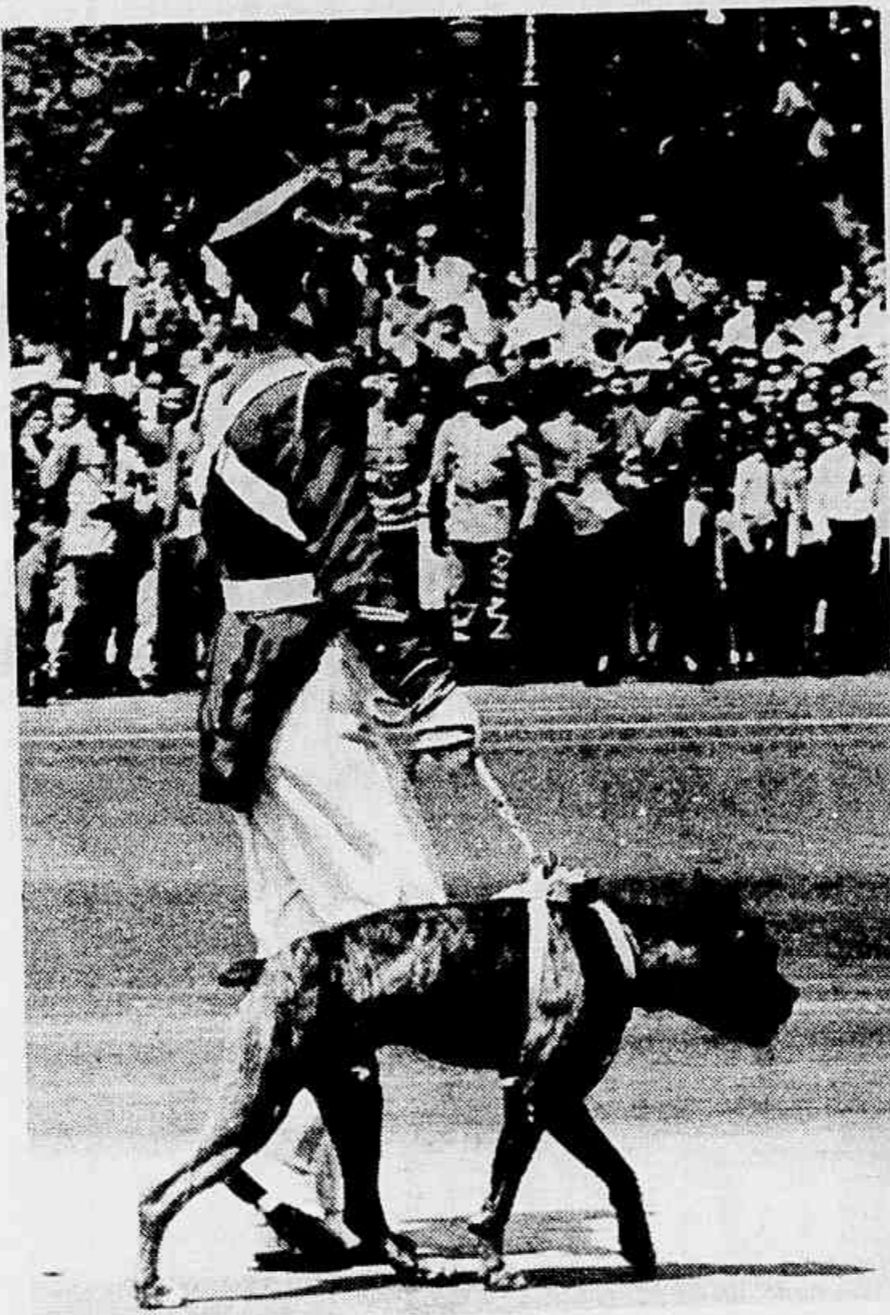
usadas por nossos soldados na luta heróica contra as chamas. Um contingente de marinheiros uruguaios desfilou, garbosamente, tendo sido bastante aplaudido pela multidão. Mas o que maior admiração suscitou foi um grupo de canhões inteiramente fabricados no Brasil, com material e mão de obras nacionais, e que veio mais uma vez atestar que já podemos fabricar, em grande parte, aquilo de que precisamos. Aviões das Forças Aéreas de quando em quando cruzavam o céu, deixando atrás de si extensas cortinas de fuma-



O CHEFE do desfile foi o general Odylo Denys. Constituíram porém espetáculo a parte os mas-



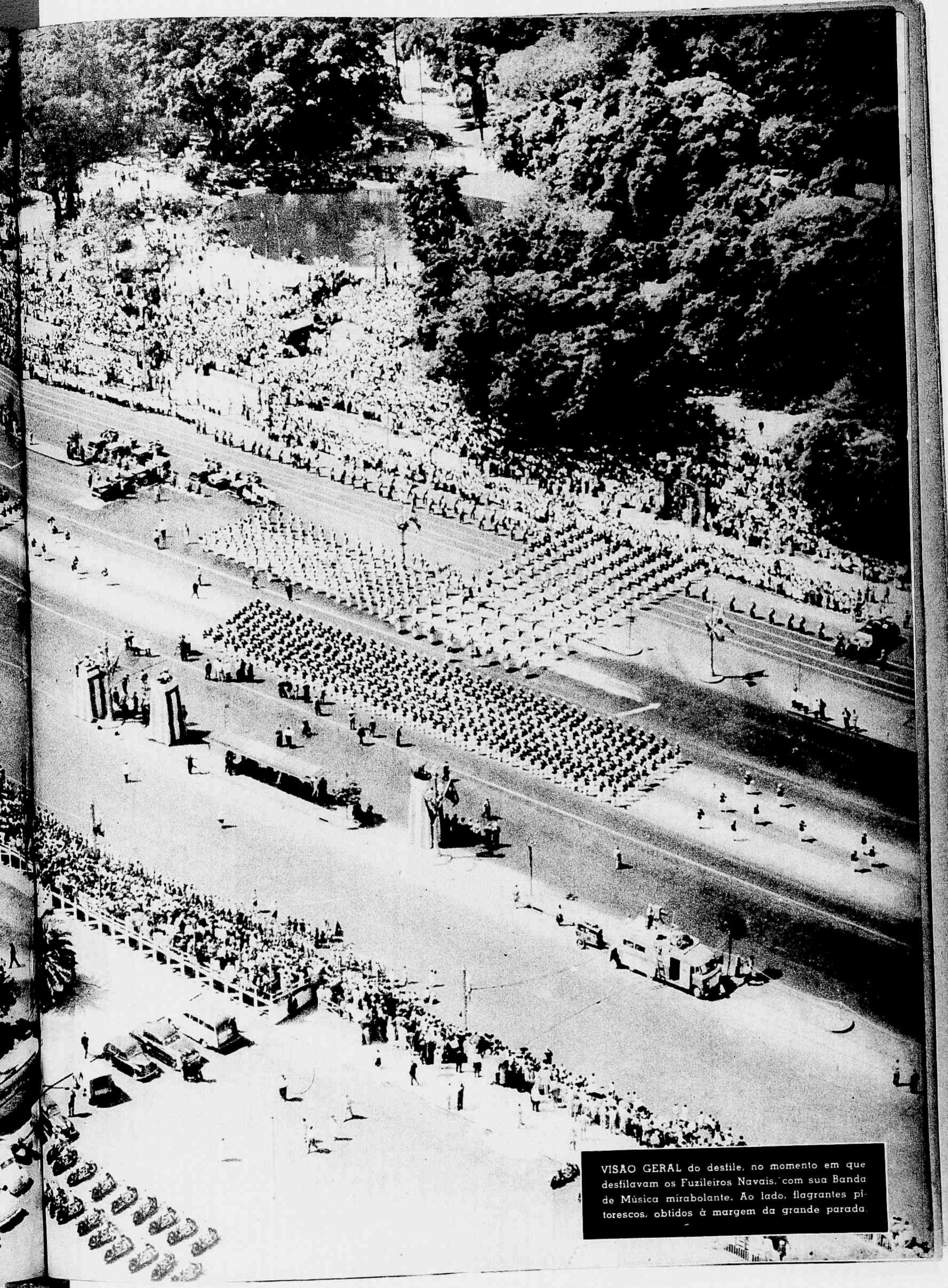
coles das diversas armas e corporações. Inúmeros oficiais norte-americanos assistiram à Parada.



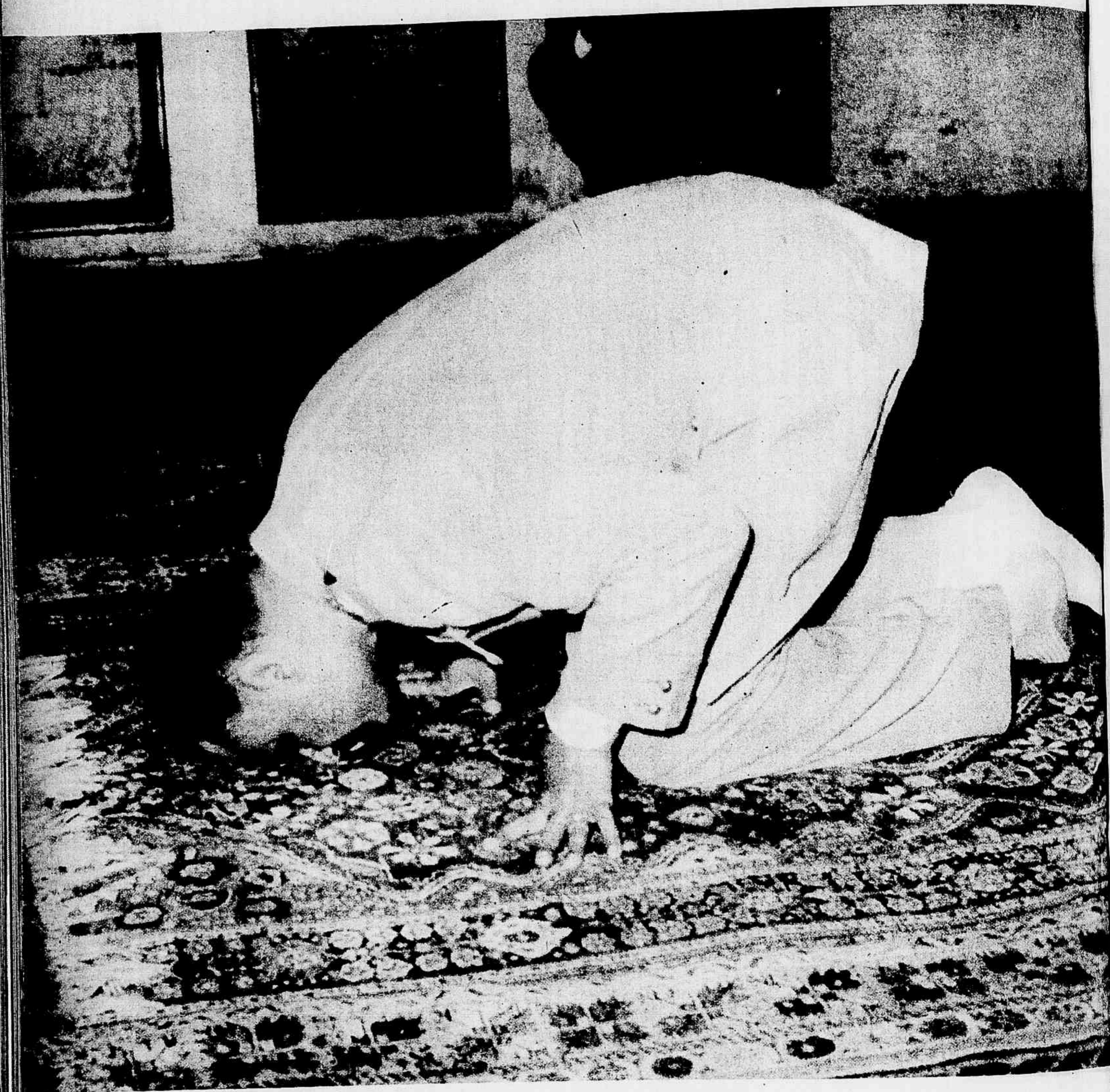
maça, até sumir-se por trás das montanhas. Um espetáculo maravilhoso, num dia excepcional.

ça, até desaparecer por detrás de algum edifício ou montanha. Do palanque especial, o Presidente Juscelino Kubitschek, sua esposa, vice-Presidente João Goulart, o chefe da Casa Civil da Presidência da República, embaixador Alvaro Lins, o ministro da Guerra, general Teixeira Lott, ministros de Estado, diplomatas e membros do Congresso, entre outras personalidades, assistiram ao desfile, um dos mais belos já realizados no Brasil. (Fotos Ernesto Santos, Ronaldo Teobaldo e Alberto Ferreira).





VISAO GERAL do desfile, no momento em que desfilavam os Fuzileiros Navais, com sua Banda de Música mirabolante. Ao lado, flagrantes pitorescos, obtidos à margem da grande parada.



★ NASSER REZA A ALÁ — O ditador Gamal Abdel Nasser, do Egito, o homem que teve a coragem de desafiar o poderio do Império Britânico, nacionalizando em poucos instantes o Canal de Suez, que pertencia há mais de oitenta anos à Coroa Inglesa, é homem temente a Deus, como parece estar demonstrando essa fotografia, tirada há algumas semanas em uma mesquita em Alexandria. Voltado para a direção de Meca — muita gente, decerto, dirá que na direção de Moscou... —, Nasser balbucia com fervor a última oração do credo muçulmano, pedindo que dias de prosperidade e de paz se aproximem do país milenar, que hoje atravessa talvez a mais grave de suas inúmeras crises.

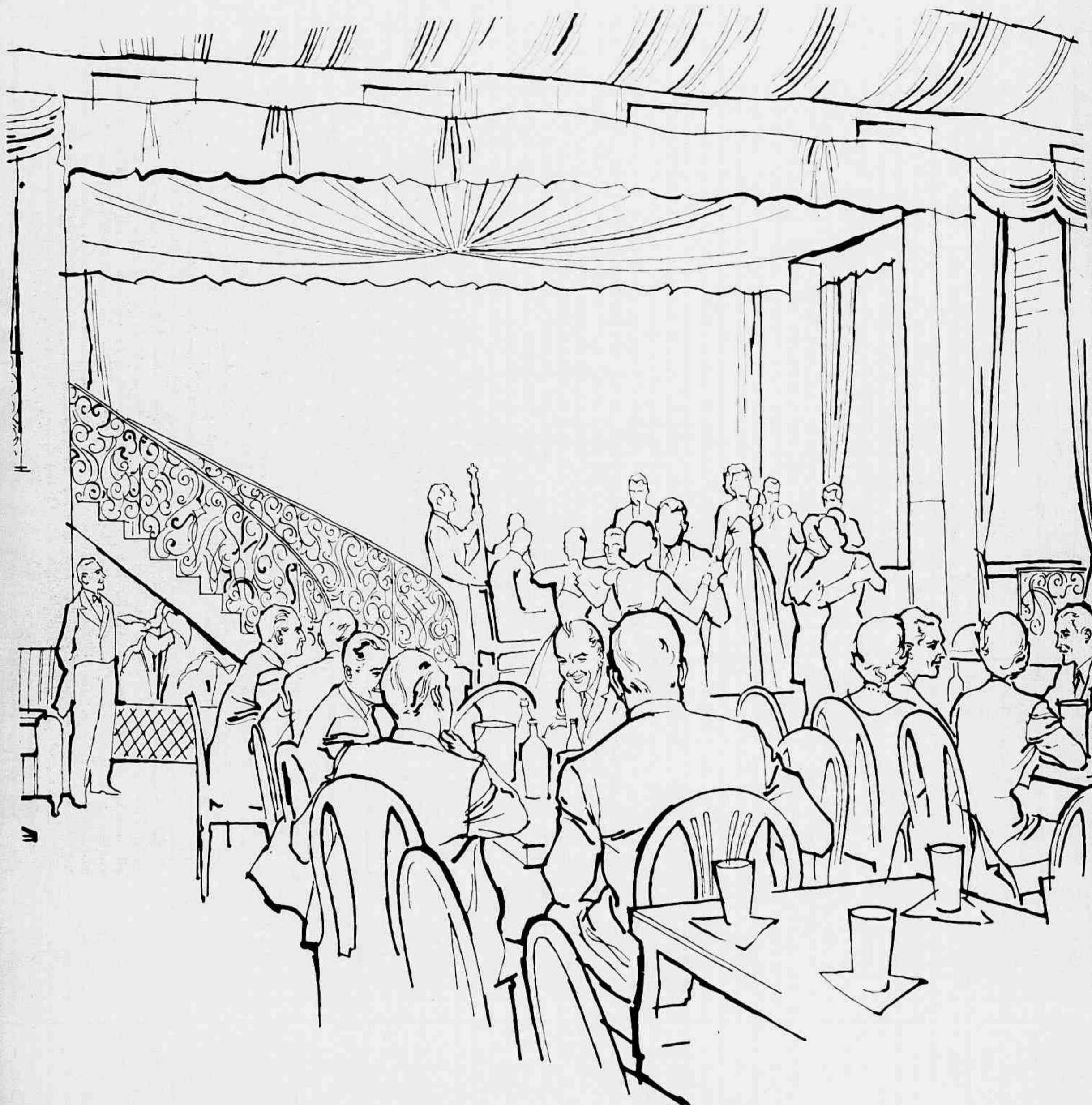
**A FIGURA
EM FOCO**



ANTÔNIO GALLOTTI

Indígena era a água,
De fora vinha o dinheiro.
Agora a coisa é mais nossa,
Pois o «braço» é brasileiro.

MEN
DES



nos centros elegantes do Brasil...

No Meia-Noite do Copacabana Palace, por exemplo, onde as pessoas de verdadeiro bom gosto se reúnem...

Bom gosto que se define nas maneiras elegantes, no ambiente requintado, no cigarro que fumam...

hollywood
uma tradição de bom gosto

